

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**ESCOLHENDO A ESCOLA PÚBLICA PARA OS FILHOS:
práticas e estratégias educativas familiares**

NAIARA MARCIANA DE PAULA

Mariana-2019

NAIARA MARCIANA DE PAULA

**ESCOLHENDO A ESCOLA PÚBLICA PARA OS FILHOS:
práticas e estratégias educativas familiares**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Marlice de Oliveira Nogueira

Mariana, 2019

P324e

Paula, Naiara Marciana de.

Escolhendo a escola pública para os filhos [manuscrito]: práticas e estratégias educativas familiares / Naiara Marciana de Paula. - 2019. 167f.: il.: tabs.

Orientadora: Profª. Drª. Marlice de Oliveira Nogueira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Área de Concentração: Educação.

1. Escolha da escola - Mariana (MG). 2. Escolas públicas. 3. Prática pedagógica. 4. Acompanhamento pedagógico dos alunos. I. Nogueira, Marlice de Oliveira. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 37.018.591(043.3)

Catálogo: www.sisbin.ufop.br



Naiara Marciana de Paula

Escolhendo a escola pública para os filhos: práticas e estratégias educativas familiares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFOP, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre (a) em Educação, e aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Mariana, 24 de maio de 2019.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Marlice de Oliveira e Nogueira'.

Profa. Dra. Marlice de Oliveira e Nogueira (Orientadora)
Universidade Federal de Ouro Preto

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Rosa Maria da Exaltação'.

Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação (Membro)
Universidade Federal de Ouro Preto

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Tânia de Freitas Resende'.

Profa. Dra. Tânia de Freitas Resende (Membro)
Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me propiciado vivenciar essa experiência maravilhosa, me fortalecendo nos momentos de tribulações e dificuldade.

Aos meus pais por terem sido sempre os meus maiores incentivadores, em especial minha mãe, pelo apoio e pelas palavras encorajadoras e sábias que me confortaram nos momentos difíceis. Aos meus irmãos pelo carinho e apoio durante o caminho que escolhi percorrer.

Ao meu marido que soube compreender minha ausência em determinados momentos, pelo seu apoio e pelas palavras de incentivo.

À minha orientadora Professora Marlice de Oliveira e Nogueira pelas contribuições sempre pertinentes, e, sobretudo, pela atenção e compreensão nos momentos de dificuldades e dúvidas.

Às professoras da banca, Tânia de Freitas Resende e Rosa Maria da Exaltação Coutrim, por terem gentilmente aceitado meu convite e pelas orientações essenciais que levarei por toda a vida acadêmica.

À diretora e às famílias que fazem parte da escola pesquisada que me receberam com educação e gentileza e compartilharam suas experiências, me oportunizando desenvolver este trabalho.

A todos os meus familiares e amigos que participaram direta ou indiretamente deste momento especial da minha vida.

RESUMO

Em vista da necessidade de ampliação dos estudos no Brasil sobre escolha de estabelecimento de ensino e formas de acompanhamento familiar da escolarização dos filhos, principalmente, em cidades do interior, a proposta da presente pesquisa foi investigar a relação entre família e escola, tendo como foco a análise dos critérios utilizados por famílias de diferentes grupos sociais para a escolha de estabelecimento de ensino público de educação básica para seus filhos e filhas. Para atingir o objetivo proposto, a metodologia teve uma abordagem qualitativa, utilizando como instrumentos para coleta de dados, questionários e entrevistas semiestruturadas. Primeiramente foi aplicado um questionário aos pais e mães de alunos de uma escola estadual da rede pública, considerada de prestígio no município de Mariana, Minas Gerais, e realizada uma entrevista semiestruturada com a diretora da escola. Na segunda etapa da pesquisa, foram entrevistadas oito famílias de camadas médias e populares com a intenção de compreender a percepção das famílias sobre a escola pesquisada e os motivos para a escolha do estabelecimento de ensino para a escolarização dos filhos. Os resultados da pesquisa indicaram que as famílias consideravam a oferta educacional do estabelecimento de ensino pesquisado de melhor qualidade em relação às outras escolas da rede pública da cidade. Esse fator as estimulava a desempenharem papel ativo na escolha da escola para os filhos, criando estratégias diversificadas para acessar a instituição escolar preferida, chegando, em alguns casos, a contornar o cadastro escolar ou ir diretamente à direção à procura de vagas. Os motivos que levaram as famílias a realizarem a escolha pelo estabelecimento de ensino em questão foram: as informações obtidas pelas redes sociais, a reputação da escola, o clima escolar, a forma e o respeito com que os alunos eram tratados, o afastamento da violência e as companhias dos filhos. Dessa forma, as famílias investigadas - mesmo aquelas que dispunham de poucos recursos socioeconômicos e culturais - se mostraram mobilizadas em relação à escolarização dos filhos, não somente no tocante à escolha da escola, mas também desenvolvendo outras estratégias de acompanhamento escolar para atender as demandas exigentes da escola escolhida.

Palavras-chave: Escolha do estabelecimento escolar, Escola pública, Práticas educativas, Acompanhamento escolar

ABSTRACT

In view of the need to expand studies in Brazil on the choice of educational establishment and forms of family accompaniment of schooling of children, mainly in cities in the interior, the proposal of this research was to investigate the relationship between family and school, focusing on the analysis of the used by families from different social groups for the choice of establishment of public and basic education for their sons and daughters. To achieve the goal proposed, the methodology took a qualitative approach, using for data collection, questionnaires and semi-structured interviews. Firstly, a questionnaire was applied to the students' parents from a state school considered by its prestige in the municipality of Mariana, Minas Gerais, and carried out a semi-structured interview with the school principal. In the second stage of the research, eight middle-class and popular families were interviewed with the intention of understanding the families' perception about the school being researched and the reasons to choose that school for their children. The results of the research indicated that families considered the educational offer of that institution of higher quality in relation to the other schools in the city. This factor had an active role in the choice of school for their children, creating diversified strategies to access the preferred school, arriving, in some cases, to circumvent the school register or going directly to the looking for vacancies. The reasons that led families to choose by the educational institution in question were: the social networks information, the reputation of the school, the school climate, the form and the respect to which the students were treated, the withdrawal of violence and the children's companies. In this way, the families investigated - even those with few socio-economic and cultural resources - were mobilized in relation to their children's schooling, not only in the school choice, but also developing other school attendance to meet the exigent demands of the chosen school.

Keywords: School choice; Public schools; Educational practices; School attendance.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Grau de parentesco dos familiares respondentes ao questionário em relação aos estudantes matriculados na escola	59
Tabela 2: Famílias de acordo com o número de pessoas residindo na moradia	60
Tabela 3: Presença de pai e mãe no ambiente familiar	60
Tabela 4: Famílias segundo o número de filhos	61
Tabela 5: Série e sexo dos filhos dos respondentes	62
Tabela 6: Tipo de estabelecimento escolar de escolarização dos filhos	63
Tabela 7: Faixa etária dos filhos	63
Tabela 8: Famílias segundo o local de moradia	64
Tabela 9: Famílias segundo o tipo de moradia	65
Tabela 10: Tempo de moradia das famílias no endereço atual.....	65
Tabela 11: Escolaridade do familiar respondente	66
Tabela 12: Escolaridade do cônjuge do respondente	67
Tabela 13: Ocupação do familiar respondente	68
Tabela 14: Ocupação do cônjuge do familiar respondente	69
Tabela 15: Famílias segundo a renda familiar	70
Tabela 16: Filhos que fizeram educação infantil	83
Tabela 17: Tipo de estabelecimento escolar que o filho fez a educação infantil	83
Tabela 18: Série em que começou a frequentar a escola pesquisada	85
Tabela 19: Matrículas feitas pelo cadastro escolar	87

Tabela 20: Motivos que levaram à escolha da escola 98

Tabela 21: Famílias segundo o número de filhos que estudam ou estudaram na escola pesquisada108

Tabela 22: Famílias segundo a intenção de matricular os filhos em escolas privadas109

Tabela 23: Pais que gostariam que os filhos continuassem na escola pesquisada até o 5º ano110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:Resumo do perfil demográfico e socioeconômico das famílias80

SUMÁRIO

Introdução	12
1.Trajatórias escolares em diferentes grupos sociais	16
1.1 Relação família escola e as desigualdades escolares	17
1.2 Estratégias de escolarização em diferentes meios sociais	26
1.2.1 Escolha de estabelecimento de ensino	37
2. Escola e famílias: configurações do campo da pesquisa	49
2.1 Desenho metodológico	49
2.2 Apresentação da escola	54
2.3 Quem são as famílias?	58
2.3.1 Perfil demográfico	58
2.3.2 Perfil socioeconômico das famílias	66
3. As famílias e a escola pública: da escolha do estabelecimento ao acompanhamento parental da escolarização	73
3.1 Perfil das famílias entrevistadas	74
3.2 Escolha da escola	82
3.2.1. Educação infantil	82
3.2.2 As formas de acesso e a matrícula escolar	85
3.2.3 “A gente vê falar que ela é uma escola boa”: os motivos para a escolha da escola..	97
3.2.4. A permanência na instituição: da conquista da vaga à adesão aos mecanismos de padronização	110

3.3 As práticas socializadoras e educativas das famílias	116
3.3.1 Práticas culturais e de lazer	116
3.3.1.1 Uso do computador e da televisão	121
3.3.2 Acompanhamento e mobilização familiar	127
3.3.2.1 Participação familiar no contexto da escola	127
3.3.2.2 O acompanhamento das tarefas escolares e extraescolares	136
3.3.2.3 Desempenho e trajetória escolar	141
4. Considerações finais	149
Referências bibliográficas	155
Apêndice 1: Modelo do questionário	161
Apêndice 2: Roteiro de entrevista com a diretora	164
Apêndice 3: Roteiro de entrevista com as famílias entrevista	165

INTRODUÇÃO

O investimento na escolarização dos filhos ocupa lugar central na vida das famílias, pois a escola e sociedade preconizam que o envolvimento parental e a mobilização familiar na vida escolar da prole são importantes fatores de influência no desempenho escolar dos filhos. Porém, as diferentes famílias desenvolvem dinâmicas de socialização distintas que interferem no destino escolar. Isso porque as famílias não possuem, de modo igual, os recursos simbólicos e materiais necessários ao fomento da vida escolar dos filhos. Há famílias mais favorecidas economicamente, culturalmente e socialmente e outras, menos favorecidas, estabelecendo formas de interação e expectativas diferentes em relação à escolarização da prole.

Porém, segundo Nogueira (2015), até as décadas de 1960 e 1970, os sociólogos não davam o mesmo tratamento ao tema “relação família e escola” como hoje. As pesquisas se dedicavam a estudar as características morfológicas das famílias, constatando, de acordo com Nogueira (2015, p.2) “(...) que as vantagens econômicas tinham sobre o desempenho escolar um efeito menor do que aquele dos fatores socioculturais”. Prevaleceu também, na década de 1970, o paradigma da “reprodução”, que preconizava que a herança (material ou simbólica) transmitida aos descendentes determinaria o destino escolar dos filhos. Somente a partir dos anos 1980, os sociólogos da educação passaram a investigar “as realidades microscópicas da realidade social” (NOGUEIRA 2015), adentrando os microcontextos das famílias e das escolas, e passando a investigar diferentes dimensões dessas realidades, “algumas mais explícitas, como a escolha do estabelecimento de ensino ou das atividades extraescolares; outras mais implícitas, como o acompanhamento estreito da escolaridade do filho (...)” (NOGUEIRA, 2015, p.3).

Estudos sobre família-escola como o de Nogueira (1998) têm demonstrado que cada vez mais as famílias se mobilizam e intensificam seus investimentos na escolarização dos filhos, a fim de potencializar as chances de sucesso da prole. Segundo a autora, o destino ocupacional e a ascensão social estão estreitamente relacionados ao sucesso escolar fazendo, dessa forma, com que os pais criem estratégias de investimento em torno da escolarização dos filhos, tornando a educação escolar componente central na vida da família. Porém, segundo Diogo (2006, p.88), “as sociedades atuais, de escolarização massificada, são atravessadas por duas tendências aparentemente

contraditórias, a crescente importância da escola na vida das famílias e a persistência de desigualdades nas estratégias ligadas ao investimento escolar”. A intensa procura por diplomas e certificações coloca as famílias em disputa, configurando-se como um investimento desigual nos diferentes contextos familiares.

No bojo das pesquisas sociológicas que investigam as formas de mobilização familiar em prol da escolarização dos filhos, situam-se as pesquisas sobre a escolha do estabelecimento de ensino, e dentre elas, os estudos sobre as disputas pelas famílias por uma escola de educação básica pública de “qualidade” para a escolarização dos filhos. É nesse contexto que se localiza o nosso objeto de investigação: o processo de escolha de uma escola pública bem reputada por famílias de diferentes grupos sociais e sua articulação com as demais práticas educativas e estratégias de escolarização familiares. Assim, definiu-se como objetivo principal analisar os critérios utilizados por famílias de diferentes grupos sociais na escolha de um estabelecimento de ensino básico público. Como objetivos específicos foram traçados:

1-Identificar o perfil socioeconômico e cultural dos alunos matriculados na escola, a fim de verificar a possível influência desse fator na escolha do estabelecimento de ensino e nas práticas familiares de acompanhamento escolar;

2. Pesquisar as expectativas escolares das famílias usuárias de uma escola pública de prestígio no município de Mariana;

3-Investigar a forma de acesso dos alunos a uma escola pública de prestígio e as estratégias utilizadas pelas famílias para garantir este acesso.

4 – Investigar práticas educativas familiares de acompanhamento escolar das famílias que escolhem uma escola pública básica bem reputada.

Dessa forma, este estudo pretende evidenciar quais estratégias as famílias desenvolvem para escolha do estabelecimento de ensino dos filhos, considerando as diferentes variáveis sociológicas (escolaridade dos pais, renda familiar, nível socioeconômico, capital cultural, etc.), que conferirão condições para que estas famílias possam escolher os melhores estabelecimentos de ensino. A compreensão dos processos de escolha da escola pelas famílias só é possível quando também levamos em conta os mecanismos utilizados pelas escolas para seleção do seu público. Estudos do campo da sociologia da educação (COSTA, KOSLINSKI, 2011) têm indicado, no Brasil e em outros países, que os sistemas públicos de ensino funcionam como um “quase- mercado”,

selecionando de forma velada, ou não, o seu público.

Por fim, buscamos investigar de quais formas acontece o acompanhamento familiar da vida escolar nas famílias, tendo o pressuposto de que essas formas são distintas, variando de acordo com os grupos sociais (camadas populares e médias), que mobilizarão diferentes estratégias para a escolha da escola e também para outras formas de investimento e acompanhamento da escolarização dos filhos, para que estes tenham melhores condições de aprendizagem e um bom desempenho escolar.

Como metodologia para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa com a aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas. Os questionários foram aplicados a todas as famílias usuárias da escola pública escolhida como campo para a pesquisa, com a intenção de colher dados que contribuíssem para traçar um breve perfil socioeconômico das famílias, assim como fornecer uma visão geral sobre os critérios utilizados pelas famílias para a escolha de uma escola pública bem reputada para a escolarização dos filhos. Além dos dados obtidos pelos questionários, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas a oito famílias, em que se buscou aprofundar a compreensão sobre as formas e processos da escolha da escola pública pelas famílias no conjunto das suas práticas educativas e estratégias de escolarização. Estas famílias foram selecionadas para as entrevistas, mediante a análise dos dados coletados pelos questionários, com a intenção de compor intencionalmente uma amostra diversa do ponto de vista socioeconômico e da aplicação de critérios de seleção que garantissem no escopo da amostra uma análise ampla dos motivos para a escolha do estabelecimento de ensino

O texto da dissertação está organizado em três capítulos, somados a esta introdução e às conclusões. No primeiro capítulo, a partir da revisão da literatura sociológica sobre a temática de nossa pesquisa, discutimos a relação entre famílias e escolas, e, mais especificamente, como as diferentes famílias (populares e médias) lidam com a escolarização dos filhos e escolhem o estabelecimento de ensino básico.

No segundo capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do estudo e o campo empírico pesquisado. Além da metodologia, a partir dos dados coletados por meio de um questionário aplicado a 600 famílias usuárias de uma escola estadual da cidade de Mariana, foi traçado um breve perfil demográfico e socioeconômico dessas famílias.

E no terceiro capítulo apresentaram-se e analisaram-se os dados referentes ao tema

“escolha da escola pública pelas famílias” produzidos em duas frentes: a) pela aplicação do questionário ao conjunto das famílias usuárias da escola pública, campo desta pesquisa e b) por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com oito famílias (pais/mães de camadas médias e populares) abordando os motivos e processos da escolha da escola pelas famílias e como eles estão articulados às demais práticas educativas de acompanhamento da escolarização desenvolvidas no âmbito da vida escolar dos filhos.

Para finalizar, têm-se as considerações finais, em que são apresentadas as conclusões às quais foi possível chegar por meio desta pesquisa, assim como as respostas parciais aos questionamentos que a guiaram.

1 TRAJETÓRIAS ESCOLARES EM DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS

Segundo Nogueira (2015), nas décadas de 1960 e 1970, os sociólogos não davam o mesmo tratamento ao tema “relação família e escola” como hoje. As pesquisas se dedicavam a estudar as características morfológicas das famílias, constatando, de acordo com Nogueira (2015, p.2) “(...) que as vantagens econômicas tinham sobre o desempenho escolar um efeito menor do que aquele dos fatores socioculturais”. Prevaleceu também na década de 1970, o paradigma da “reprodução”, que preconizava que a herança (material ou simbólica) transmitida aos descendentes determinaria o destino escolar dos filhos. Somente a partir dos anos 1980, os sociólogos da educação passam a investigar “as realidades microscópicas da realidade social” (NOGUEIRA 2015), adentrando os microcontextos das famílias e das escolas, e passando a investigar diferentes dimensões dessas realidades, “algumas mais explícitas, como a escolha do estabelecimento de ensino ou das atividades extraescolares; outras mais implícitas, como o acompanhamento estreito da escolaridade do filho (...)” (NOGUEIRA, 2015, p.3).

Estudos produzidos nas últimas décadas sobre as desigualdades escolares (ANGELUCCI, KALMUS, PAPARELLI e PATTO, 2004; NOGUEIRA, ABREU, CORREA, 2004; PATTO, 1993) vêm evidenciando uma alta correlação entre a origem social do aluno e seu desempenho escolar, demonstrando como a posição social da família influencia de forma significativa na trajetória escolar dos filhos. Este capítulo tem como objetivo principal evidenciar, por meio da literatura, como as famílias de diferentes grupos sociais se mobilizam para garantir o êxito escolar dos filhos e como as distintas famílias desenvolvem estratégias de escolarização (dentre elas a escolha de estabelecimento, objeto central deste estudo), a fim de potencializar as chances de sucesso escolar dos filhos.

O capítulo inicia-se com a temática relação família escola e as desigualdades escolares, que evidenciará as tensões e desafios enfrentados pela família e pela escola para manterem um diálogo efetivo que corrobore para o sucesso escolar do aluno. Para isso, de acordo com discursos atuais, tanto do senso comum quanto os oficiais (políticas públicas, unidades de ensino, sistemas de ensino e outros), as duas instituições devem estar abertas ao diálogo e parceria, possibilitando a promoção da vida escolar. No entanto, sabe-se também, desde os estudos sociológicos da década de 1960, que a relação parental com a escolarização dos filhos se diferencia de acordo com a classe social na qual a

família se encontra, fator este que produz desigualdade. Sendo assim, para promover discursos sobre parceria e integração, seria necessário que a escola, as políticas públicas e os sistemas de ensino compreendessem as famílias levando em consideração as peculiaridades de cada uma e a forma diferenciada de se relacionar com a escola.

O segundo tópico tratará das estratégias de escolarização em diferentes meios sociais, que se distinguem de acordo com o lugar social que a família ocupa. Cada uma possui suas próprias dinâmicas familiares, que interferirão no desempenho e destino escolar da prole, isso porque nem todas têm os mesmos recursos econômicos e culturais para investir na escolarização dos filhos, podendo impactar diferentemente sobre as trajetórias escolares dos alunos. Assim, as famílias desenvolvem práticas educativas e estratégias de escolarização mais ou menos efetivas para fomentar a vida escolar dos filhos. A centralidade dos projetos educativos na vida familiar, evidenciado por pesquisadores desde a metade do século passado (NOGUEIRA, 2005) impulsiona as famílias a criarem um conjunto de estratégias que visam aumentar as chances de êxito escolar dos filhos. Serão abordadas algumas estratégias utilizadas pelas famílias de diferentes meios sociais para alcançar o sucesso escolar dos filhos, porém a escolha do estabelecimento ganhará destaque para tentar esclarecer e propiciar melhor compreensão do objeto dessa pesquisa.

Por fim, este capítulo tem o propósito de demonstrar como as desigualdades sociais e culturais impactam no grau de investimento, a importância e a crença que cada família atribui à escolarização, fator este que influenciará fortemente na escolha do estabelecimento e mobilizará algumas famílias a procurarem incansavelmente por uma escola pública de alto prestígio para matricular seus filhos.

1.1 Relação família escola e as desigualdades escolares

A relação entre família e escola se desenvolve em um campo de tensão e desafios, em que cada uma das instituições cria expectativas em relação à outra. Barbosa e Randall (2004) destacam bem esta temática pois, para elas, as expectativas que a família cria em relação ao desempenho escolar da prole e à continuidade dos estudos são de extrema importância para trajetória escolar dos filhos e, por sua vez, a escola também produz expectativas sobre os alunos que impactarão no seu percurso escolar. Por isso, vemos hoje, tanto nos discursos escolares quanto nos discursos das políticas públicas, uma ênfase na busca de propiciar e fomentar o diálogo e parceria das escolas com as famílias, pois

entende-se que a comunicação entre pais e professores pode ser fator decisivo para determinar o sucesso ou o fracasso escolar do aluno. No entanto, de acordo com Resende (2009, p.76), “para além dos discursos, a aproximação entre escolas e famílias não acontece sem conflitos, tensões e ambiguidades”.

É relevante destacar a discussão em torno da compreensão histórica dos processos de aproximação e distanciamento entre escolas e famílias. As interações estabelecidas entre as duas instituições no século XIX e no início do século XX eram restritas e não aconteciam com tanta frequência; nesse contexto, o diálogo entre as duas instâncias socializadoras era bem mais limitado em relação ao que observamos atualmente. De acordo com Resende (2009, p.76), em relação à participação parental na escolarização dos filhos, “a família tinha pouca participação direta em sua vida escolar. Quando comparecia à escola era, geralmente, para resolver problemas disciplinares e questões relativas a materiais e uniformes escolares, ou para participar de algum evento”. A opinião da família não era levada em consideração, a escola era “fechada em si mesma”, não dando abertura para participação familiar nos assuntos que tangem o universo escolar. Segundo Montandon (1987, p.24, apud NOGUEIRA, 1998, p.96) “no início de nosso século e a fortiori no século XIX, a maioria das famílias não mantinham relações com a escola pública (...). Em geral, portanto, os pais não eram admitidos no recinto da escola e as relações família-escola, tal como as entendemos ou preconizamos hoje, eram inexistentes nas cidades”. Além disso, os saberes familiares eram desqualificados diante dos saberes escolares, dominados pela escola e pelos professores, e os pais não se sentiam como sujeitos de direito para intervir ou reivindicar algo à instituição escolar, realidade que não se diferencia do que presenciamos hoje.

O cenário retratado acima é diferente do que presenciamos hoje, em que é visível a ênfase dos discursos sobre a participação da família no contexto escolar. Segundo Resende (2009, p.76) “Esse cenário começou a mudar a partir da segunda metade do século passado, no sentido de uma aproximação entre as duas instituições e de uma intensificação dos contatos entre elas”. Sobre esse aspecto, Nogueira destaca que:

Os contatos formais e informais se multiplicam e se diversificam. No cotidiano, os canais de comunicação parecem se ampliar para além da tradicional participação nas associações de pais e mestres e da presença em reuniões oficiais com professores. Hoje há palestras, cursos, jornadas e “festas da família”, a agenda escolar do aluno, os bilhetes, os contatos telefônicos, as conversas na entrada e saída das salas (2006, p.164).

Intensificaram-se também as conversas individualizadas entre os pais e os

professores, além das relações sociais e coletivas promovidas pela escola. A escola e a família desenvolvem uma relação de cumplicidade, em que o papel do educador não se restringe somente ao processo de ensino aprendizagem, mas há a preocupação em conhecer o contexto familiar do aluno. Por isso, Resende (2009) alerta para a superação desta visão homogeneizante das famílias a fim de estabelecer um diálogo efetivo, considerando a “realidade dos diferentes grupos familiares, seus valores, projetos, necessidades. Do mesmo modo, percebe-se a preocupação dos pais com as questões relacionadas à aprendizagem e estratégias pedagógicas adotadas pela escola.

O capital escolar passa a ser o capital dominante na sociedade atual, e a detenção desse patrimônio é fator decisivo para manutenção da posição ocupada pelos sujeitos ou grupos sociais em uma determinada camada social ou a ascensão para uma posição melhor no escopo da estratificação social. E são os “diplomas e certificados” que validarão esse bem necessário para conservação e ascensão social; assim, segundo Singly, “numa sociedade onde o modo de reprodução é baseado na educação escolar, o valor de uma família (e do grupo social ao qual ela pertence) é definido pelo montante de capital escolar que detém o conjunto de seus membros” (2007, p,50).

Nesse contexto, a escola passa a ser a principal instância social legitimadora, “os processos escolares assumem então um lugar de destaque na vida das famílias, embora com variações segundo o meio social” (NOGUEIRA, 1998, p.99). A escola passa a ocupar o centro da vida familiar, impulsionando, segundo Nogueira (1998), as famílias, principalmente de camadas médias, a articularem diversas estratégias visando ao êxito escolar dos filhos.

Porém a escola não leva em consideração as mudanças sofridas nas estruturas familiares na contemporaneidade, e as diferenças de capital econômico, social e cultural entre os diversos grupos e camadas sociais (populares, médias, elites), fatores esses que (re)produzem desvantagens e desigualdades no processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, muitas vezes, a escola atribui a responsabilidade, tanto pelo sucesso quanto pelo fracasso escolar, inteiramente à família, sem levar em consideração os diversos fatores que implicam essa relação, inclusive as questões intrínsecas à própria instituição escolar.

Além disso, conceituar família é hoje um dos grandes desafios do mundo contemporâneo, devido aos variados arranjos e configurações familiares existentes atualmente. Quando falamos em família, devemos levar em consideração que há diversos tipos de estruturas e arranjos familiares. Segundo Zago (1994), a família não é uma

instituição estática, ela se modifica de acordo com suas necessidades e com o papel por ela desempenhado na organização social. Para Zago;

No Brasil, conforme assinalado em vários estudos, a tônica foi colocada sobre o modelo dominante de famílias: a organização familiar extensa de tipo patriarcal. Este modelo tem sido contestado nas últimas décadas, por se revelar insuficiente para compreender o conjunto da sociedade brasileira. (1994, p.14).

Quando se pensa em família, imediatamente imaginamos um pequeno grupo formado por um pai, uma mãe e seus filhos que vivem em uma mesma moradia, ou tende-se ainda a considerar esta configuração de família nuclear como algo universal. Essa imagem idealizada da família nuclear é tão enraizada na sociedade que há a tendência de rejeitar ou ignorar qualquer outra forma de relação, que fuja ou não se enquadre ao modelo familiar patriarcal. De acordo com Singly (2007, p.9), “o que observamos não foi exatamente o enfraquecimento da instituição familiar, mas o surgimento de novos modelos familiares, derivados desses fenômenos sociais e, sobretudo, das transformações de gênero”. Em relação a esta nova configuração familiar, Nogueira escreve:

No que tange à família ocidental, característica dos países industrializados, um rápido balanço demográfico de suas principais mutações inclui: a) diminuição do número de casamentos, em benefícios de novas formas de conjugalidade (em particular, as uniões livres); b) elevação constante da idade de casamento (e de procriação); c) diversificação dos arranjos familiares com a difusão de novos tipos de famílias (monoparentais, recompostas, monossexuais); d) limitação da prole, associada à generalização do trabalho feminino, ao avanço das técnicas de contracepção e às mudanças nas mentalidades (2006, p.159).

Dessa forma, não podemos pensar a família nuclear como modelo de organização dominante na sociedade, pois cada vez mais surgem novos arranjos familiares e aumenta o número de famílias recompostas, do mesmo sexo, e monoparentais, as últimas sendo, em muitos casos, famílias chefiadas por mulheres. O modelo tradicional de família, constituído pelo casal heterogâmico e seus filhos, tendo o homem como chefe de família e a mulher como dona de casa e responsável pela educação da prole se modificou, pois segundo Singly (2007, p.11), este contexto se transforma “à medida que as mulheres se inserem no mercado de trabalho, tendo de conciliar a atividade profissional com a responsabilidade familiar”, afetando diretamente sua disponibilidade de comparecer à escola frequentemente. Nesse novo contexto social e cultural, o pai não é necessariamente o chefe da família, pois a mulher assume um papel que antes era destinado apenas ao homem. Singly ainda destaca que:

Esse não é o único elemento mobilizador das mudanças no interior da família; outros, como o controle da fecundidade por meio da contracepção e o aumento

do número de divórcios, de uniões livres e de recomposições familiares, também contribuíram para o surgimento de outras formas de vida familiar (2007, p.11).

Nessa perspectiva, surge a necessidade de a escola rever seu modelo de família ideal e participativa, tentando criar estratégias que atendam a esses novos arranjos familiares. Na realidade, muitas vezes, isso não acontece, e, diante das diversas estruturas familiares, a escola julga estas famílias como sendo desestruturadas e incapazes de transmitir uma boa educação aos filhos. Em relação a esta temática Romanelli (2013, p. 36) destacam que, “em vez de desestruturadas, são famílias que lutam contra a desigualdade econômica e organizam-se de modo a enfrentar a precariedade de suas condições de existência”. Por isso não cabe à escola o papel de julgar as famílias e sim entender as diversas estruturas existentes para propiciar um diálogo entre família e escola.

A família, principalmente as de camadas médias, vê na escola um mecanismo de ascensão social e profissional, em que todos os seus membros ganham com o sucesso do filho, e, por isso, atribui um importante papel para a educação formal. Mesmo não tendo tempo disponível e outros recursos materiais e simbólicos para comparecer com frequência à escola, os pais participam da vida escolar da prole através do acompanhamento em casa (mesmo que, em graus diferentes, e que isso não se dê no modelo esperado pela escola), no investimento em materiais didáticos, na mobilização de vizinhos, de irmãos mais velhos, e por meio de punições em caso de indisciplina ou reclamações, dentre outras práticas e estratégias. Dessa forma Nogueira afirma que as famílias:

Para isso, mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, sobretudo face ao sistema escolar- o qual, por sua vez, ganha importância crescente como instância de legitimação individual e de definição dos destinos ocupacionais (2006, p.161).

Nesse contexto, a relação família escola acontece de forma desigual, de acordo com a classe social de origem, sendo que famílias de distintas camadas sociais lidam diferentemente com a escolarização dos filhos e são reconhecidas também de modo diverso pela escola.

Para melhor explicar essa relação desigual diante da escola a que estão submetidos os estudantes de diferentes grupos sociais, torna-se importante recuperar alguns aspectos. Desde a democratização da educação, a escola desempenhou o papel de (re) produzir as desigualdades sociais, pois de acordo Sanfelice e Siquelli:

Na década de 1980, como se buscou evidenciar, são elaboradas críticas a uma

educação elitista concomitante à defesa da democratização da escola com indicativo de proposições concretas nos focos de ação para que toda a população tivesse condições substantivas e não meramente formais de apropriação da cultura letrada, visto que a expansão da oferta escolar às pessoas mais pobres vinha se dando em situações de extrema precariedade o que, conseqüentemente, implicava na tradução das desigualdades sociais em desigualdades educacionais (2016, p.32).

Posteriormente, a partir das décadas de 1960, estudos como os de Bourdieu (1998) e Charlot (2000), demonstraram que a origem social dos alunos acentua as desigualdades escolares e, mais ainda, que as desigualdades escolares reproduzem o sistema objetivo de posições e de dominação, garantindo a manutenção da “ordem social”. Em sua obra a “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”, publicada originalmente na França em 1966, como em outras, Bourdieu (1998), aponta como a classe social na qual o aluno se encontra influencia significativamente o seu desempenho escolar. De acordo com Nogueira e Nogueira (2006), cada classe social (popular, média e elite), cria “estratégias de investimentos” na escolarização dos filhos, distinguindo-se uma das outras pelo grau de investimento, a importância e a crença que cada uma atribui a este mecanismo de ascensão social. Segundo os autores, as famílias das camadas populares se caracterizam por possuírem um baixo nível de capital social, cultural e econômico, estando assim em situação desfavorável diante da escola, em relação às outras camadas sociais.

Assim, as expectativas em relação à escolarização e o sentido da escola são diferentes para famílias de diferentes camadas sociais. Segundo Barbosa e Rangell, “um estudo americano [Nord, 1998] também mostra que crianças provenientes de família mais educadas e com melhor nível de renda tendem a possuir pais com maior envolvimento em sua vida escolar (...)” (2004, p.300). As famílias de camadas populares atribuem outro sentido à escolarização, para Nogueira e Abreu (2004, p.50), “(...) as esperanças depositadas, pelos pais, na escola referem-se menos a uma expectativa de elevada ascensão social e mais a um desejo de que os filhos consigam escapar da dura realidade que eles conhecem, feita de instabilidades, incertezas, precariedade econômica”.

Neste contexto, em geral, os sujeitos oriundos das camadas populares não têm acesso aos códigos e cultura exigidos pela escola, por não ser possível um maior investimento econômico em bens culturais nas famílias. Sendo assim, estudos como os de Bourdieu (2008), apontam que essas camadas não demonstram ambição em alcançar alta posição social, pois segundo o autor, a classe popular não considera a ascensão como meio de acesso a altas posições no espaço social e sim como forma de evitar que os filhos

ocupem empregos que não lhes garantam segurança e estabilidade. Para as famílias provenientes de classe alta, a escolarização é um meio de manter seu nível social e econômico, usando a educação escolar para garantir esta posição e, para as famílias de camadas médias, a escola representa o principal meio para a mobilidade social.

De acordo com Bourdieu (2008), as camadas médias ocupam uma posição tensa e fronteiriça entre as camadas populares e as elites econômicas e/ou culturais, por isso tendem a investir fortemente na escolarização da prole, para que dessa forma possam se afastar cada vez mais das camadas populares e assemelhem-se mais à elite; Nogueira e Nogueira (2006, p.74) destacam que as classes médias caracterizam-se por ocuparem uma “posição intermediária entre os dois polos do espaço das classes sociais, o que determina uma situação de tensão e de equilíbrio instável entre os dominantes e os dominados”. Assim esta situação impulsiona esta classe social a se empenhar para se afastar das massas populares e se aproximar cada vez mais da elite, criando estratégias que requerem um esforço sistemático para se manter ou elevar o status social.

Finalmente, a elite contará com diferentes tipos de capital, destacando-se os capitais cultural e econômico, que juntos atribuem poder a esta classe social. No interior dela, podem ser encontradas duas frações que se diferenciam quanto à detenção dos diferentes capitais: as frações mais ricas em capital cultural tendem a investir na educação dos filhos e em bens e práticas culturais, enquanto as frações mais ricas em capital econômico abstraem-se de um investimento sistemático na educação dos filhos e em bens e práticas culturais em benefício de investimentos econômicos. Porém Nogueira e Nogueira (2006, p.80) destacam, em uma perspectiva bourdieusiana, que a característica comum dentre estas duas frações das elites é que ambas “compartilham um *habitus* de classe que orienta suas disposições segundo o princípio da “distinção”, que está na base de todas as suas condutas- conscientes ou inconscientes- de cultivo da diferença ou, em outros termos, da busca por se diferenciar dos demais”. Esta diferenciação se dá por meio da “linguagem, costumes, posturas corporais, vestuário, decoração, alimentação, costumes em geral” que segundo Bourdieu (2014) denomina-se de “estilo de vida”.

No entanto, Nogueira e Nogueira (2006, p. 82), ainda em relação às elites, afirmam que “tanto um grupo quanto o outro tendem a investir na escola de uma forma bem mais diletante e descontraída- “laxista”, como escreve Bourdieu, do que as camadas médias”. Nesse caso, de acordo com a teoria bourdieusiana, esse “laxismo” se deve ao fato desses grupos não precisarem de um grande esforço familiar, pois o sucesso escolar é algo natural e a posição privilegiada na hierarquia social já está garantida nesses meios.

Isso porque a detenção de diferentes capitais tornaria o fracasso escolar improvável nesta classe social; além do mais a elite não depende do sucesso escolar do filho para manter sua posição na camada social. E o diletantismo refere-se ao “gosto desinteressado”, isto é, para a elite (principalmente a cultural) o gosto pelo erudito, ou seja, um “gosto legítimo”, é como se fosse “algo natural”, faz parte do *habitus* de classe. Segundo Bourdieu (1998, p.53):

Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura.

Assim, a escola reproduz a desigualdade social quando coloca em prática seu discurso de equidade em relação à educação, igualando hipoteticamente em direitos e deveres alunos de diferentes classes sociais, sem levar em conta que a bagagem material e cultural adquirida no âmbito familiar já privilegia, de início, determinadas camadas sociais. Em decorrência dessas desigualdades, as camadas populares encontram-se em situação de desvantagem em uma disputa escolar baseada no mérito, situação que pode ser comprovada por estudos contemporâneos no Brasil (VALLE, RUSCHEL (2009); CONTI, MARCATO (2017). Sendo assim as classes sociais, que apresentam baixo rendimento escolar com maior reincidência, são as camadas populares, pois, apesar de ingressarem em um sistema de ensino que se diz igualitário, esse mesmo sistema (re) produz uma desigualdade de oportunidades quando coloca todos os alunos em situação de aparente equidade. Estudos (DIOGO, 2010; NOGUEIRA e ABREU, 2004; COSTA e KOSLINSKI, 2006) demonstram que quando a escola legitima a cultura da elite, ela desfavorece as camadas populares, pois as mesmas não dominam a linguagem e o código exigidos pela escola, diferente dos alunos da classe alta que já tem familiaridade com a linguagem e código dominante, tornando a escolarização desigual para as diferentes camadas sociais.

Com base nesse contexto, a escola se torna reprodutora das desigualdades sociais. Desse modo Nogueira e Nogueira enfatizam que:

A escola não seria uma instância neutra que transmitiria uma forma de conhecimento intrinsecamente superior às outras formas de conhecimento, e que avaliaria os alunos com base em critérios universalistas; mas, ao contrário, ela é concebida como uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes (2006, p.83).

A escola, é desse modo, um instrumento de legitimação da cultura, sendo reconhecida de acordo com Nogueira e Nogueira como “universalmente válida”. Assim sendo, “de modo geral, os valores arbitrários capazes de se impor como cultura legítima seriam aqueles sustentados pelas classes dominantes” (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2006, p.84). Portanto, a cultura que prevalece no meio escolar é a cultura legitimada pelas classes dominantes. Os autores ainda salientam que:

Apesar de arbitrária e socialmente vinculada a certa classe, a cultura escolar precisaria, para ser legitimada, ser apresentada como uma cultura neutra. Em poucas palavras, a autoridade alcançada por uma ação pedagógica, ou seja, a legitimidade conferida a essa ação e aos conteúdos que ela difunde seria proporcional à sua capacidade de se apresentar como não arbitrária e não vinculada a nenhuma classe social (2006, p.85).

De acordo com Nogueira e Nogueira (2006, p.86), “para os alunos das classes dominantes, a cultura escolar seria sua cultura “natal”, reelaborada e sistematizada”. Para as demais camadas sociais, seria como uma cultura “estrangeira”. Segundo Nogueira e Nogueira:

A reprodução seria garantida pelo simples fato de que os alunos que dominam, por sua origem, os códigos necessários à decodificação e assimilação da cultura escolar e que, em função disso, tenderiam a alcançar o êxito escolar, seriam aqueles pertencentes às classes dominantes. A legitimação das desigualdades sociais ocorreria, por sua vez, indiretamente, pela negação do privilégio cultural oferecido- camufladamente- aos filhos das classes dominantes (2006, p.88). Nesse contexto, surge a necessidade de observar as desigualdades e diferenças existentes em cada família, reconhecendo que os alunos não se apresentam em iguais condições diante da escolarização, pois cada um vem de diferentes meios familiares, sociais e culturais.

Nesse contexto, surge a necessidade de observar as desigualdades e diferenças existentes em cada família, reconhecendo que os alunos não se apresentam em iguais condições diante da escolarização, pois cada um vem de diferentes meios familiares, sociais e culturais.

Concomitantemente às diferenças existentes em cada família, a forma de mobilização frente à escolarização dos filhos também se modifica, pois cada uma desenvolverá dinâmicas e formas de socialização distintas, que impactarão de forma positiva ou negativa na trajetória escolar da prole. Isso porque a escola terá sentidos e significados diferentes para cada família, influenciando dessa forma na intensidade de investimento que cada uma atribuirá a este instrumento de ascensão.

1.2 Estratégias de escolarização em diferentes meios sociais

Estudos no campo da sociologia da educação vêm demonstrando, desde a segunda metade do século XX, que o envolvimento e a mobilização familiar na vida escolar dos filhos pode ser um importante fator de influência no desempenho escolar (DIOGO, 2016; SOARES, COLLARES, 2006; SETON, 2005). Os estudos estatísticos realizados nas décadas de 1950 a 1970, principalmente, na França, Inglaterra e Estados Unidos, demonstraram a correlação entre a origem social e o sucesso ou fracasso escolar. As teorias da reprodução cultural, e sobretudo as obras de Bourdieu e Passeron (1964;1970), procuraram demonstrar os mecanismos pelos quais a reprodução cultural e das desigualdades acontecem via escola, contribuindo para explicar sociologicamente os processos sociais e escolares em que se relacionam a origem social e o destino escolar.

Porém, a influência da família na definição da trajetória escolar dos filhos vem sendo alvo de vários estudos (SOARES, COLLARES, 2006; SETTON, 2005; DIOGO,2006) que demonstram que cada vez mais as famílias se envolvem no cotidiano escolar e intensificam os esforços para estimular os filhos nos estudos e formulam uma série de práticas educativas que visam aumentar as chances de êxito escolar dos filhos. A partir de uma nova abordagem microssociológica, os trabalhos passam a investigar e a dar destaque para o interior dos processos vividos na família e na escola. Estes estudos vêm se deslocando das teorias da reprodução cultural, que enxergavam os processos familiares estreitamente vinculados a uma condição de classe, não levando em consideração o fato de que no interior de uma mesma classe social, os indivíduos e os grupos sociais se apresentam de forma heterogênea com suas próprias dinâmicas e interações. Segundo Diogo (2006), o envolvimento parental, tanto no discurso político quanto no da escola, preconiza que a obtenção de um bom êxito na escolarização dos filhos exige esforço e dedicação por parte dos alunos e dos pais. Segundo Nogueira (1998, p. 95):

A ênfase será posta agora na atividade própria do grupo familiar, definindo-se sua especificidade por sua dinâmica interna e sua forma de se relacionar com o meio social, em boa medida uma construção sua. Assim, o funcionamento e as orientações familiares operariam como uma mediação entre, de um lado, a posição da família na estratificação social e, de outro, as aspirações e condutas educativas, e as relações com a escolaridade dos filhos.

Os pais vêm ocupando um papel de destaque na vida escolar dos filhos, assumindo com maior autonomia as escolhas educacionais e apropriando-se dos serviços de apoio extraescolares. Este movimento se deve ao processo de massificação das

oportunidades de escolarização, obrigando as famílias, principalmente as de camadas médias, a intensificarem os investimentos e estratégias educativas com a finalidade de aumentar as chances de ascensão social e escolar para seus filhos. A mobilização parental presume um trabalho sistemático de avaliação, organização e adequação de estratégias, com o intuito de obter o montante de capital escolar pela prole. Estão em situação de vantagem, os pais que possuem maior conjunto de informações sobre o universo escolar, podendo dessa forma visualizar as melhores oportunidades.

Os diplomas são hoje o principal meio de garantir uma ascensão social, principalmente, para as camadas médias, em que a mobilidade social é dependente da escolarização, mas também para as camadas populares, fator esse que estimula as famílias a concorrerem entre si para elevar ao máximo a probabilidade de ocupar as melhores posições. Porém, nem todos entram em igual situação para disputar esse jogo, em função da classe social em que se encontram. Sabe-se que o contexto familiar, enquanto espaço de dinâmicas internas e interações, não se esgota no *ethos* de classe, mas o jogo continua desigual, pois o investimento da família varia de acordo com a classe social de pertencimento e as condições objetivas e simbólicas de existência.

A transmissão do capital cultural e social requer constantes interações entre pais e filhos ou com outros adultos que estão mais próximos ao aluno. Porém, as camadas populares se diferenciam das camadas médias, por se apresentarem com um “fraco capital cultural” (no sentido bourdieusiano), que as distanciam da cultura dominante que é valorizada pela escola, enquanto que, as camadas médias possuem um certo capital cultural familiar legitimado pela escola, por isso percebe-se o distanciamento da classe popular e a proximidade da classe média face à escola.

Segundo Thin (2006, p.212), “não é, portanto, somente o capital cultural ou o capital escolar que estão em jogo; é o conjunto das práticas socializadoras das famílias que estão implicadas nas relações entre os pais e os professores(...)”. Assim as práticas educativas das famílias entram em questão, demonstrando como a relação entre as lógicas socializadoras da família e da escola pode ser divergente, principalmente em relação às camadas populares.

As diferentes famílias desenvolverão dinâmicas de socialização distintas que interferirão no destino escolar da prole. Isso porque as famílias não possuem de modo igual os recursos simbólicos e materiais necessários ao fomento da vida escolar dos filhos. Há famílias mais favorecidas economicamente, culturalmente e socialmente e outras menos favorecidas, estabelecendo formas de interação e expectativas diferentes em

relação à escolarização dos filhos. “Nesse sentido, crianças mais abastadas e com maior acesso aos bens culturais seriam aquelas que teriam as maiores chances de obter um bom desempenho escolar” (SETTON 2005, p. 79). De acordo com Setton (2005, p.79), “existem fatores extraescolares – econômicos e culturais_ que influenciam sobremaneira no desempenho e no aproveitamento do estudante”. Isso porque cada família transmitirá de forma consciente ou inconsciente um “capital cultural” à prole, que lhe possibilitará ter atitudes que convergem com o que é legitimado pela instituição escolar, ou seja, “dispõe os indivíduos a uma atitude dócil e de reconhecimento ante as práticas educativas” (SETTON 2005, p.80).

As famílias possuem suas próprias formas de investimento pedagógico, que variam conforme as expectativas que elas têm em relação ao futuro escolar dos filhos como também de acordo com os recursos culturais e materiais de que dispõem, podendo impactar diferentemente sobre as trajetórias escolares dos alunos. A relevância e a importância que as famílias atribuem ao conhecimento institucionalizado, as impulsionam a criar estratégias pedagógicas de investimento, que desenvolverão condições adequadas ao sucesso escolar. Porém, as próprias expectativas parentais em relação ao destino escolar se distinguem segundo a classe social na qual este aluno está inserido, pois dependerá também das condições objetivas das famílias, que interferirão na forma de investimento na escolarização dos filhos.

Porém, mesmo as famílias que apresentam similaridade socioeconômica podem demonstrar graus diferentes de mobilização escolar, pois suas práticas se modificam ainda que estas famílias pertençam a uma mesma classe social e detenham o mesmo capital cultural. Segundo Diogo (2006), a relação que as diferentes famílias constroem com a escola está relacionada com o tipo de funcionamento interno de cada família “correspondente a um determinado tipo de filho”, o que explica a pluralidade da mobilização face à escola mesmo estando as famílias no interior de uma mesma classe social. Soares e Collares (2006, p.623) descrevem algumas ações que caracterizam o envolvimento e a participação dos pais dentro do contexto familiar:

O envolvimento dos pais na vida escolar de seus filhos é medida aqui através de itens que registram o tempo gasto pelos pais conversando com os filhos sobre livros, filmes, programas de TV, assuntos gerais, ouvindo música, almoçando ou jantando, conversando sobre o que acontece na escola, ajudando na lição de casa, cobrando se o filho fez a lição de casa, cuidando para que o filho não chegue atrasado na aula e incentivando-o a tirar boas notas.

Lahire (2007), salienta a necessidade de adentrar no seio familiar para visualizar

a heterogeneidade das práticas e experiências de socialização dos grupos populares, demonstrando a possibilidade de transmissão de um “novo capital cultural”, que ocorre consciente ou inconscientemente no contexto familiar. O autor salienta que o capital cultural só se converte em bem cultural se houver condições que tornem possível sua “transmissão”, ou seja, não basta a criança ser cercada de objetos culturais ou frequentar ambientes que a estimulem do ponto de vista escolar. Por isso, na perspectiva do sociólogo, a família tem papel fundamental na aquisição do capital cultural, pois não basta ter um capital acumulado, se a família não se mobiliza para a apropriação desse bem por parte do filho. As famílias de camada popular, mesmo que de forma inconsciente e amena, desenvolvem ações que influenciam sobremaneira na trajetória escolar dos filhos. A dinâmica interna da família, ou seja, a forma com que os pais tratam os filhos, a forma de lidar com o tempo, a valorização da escola, dentre outras atitudes, corroboram para constituição de atitudes que convergem com o que é esperado pela escola (ZAGO, 2011; ZAGO, 2000; SETTON, 2005; LAHIRE, 2007).

Em seu livro, “Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável”, Lahire (2007) aponta alguns processos que auxiliam na transmissão cultural e que estão relacionados com as dinâmicas internas da família: “as formas familiares da cultura escrita; as condições e disposições econômicas; a ordem moral doméstica; as formas de autoridade familiar; formas de investimento pedagógico”. Ou seja, Lahire organiza cinco pontos de análises que ajudam a estudar as configurações familiares de estudantes advindos de meios populares, demonstrando que, mesmo em famílias economicamente desfavorecidas, as práticas educativas desenvolvidas no contexto familiar podem contribuir para o êxito escolar da prole.

Assim, as famílias provenientes de camadas populares e com baixa escolaridade podem articular estratégias pedagógicas que potencializam e possibilitam trajetórias de sucesso acadêmico para alunos provenientes desses segmentos. Dialogando com as contribuições de Lahire (2007), é possível perceber que o capital cultural pode ser apreendido informalmente em heterogêneas experiências e vivências, a partir do convívio em vários espaços sociais. Porém, não podemos negar que as formas de socialização das famílias de classe popular e as lógicas escolares divergem, estabelecendo formas desiguais de interação. Sobre as formas de interações da escola e das famílias de classe popular, Thin (2006, p. 215) destaca que:

Ela é desigual no sentido de que as práticas e as lógicas escolares tendem a se

impor às famílias populares. Ela é desigual no sentido de que os pais, tendo pouco (ou nenhum) domínio dos conhecimentos e das formas de aprendizagem escolar e dominando mal as regras da vida escolar, são, não obstante, obrigadas a tentar participar do jogo da escolarização, cuja importância é grande para o futuro dos filhos.

Dessa forma, ao confrontar as lógicas da família de classe popular e da escola, não se pode esquecer de que há uma profunda oposição entre essas duas lógicas sociais. Isso justifica, às vezes, a dificuldade que os pais demonstram em acompanhar a vida escolar dos filhos, pois nem sempre dominam a linguagem e o código da escola, por terem tido pouco contato, ou ainda, um contato negativo com o espaço escolar. Assim também, as estratégias de escolarização acontecerão de forma diferente nas distintas classes sociais, que movidas pelo *ethos* de classe, desenvolverão diferentes estratégias de acompanhamento da escolarização da prole, que influenciarão sobremaneira, de modo negativo ou positivo, no desempenho escolar dos alunos.

Para isso será utilizado o conceito de estratégias produzido por Bourdieu. Para o autor, estratégia não é sinônimo de escolha, pois não é algo feito totalmente de modo consciente, racional e calculado. “Mas pode-se recusar a ver a estratégia como o produto de um programa inconsciente, sem fazer dela o produto de um cálculo consciente e racional” (BOUDIEU, 1990, P.81). A estratégia não é uma ação totalmente intencional, “funciona aquém da consciência e do discurso”.

Zago (2011) destaca o significado que as famílias de classe popular por eles investigadas atribuem à escolarização da prole. Segundo a autora, as famílias de sua pesquisa desenvolviam uma relação instrumental com a escolarização, que está relacionada a uma lógica prática, voltada para o mercado de trabalho. Isso significa que, para essas famílias, a escola representa um instrumento para possibilitar aos filhos o ingresso no mercado de trabalho e/ou para protegê-los das “más” companhias. As autora ainda salientam que, nesta classe social, é possível observar a dificuldade que as famílias têm para organizar a vida escolar dos filhos, acompanhar de forma sistemática a escolarização e a inserção em atividades extraclasse, ações que possivelmente potencializariam as chances de sucesso, porém, os esforços das famílias são acompanhados pela falta de recursos materiais e simbólicos. O peso das condições socioeconômicas interfere significativamente no investimento na escolarização dos filhos, pois as difíceis condições de sobrevivência e as incertezas diante de um trabalho instável reduzem o investimento escolar. Para Bourdieu (2008), as camadas populares são movidas no mundo social por um princípio que o autor denomina como “escolha do

necessário”, ou seja, carência de bens necessários à sobrevivência limita e condiciona as ações desse grupo social, direcionando suas escolhas para um certo “gosto de necessidade”. Segundo Bourdieu (2008), o gosto de necessidade está relacionado às condições de existência que condicionam a classe popular a viver sob pressões materiais e privações, fazendo com que esse grupo social seja marcado pelas “urgências temporais, o que inibe a constituição de disposições de distanciamento ou de desenvoltura em relação ao mundo e aos outros” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2006, p.70). Segundo Bourdieu:

As práticas populares têm como princípio a escolha do necessário (“isso não é para nós”), no sentido do que é tecnicamente necessário, “prático”, (ou, em outras palavras, funcional), isto é, necessário para se apresentar “como deve, sem mais nada”, e, ao mesmo tempo, do que é imposto por uma necessidade econômica e social que condena as pessoas “simples” e “modestas” a gostos “simples” e “modestos”(2008, p.355).

Lareau (2007), por sua vez, ao estudar a relação que famílias de camadas populares e médias, negras e brancas, estabelecem com a escolarização, destaca que os filhos de famílias de camadas populares vivenciam um “crescimento natural”, ou seja, os pais oferecem as condições básicas para o crescimento dos filhos, porém não direcionam fortemente a vida cotidiana dos filhos, exercendo um menor controle sobre as saídas, os contatos com outras crianças ou adultos, ou as atividades de lazer, por exemplo, deixando que as escolhas sejam feitas pelos próprios filhos. Para estes pais, a oferta de amor e de bens necessários à sobrevivência é suficiente para um futuro bem-sucedido. Segundo a autora, o estímulo ao desenvolvimento de aptidões e talentos especiais não é o foco das camadas populares. Não há a presença de atividades organizadas, e sim atividades livres que propiciam maior contato com a família estendida. Estas famílias, diferentemente das famílias de camadas médias, dão mais ênfase à “disciplina física”, na educação dos filhos, do que à disciplina mental.

Contudo, o fato de não observarmos práticas e estratégias de escolarização tão sistematicamente produzidas, como é bastante comum em famílias de camadas médias (NOGUEIRA, ROMANELLI, ZAGO, 2011; LELIS, 2005; NOGUEIRA, 2010), não significa a inexistência delas nas camadas populares. Em seu trabalho, Zago (2000) nos alerta para o erro de “nos apoiarmos nos padrões das camadas médias para avaliar as práticas familiares de escolarização nos meios socialmente desfavorecidos”. Lahire (2007) e Viana (2011) demonstram que as famílias de camadas populares contribuem com a longevidade escolar dos filhos por meio do desenvolvimento de pequenas ações e

práticas educativas, menos visíveis, tais como: trabalhar para proporcionar a continuidade dos estudos dos filhos, o incentivo à escolarização, o acompanhamento e apoio ao trabalho escolar. Assim, mesmo não dispondo de recursos culturais e condições materiais para interferir diretamente no processo pedagógico, o fato de oferecerem aos filhos compreensão e apoio, dentre outros esforços educativos, caracteriza estas famílias como “facilitadoras da sobrevivência escolar” dos filhos (VIANA, 2011).

Dessa maneira, as famílias de camadas populares possuem distintas dinâmicas internas que impactam em alguma medida na trajetória escolar dos filhos. “São práticas relativas à procura por uma escola particular ou por uma melhor escola pública da região, o mesmo no oferecimento de condições propícias aos estudos na compra de livros e materiais didáticos” (SETTON 2005, p.84). Todas estas ações dependerão de um capital econômico que subsidie os gastos advindos desse investimento. A autora completa dizendo que a “valorização do trabalho da escola ou na participação familiar nas propostas acadêmicas e até na concessão de tempo para a dedicação aos estudos”(SETTON, 2005, p.84) são estratégias utilizadas por diferentes famílias, que variam de acordo com a obtenção de informações e os laços sociais aos quais estas famílias têm acesso e que contribuem para a criação consciente ou inconsciente de estratégias de acompanhamento escolar que aumentam as vantagens e chances dos filhos.

As camadas médias atribuem outro significado à escolarização, pois, segundo Lelis (2005), de forma consciente ou não, estas famílias desenvolvem estratégias que são capazes de “sedimentar *habitus*”, que favorecem a constituição de disposições valorizadas pela escola. É possível observar um aumento no investimento escolar por parte de todos os grupos sociais, porém isso se evidencia mais claramente nas camadas médias que vêm intensificando e refinando cada vez mais suas estratégias, a fim de potencializar as chances escolares dos filhos.

As camadas médias atribuem um importante valor à instituição escolar, pois, como vimos ao longo desse capítulo, elas se encontram em situação intermediária, que possibilita subir ou descer na “escala social”. De acordo com Bourdieu (2008, p.312) “tendo conseguido desvencilhar-se do proletariado, seu passado, e pretendendo ter acesso à burguesia, seu futuro, eles [as camadas médias] devem encontrar, em algum lugar, a fim de atingir o acúmulo necessário para ascensão, os recursos indispensáveis para suprir a falta de capital”.

O fato de as camadas médias, de modo geral, serem menos dotadas de capital econômico e social, em relação aos grupos da elite, faz com que as famílias elejam a

escolarização dos filhos como centro de seus projetos de futuro e de ascensão social. Isso fica claro em Bourdieu (2008), que demonstra que esta classe deposita toda sua esperança e investimento na escolarização, pois é, provavelmente, a única forma de se conquistar êxito social. Nessa perspectiva, Bourdieu elenca três atitudes próprias das camadas médias, que visam potencializar as chances de êxito social e escolar: o “ascetismo”, o “malthusianismo” e a “boa vontade cultural”.

O ascetismo institui uma vida de renúncia aos prazeres por parte dessa classe, que se “sacrifica e renúncia ao luxo” para uma “acumulação inicial”, investindo os recursos que tem na escolarização da prole. Sendo assim há também uma cobrança em relação aos filhos, para que haja disciplina e interesse pelos estudos, pois há a necessidade de se criar a ideia de valorizar a escolarização como meio de uma mobilização social ascendente.

O malthusianismo seria a tendência a controlar a fecundidade, pois de forma inconsciente ou consciente, as famílias de classe média diminuem o número de filhos como forma de contenção de gastos, com o intuito de investir de forma sistemática e o mais fortemente possível em um menor número de filhos, diminuindo assim o tamanho da família. Para Singly (2007), o bom êxito dos filhos dependerá do número deles, pois quanto menor este número, maior será o investimento escolar dos pais.

A terceira atitude descrita por Bourdieu seria a “boa vontade cultural”, ou seja, “o esforço e a tenacidade com que as camadas médias se entregam ao trabalho de aquisição da cultura legítima para recompensar as desvantagens relativas decorrentes de um capital cultural limitado” (Nogueira e Nogueira, 2006, p. 78). Segundo Bourdieu (2008, p.316), por falta de capital econômico e social, esta classe se vê obrigada a compensar estas faltas por meio de “sacrifícios, privações, renúncias, boa vontade e reconhecimento, em suma, com virtude”.

A maior parte das famílias de camadas médias, mesmo não dispondo de capital econômico representativo, possui capital cultural adquirido em viagens, conhecimentos artísticos, elementos que compõem sua “bagagem material e simbólica”. Segundo Nogueira e Nogueira (2006, p.74), apoiando-se em Bourdieu (1979), no interior das camadas médias, podem ser encontradas diferentes frações de camadas que se diferenciam do ponto de vista econômico e cultural, podendo se destacar as seguintes: “a pequena burguesia em declínio”, a “pequena burguesia de execução” ou de promoção, e a “nova pequena burguesia”. Dentre estes grupos, o primeiro se caracteriza por possuir um alto capital econômico, porém com menor volume de capital cultural; o segundo possui o capital cultural, mas não dispõe de alto capital econômico e o terceiro grupo

possui um alto capital cultural proveniente de uma herança familiar simbólica e um razoável capital econômico. As divisões elencadas por Bourdieu (1979) e as propriedades sociais que descrevem em relação às frações das camadas médias francesas, embora se refiram a uma estrutura social bastante distinta da estratificação da sociedade brasileira contemporânea, podem contribuir para a compreensão das diferenciações sociais, econômicas e culturais no interior das camadas médias brasileiras.

No entanto, segundo Bourdieu (2008), as características comuns, encontradas dentre as diferentes frações desse grupo, são as fortes e intensas estratégias educativas em prol da escolarização, que são tidas como mecanismos de ascensão social. Por isso o investimento na escolarização da prole é primordial, pois, em oposição às camadas populares, as camadas médias têm um razoável número de capitais que possibilita às famílias investir na educação dos filhos, sem correr tantos riscos. Grande parte dos sujeitos das camadas médias é oriunda das camadas populares e alcançou a atual posição devido à escolarização; e assim, por isso mesmo, investe fortemente na educação dos filhos, pois sua esperança é ascender rumo à elite e garantir a preservação da mobilidade social familiar. Segundo Singly (2007, p.50), ao se referir às camadas médias, "as famílias tiveram de elaborar "estratégias de reconversão", ou seja, transformar o pequeno capital econômico em capital escolar".

No tocante ao forte investimento das camadas médias na escolarização dos filhos, em seu trabalho Lareau (2007) demonstra os efeitos da classe social nas interações dentro de casa, concluindo que as famílias desse grupo social ajustam sua criação em uma lógica denominada "cultivo orquestrado", um estilo educativo em que os filhos participam de várias atividades organizadas, a fim de transmitir habilidades necessárias para vida, e que lhes proporcionem experiências essenciais para um bom êxito escolar e profissional. Lareau (2007) demonstra que é possível detectar, nas relações de autoridade no interior das famílias de camadas médias, a abertura para o diálogo, e a negociação entre pais e filhos. "O padrão de cultivo orquestrado encoraja nas crianças um sentimento emergente de direito" (2007, p. 18). Sendo assim, as famílias e crianças de classe média têm mais facilidade para questionar, perguntar e se posicionar diante de outras pessoas e instituições. Já, "o modelo de crescimento natural encoraja um sentimento emergente de restrição" (2007, p.18), o que leva as famílias de classe popular a serem mais passivas e receosas nesta relação.

Hoje é possível observar no Brasil um cenário escolar não só mais prolongado e diversificado, como também assinalado pela competição, pelo cálculo e pelas estratégias,

configurando, de um modo geral, uma relação utilitarista com a escolarização por parte das famílias. Paixão (2007), fundamentada principalmente nos trabalhos de Van-Zanten (1996), apresenta que, se essa relação utilitarista das famílias com a escolarização é predominante na sociedade contemporânea, também é possível identificar uma outra perspectiva, denominada pela socióloga como identitária, em que as famílias valorizam não só a mobilidade social, mas, têm como foco central, o bem estar psicológico dos filhos, ou seja, a construção do ser social, com a aquisição de valores morais, o crescimento e a realização pessoal. Nesse modelo educativo “identitário” o bem-estar psicológico da criança é fator primordial para as famílias, pois para elas, somente por meio de uma realização pessoal, a criança produzirá bons resultados.

De acordo com Paixão (2007), as denominadas teorias utilitaristas estariam ligadas às escolhas racionais e calculadas nos processos de escolarização, em que as famílias competem por melhores oportunidades, tornando a escola instrumento de sucesso “objetivando as melhores chances, os melhores caminhos que propiciem escolarização de sucesso e competitiva no mercado de trabalho” (PAIXÃO, 2007, p.25)

Na perspectiva instrumentalista, os pais compreendem a escola como um investimento em prol do sucesso escolar da prole e analisam as vantagens e desvantagens desse investimento, vivendo em intensa situação de competição. Nesse contexto, retomamos as discussões sobre desigualdade social, pois os melhores “consumidores,” os que obtiverem as melhores “informações”, levarão vantagens nessa disputa. Porém Paixão (2007), apoiada na teoria utilitarista de Boudon (1979), considera as práticas de acompanhamento dos pais como sendo instrumentalistas, ou seja, racionais e calculadas, mas também destaca que os pais dão importância à “dimensão de ordem simbólica e objetiva”. Bourdieu (1990), entretanto, critica esta noção utilitarista racional, pois, para ele, as estratégias desenvolvidas pelas famílias não são totalmente racionais nem totalmente calculadas, como afirmam as teorias utilitaristas. Sendo assim, as práticas educativas parentais não são totalmente conscientes e racionais, como se as famílias escolhessem objetivamente agir de determinada maneira.

A importância dada aos diplomas e certificados ainda assume lugar central na vida das famílias, pois segundo Paixão (2007), sociólogos das famílias vêm demonstrando que os pais de muitos grupos sociais prezam mais pela transmissão de conhecimentos pela escola do que pela construção da identidade e valores no sistema escolar. Isso se dá pela grande heterogeneidade “social e étnica” encontrada no campo escolar, o que dificulta quais valores transmitir, fazendo com que os pais fiquem atentos aos valores elegidos pela

escola. Paixão, apoiada em Van-Zanten (1996), demonstra que as expectativas escolares das famílias de diferentes classes sociais (classe média e popular), se diferenciam. Para as famílias de classe média, a escola tem um papel importante na socialização dos alunos, porém, concomitante a esta ideia, esforçam-se em utilizar a escola como instrumento para estabelecer sua “identidade de classe”. Já as camadas populares, conferem à escola o papel de transmitir às crianças valores sociais e morais exigidos pela sociedade, enquanto outras demarcam bem o papel da escola, que é de instruir e o da família, que é de educar.

Quando analisadas as famílias de classe média e popular à luz das lógicas instrumentais, é possível constatar que, em uma visão macroscópica, elas se diferenciam, pois, de modo geral, a classe popular revela certa falta de ambição escolar, devido à internalização das poucas chances objetivas de prolongamento da escolaridade. Já a classe média vê a escola como instrumento de mobilidade, competindo dessa forma para obter os melhores resultados (PAIXÃO, 2007). Nessa perspectiva, as famílias de classe média estão mais propensas a enxergar a escola de forma instrumental do que as de classe popular, porém não significa que as famílias de classe média não se preocupem com o bem-estar psicológico e social dos filhos, mas que o foco central das suas estratégias educativas é a mobilidade social.

É também possível verificar que as famílias de classe popular atribuem um importante valor à socialização, ou seja, aos instrumentos identitários, mesmo sabendo da distância entre cultura escolar e a cultura que organiza a sua família. Porém a elite também se enquadra a perspectiva na identitária, diferenciando-se das camadas populares quanto ao sentido atribuído à escolarização, pois sua situação econômica faz com que o investimento escolar seja de forma mais “relaxada”, por não haver uma forte dependência dos diplomas para manter sua posição no espaço social, prezando assim pelo bem-estar psicológico dos filhos, unindo o “útil ao agradável”.

Nesse contexto, a classe social de pertencimento influencia de forma significativa nas expectativas familiares em relação à escolarização e à escola, demonstrando que cada família, de acordo com a classe em que se encontra, direcionará diferentes sentidos a este processo, podendo ser caracterizado como instrumentalista ou identitário, tendo em vista que estas duas dimensões podem aparecer no mesmo contexto, e não necessariamente separadamente. Por isso, para além da origem social do aluno, as pesquisas devem adentrar os contextos microssociais das famílias, a fim de perceber as estratégias familiares de escolarização, e suas nuances.

Em suma, fica evidente a diferença contrastante entre as camadas médias e populares no tocante aos investimentos (e, principalmente aos modo de investir) em prol da escolarização dos filhos, mesmo tendo em vista que o interior de cada classe social pode se distinguir quanto às suas expectativas e estratégias de investimento e que, em muitas famílias, pode-se observar uma imbricação dessas características e propriedades sociais, ou seja, podemos encontrar propriedades sociais comuns às camadas médias, em famílias populares e vice-versa. Contudo, decerto a classe social de origem influencia significativamente nas práticas educativas familiares, estabelecendo formas desiguais de acompanhamento e investimento na escolarização dos filhos. Cada família, dentro do seu arsenal de recursos simbólicos e materiais, desenvolverá estratégias conscientes ou não, que potencializarão e reforçarão (ou não) as vantagens escolares de seus filhos. Entretanto, é sempre importante levar em consideração que, mesmo entre as classes menos favorecidas da população é possível observar processos ativos de estratégias de mobilização familiar, que se modificam de acordo com a dinâmica interna da família.

1.2.1 Escolha do estabelecimento de ensino

O tema escolha de estabelecimento de ensino pelas famílias é um objeto ainda pouco estudado no contexto brasileiro. Segundo Patto (1998), o sistema público de ensino, em sua maioria, atende famílias advindas das camadas populares e de frações inferiores das camadas médias, que acessarão as instituições de educação básica pública por não terem condições econômicas para ingressar em instituições particulares. Porém, no interior do sistema de educação básica público, que deveria garantir “educação igualitária” a todos, podem ser encontrados estabelecimentos de ensino que diferem quanto à sua qualidade e prestígio. Estes estabelecimentos que integram a rede pública de ensino apresentam disparidades em vários aspectos (diferenciação do alunado, boas notas em testes padronizados, forte concorrência por vagas), mesmo estando submetidos às mesmas regras, recebendo os mesmos recursos e fazendo parte do mesmo sistema de ensino (COSTA, 2008; NOGUEIRA, RESENDE, VIANA, 2015, ERNICA, BATISTA, 2012; COSTA, KOSLINSKI, 2011).

No Brasil, não é recorrente encontrar políticas oficiais de incentivo ao quase-

mercado escolar¹, no entanto é notável a competição por vagas em escolas públicas que se diferenciam das demais por sua boa reputação. Costa e Koslinski (2011, p.253) destacam que, “no caso do Brasil, nas escolas públicas comuns, parece que há principalmente concorrência dos alunos por escolas, diante de uma oferta muito limitada de estabelecimentos com reputação diferenciada”.

Em posse de diferentes recursos materiais e simbólicos, as famílias se mobilizam e desenvolvem distintas estratégias para a escolha do estabelecimento de ensino para os filhos, considerando as diferentes variáveis sociológicas (escolaridade dos pais, renda familiar, nível socioeconômico, capital cultural, etc.), que conferirão condições afim de que estas famílias possam escolher os melhores estabelecimentos de ensino, mesmo que estes façam parte do sistema público de educação. De acordo com Costa (2010), as escolhas relativas ao estabelecimento de ensino são estratégias utilizadas por diferentes famílias, que variam de acordo com a obtenção de informações e os laços sociais aos quais elas têm acesso. Essas ações contribuem para a criação, consciente ou inconsciente, de estratégias de acompanhamento escolar que possivelmente aumentarão as vantagens e chances de os filhos percorrerem um “circuito virtuoso”, que se inicia na educação infantil e se prolonga até o final da escolarização dessas crianças. Isso se dá porque a família se mobiliza para inserir os filhos nas melhores escolas e este circuito é mantido ao longo da escolarização, enquanto que as famílias que inserem seus filhos em escolas consideradas ruins encaminham nos para um “circuito vicioso”, porque a tendência é que este aluno passe por este tipo de escola ao longo de sua escolarização.

Estudos do campo da sociologia da educação têm indicado, no Brasil e em outros países, (COSTA, KOSLINSKI, 2011) que os sistemas públicos de ensino funcionam como um “quase-mercado”, selecionando de forma velada, ou não, o seu público. De

¹Segundo Costa (2011), mercado pressupõe oferta e demanda de um bem ou serviço. Dessa forma, quando se pensa em um mercado educacional, estamos falando que há a oferta de um serviço por parte da escola/sistema de ensino e uma demanda por parte dos pais que são os consumidores do serviço, porém o termo mercado vem acrescido do “quase” pois este mercado se diferencia dos convencionais por não ter lucratividade por parte da oferta, nem ser necessariamente privado, e, por parte da demanda, se diferencia quanto à forma do consumo que não é expresso em valores monetários, e sim por uma grande disputa para acessar a escola desejada. Sendo assim “quase-mercado” diz respeito à competição pela oferta de escolas públicas. “Segundo prescrições usuais, o quase-mercado funciona com base na oferta de oportunidades de escolha por parte dos pais em um cardápio de escolas, que imporia, pela demanda (os estudantes/ clientes), relações por parte da oferta (as escolas)” (COSTA; KOSLINSKI, 2011, p.252).

acordo com Costa (2010), os estabelecimentos de ensino considerados de prestígio e qualidade utilizam mecanismos sutis e perversos de seleção de seu alunado, acentuando ainda mais as desigualdades sociais frente à escolarização. Costa (2010, p.232) reforça esta ideia demonstrando que “são bastante nebulosos os mecanismos pelos quais a seleção de acesso a tais estabelecimentos destacados se dá”.

De acordo com Costa (2010, p.229), “nesses estabelecimentos, há forte sentimento de diferenciação diante das demais escolas da mesma rede”. Para que uma escola seja considerada de prestígio ou de qualidade, algumas devem ser desvalorizadas em detrimento da valorização de outras, criando dessa forma relações de hierarquias e desigualdades entre as escolas. Esta hierarquização mantém e reforça, de forma perversa, as desigualdades sociais, tendo em vista, que “os critérios de escolha utilizados pelos pais de estatuto social-econômico mais elevado se baseiam mais na “qualidade” dos alunos do que na qualidade das aprendizagens e os pais das camadas populares, ou de minorias étnicas, não têm informação, tempo e recurso para identificarem as “boas escolas”(...)” (BARROSO, VISEU, 2003, p.903). Sendo assim, na perspectiva dos autores, o “quase-mercado”, promove a competição entre as escolas, constituindo um processo em que as que são reconhecidas e identificadas como sendo de qualidade e prestígio atraem alunos mais aptos e com maior capital cultural e econômico, enquanto as escolas consideradas de baixo prestígio e qualidade atraem alunos com baixo capital cultural e econômico, estratificando e homogeneizando o público dessas escolas, tanto para melhor quanto para pior.

Segundo Nogueira (2013), nem todas as famílias estão equipadas para escolher a “boa” escola, pois as diferentes famílias pertencentes a distintas classes sociais não têm a mesma condição de escolha por haver uma “diversidade de projetos educacionais das famílias, pelas expectativas dos pais em relação à escolarização dos filhos, pela valorização e representação que as famílias têm da escola” (COSTA, ALVES, MOREIRA,SÁ, 2013, p. 134). Os autores reafirmam que essas diferenças se apresentam de forma desigual, pois a “obtenção e apropriação” dos diversos capitais (econômico, cultural e social) influenciam nos critérios e nas possibilidades de realizar as escolhas de estabelecimento de ensino por parte das famílias.

As famílias das distintas classes sociais depositam diferentes expectativas em relação à escolarização dos filhos, pois “de modo geral, na medida em que a escolarização tem um peso maior na determinação da posição social e profissional futura da prole, os pais tendem a atribuir maior importância a cada passo da carreira escolar dos filhos,

incluindo aí a escolha da escola a ser por eles frequentada” (RESENDE, NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2011, p.956). Enquanto as famílias de classe alta e uma parcela das classes médias, detêm capital econômico que lhes possibilita investir nas melhores escolas, uma parcela das classes médias (frações inferiores) e a classe popular não têm capital econômico suficiente para custear seus filhos em escolas privadas, tendo que mantê-los em escolas públicas, o que traz grande angústia, pois o sistema público de ensino muitas vezes, apresenta problemas como, por exemplo, na infraestrutura, na qualificação dos professores e na organização da escola.

Segundo Nogueira, Resende e Viana (2015, p.768) “a percepção da importância de escolher o estabelecimento de ensino dos filhos e os critérios utilizados no processo de tomada de decisão, mais ou menos externos ao estritamente pedagógico, mostram-se relacionados ao grau de familiaridade dos pais com o sistema escolar(...)”. Por isso, as famílias que detêm informações sobre o funcionamento e a organização dos diferentes estabelecimentos, mobilizarão estratégias para terem acesso às escolas, que se destacam das demais da rede pública de ensino, se diferenciando-se quanto à sua reputação e qualidade.

Porém, de acordo com Resende, Nogueira e Nogueira (2011), as possibilidades de escolha de estabelecimentos de prestígio e qualidade vão depender do meio social em que o aluno está inserido e das condições econômicas, visto que a manutenção dos filhos nesses estabelecimentos, muitas vezes, demanda um certo investimento que, de acordo com os autores, engloba desde o gasto com deslocamento, devido à distância que as famílias percorrem, até o tempo na procurando e na pesquisando de diferentes escolas. Há também os casos em que para as famílias da classe popular a oferta escolar é restrita, ou seja, dentro do seu campo de possibilidades, a escolha se torna limitada, pois não há nenhuma escola em seu entorno que se diferencie quanto à sua qualidade e reputação.

Estudos como o de Érnica e Batista (2012) e Costa (2010) demonstram que o lugar onde as escolas estão localizadas se torna fator de diferenciação entre as mesmas, pois para os autores, as escolas localizadas em territórios considerados de vulnerabilidade social de média e baixa “conseguem atrair mais facilmente o ingresso de profissionais mais qualificados e engajados, além de atraírem alunos com maiores recursos culturais e familiares e que se adaptam melhor a seu modo de funcionamento” (ERNICA, BATISTA, 2012, p.656). Ao contrário, as escolas localizadas em lugares de alta vulnerabilidade social tendem a atrair alunos do seu entorno que, segundo Érnica e Batista (2012, p.656), por sua vez, são alunos “com baixos recursos culturais e familiares”. Assim as escolas

situadas nas periferias, onde geralmente há grande vulnerabilidade social, tendem a atrair famílias de seu entorno, ou alunos envolvidos em situações escolares e sociais problemáticas. “Em boa medida, o fato de essas escolas receberem os “problemas” das escolas em posição vantajosa na disputa por recursos faz com que elas colaborem para o funcionamento das outras” (p.657). Nesse contexto, muitos pais mobilizam estratégias de evitação em relação às escolas de má reputação e se esforçam para seus filhos ingressarem em escolas reconhecidas e de boa reputação.

O acesso às escolas que ocupam posição de “superioridade” é muito difícil, pois algumas são bastante disputadas, fator que estimula a criação de mecanismos de seleção (explícitos ou velados) do seu público. Segundo Costa (2010, p.229), “o acesso a esses estabelecimentos não ocorre de forma aleatória entre a população provável de frequentar escolas públicas”. Há famílias mais pedagogizadas que, por meio de informações e conhecimento do funcionamento da rede de ensino, lançam mão de várias estratégias que lhes permitem acessar os melhores estabelecimentos escolares. Segundo Costa (2010, p.229), “a posição ocupada e a rede de laços sociais jogam papel relevante no acesso a determinadas oportunidades escolares que asseguram a seus portadores vantagens distintas”. Deste modo, o acesso a estes estabelecimentos só ocorre por famílias que souberem jogar o “jogo escolar”, fazendo com que, por exemplo, muitas famílias burlem o cadastro escolar utilizando conta de serviços públicos(energia elétrica, água) emprestada por alguém que reside próximo à escola, para alcançar a vaga desejada (NOGUEIRA, RESENDE E VIANA, 2015, p.759). Outro recurso utilizado pelas famílias, segundo Costa, Alves, Moreira, Sá (2013), seriam os contatos com profissionais da escola e pessoas que tenham influência na instituição desejada. Bourdieu, (2008) chama estes recursos de capital social, que seriam as relações construídas pelas famílias, em termos de quantidade e qualidade, com indivíduos e ambientes distintos e que forneçam vantagem sociais. De acordo com Costa, Alves, Moreira, Sá (2013, p.134), “essas distinções são claras entre famílias pertencentes aos diferentes meios sociais, mas ocorrem, também, entre famílias com uma mesma condição social”. Isso porque as famílias têm diferentes expectativas, que as impulsionam a elaborar planos e projetos escolares para a prole, de acordo com o valor e à importância que cada uma atribui à escolarização.

Recentemente importantes pesquisas vêm sendo desenvolvidas no campo da sociologia da educação no Brasil sobre a temática “escolha de escola” ou “escolha de estabelecimento de ensino”, e como os pais criam estratégias de acompanhamento

escolar, a fim de fazer seus filhos ingressarem em escolas que eles julgam ser de prestígio e de boa reputação. Para isso foi feita uma revisão de literatura brasileira sobre os trabalhos que têm evidenciado o empenho dos pais em colocar seus filhos nas escolas desejadas e quais as estratégias utilizadas afim de alcançar esta finalidade.

Apesar de não haver políticas de regulamentação e incentivo à escolha de escola estudos como os de Costa (2008, 2010) e Costa e Koslinski (2011, 2012) evidenciam a existência de um “quase-mercado”, marcado pela hierarquização entre as escolas e por uma forte desigualdade de oportunidades educacionais. Estes trabalhos demonstram que, por falta de opção e condições econômicas, famílias de camadas populares e uma parcela das camadas médias são obrigadas a acessar as escolas que fazem parte do sistema público de ensino, que nem sempre oferecem uma educação de qualidade, no entanto há escolas públicas que se destacam por sua boa reputação, fazendo com que as famílias concorram para acessar estes estabelecimentos.

Costa e Koslinski (2011) trouxeram, em sua pesquisa, o tema da disputa por escolas “comuns²” no Rio de Janeiro, demonstrando o papel ativo dos pais na escolha de estabelecimento público e como este processo se torna desigual, tendo em vista a classe social e o arsenal de informações em relação ao campo educacional obtido pelas diferentes famílias. Os autores salientam que há uma acirrada competição por vagas nestas escolas ditas “comuns” que se distinguem por sua boa reputação, bem como existe também uma disputa por alunos entre essas escolas. Foi aplicado um questionário, no segundo semestre de 2006, com estudantes de 5ª a 8ª séries de seis escolas municipais do Rio de Janeiro, da Tijuca, da Zona Sul, e da Zona Norte, identificadas como sendo de alto ou baixo prestígio. Constatou-se na pesquisa que havia forte competição por escolas públicas tradicionais, mesmo não tendo o mesmo padrão de qualidade das escolas privadas ou federais. Observou-se também que o prestígio das escolas foi construído por meio da transmissão boca a boca de informações positivas, e que o poder econômico das famílias não garantia o acesso a estas escolas, se não viesse atrelado aos contatos sociais “valiosos”. E, por último, as escolas de alto prestígio tendiam a atrair alunos de áreas distantes de seu entorno geográfico e social, formando um público mais heterogêneo, enquanto as de baixo prestígio atraíam alunos exclusivamente de seu entorno, formando um público socioeconomicamente e culturalmente mais homogêneo.

Como parte de um mesmo trabalho, também desenvolvido nas escolas do Rio de

² Escolas” comuns”, segundo o autor, significam escolas pertencentes a rede pública de ensino.

Janeiro, Costa e Koslinski (2012) entrevistaram 20 pais de alunos do ensino fundamental, 20 professores (as), e 5 diretores(as), para saber quais os critérios utilizados pelos pais para escolher as escolas de seus filhos, observar o papel das redes na formação e circulação de informações sobre a reputação da escola e se havia indícios de possível seleção de alunos por parte das escolas. Quanto à escolha feita pelas famílias, constatou-se que os pais cujos filhos estavam matriculados nas escolas de prestígio, em sua maioria, escolheram o estabelecimento por critério de qualidade ou de reputação, já os pais cujos filhos estavam matriculados nas escolas de baixo prestígio, justificaram a escolha em decorrência da proximidade da residência. As redes de contatos sociais ganham importância tanto para o acesso à informação quando para acessar vagas nessas escolas de maior reputação. No que se refere ao processo de seleção, foi constatada a existência de um “quase-mercado oculto” (COSTA E KOSLINSKI, 2012, p. 200), pois não há mecanismos explícitos de seleção, porém a pesquisa identificou uma seleção velada por parte dos estabelecimentos mais conceituados, operada por ações como esconder vagas, rejeitar ou transferir alunos e, por fim, dizer para as famílias que aquele estabelecimento não condiz com o perfil do filho.

Costa (2008, 2010) produziu também dois artigos utilizando os dados da pesquisa desenvolvida por ele e Koslinski (2011, 2012). Costa (2008, p. 455) teve como objetivo compreender quais elementos diferenciam os distintos estabelecimentos de ensino públicos que, “(...) submetidos à mesma autoridade e às mesmas regras, integrando os mesmos sistemas e dispondo de recursos equivalentes, apresentam considerável disparidade em muitos aspectos e gozam de reputação claramente opostas. Este trabalho mostra que não há grandes diferenças entre as escolas estudadas em relação à localização, infraestrutura ou tratamento diferenciado, porém constatou-se que nas escolas de alto prestígio há menos rotatividade de diretores quando comparado às escolas de baixo prestígio. Quanto à clientela, observou-se que nas escolas de alto prestígio havia uma grande procura por vagas, os alunos tinham acesso a mais bens culturais em relação aos alunos das escolas de baixo prestígio. Quando analisado o nível socioeconômico (NSE) das famílias, observou-se uma clara hierarquização entre as escolas. Assim a pesquisa demonstrou que, mesmo entre as escolas públicas, há uma forte hierarquização e diferenciação entre os alunos que frequentam os estabelecimentos.

Indo ao encontro de seu trabalho anterior, Costa (2010, p.228) tenta “compreender hierarquias e desigualdades no interior de um sistema escolar pretensamente homogêneo ou ao menos pouco reconhecido como palco de grandes disparidades: uma rede municipal

de ensino”. O trabalho demonstra como as distintas famílias acessam as diferentes escolas, destacando um alto grau de hierarquização quando analisados o nível de escolaridade dos pais, a renda familiar, a dinâmica interna e a estrutura da família. O autor conclui pontuando que, em decorrência do quase-mercado escolar, que oferece desiguais oportunidades educacionais para os diferentes segmentos sociais, são criados mecanismos perversos que influenciam no comportamento das famílias que, por sua vez, criam estratégias a fim de aumentar as vantagens escolares dos filhos.

Convergindo com a pesquisa de Costa (2008), Érnica e Batista (2012) analisaram a influência do território considerado vulnerável nas oportunidades educacionais e na escolha do estabelecimento pelas famílias. A pesquisa evidenciou uma alta correlação entre a variável vulnerabilidade social do território onde a escola está localizada e as oportunidades educacionais. Este contexto pode influenciar também no desempenho escolar dos alunos, pois, segundo os autores, alunos que possuem baixos recursos culturais tendem a ter melhores notas quando frequentam escolas localizadas em territórios de baixa vulnerabilidade e tendem a ter piores desempenhos quando frequentam escolas localizadas em territórios de alta vulnerabilidade. O mesmo ocorre com alunos que têm maiores recursos culturais e que acabam tendo notas mais baixas quando frequentam escolas localizadas em territórios de alta vulnerabilidade social. Os autores mostram os efeitos negativos do território vulnerável sobre as escolas, tendo como base cinco mecanismos articulados:

Isolamento da escola no território: reduzida oferta de matrícula de educação infantil; concentração e segregação de sua população escolar em estabelecimentos de ensino nele localizados: posição de desvantagem, de suas escolas no quase mercado escolar oculto; e dificuldade, dada essa posição de desvantagem, de apresentarem as condições necessárias para garantir o funcionamento do modo institucional que orienta a organização escolar (p. 640).

A pesquisa evidencia que, quanto maior o grau de vulnerabilidade em torno da escola e quanto mais afastado dos grandes centros, mais limitada a qualidade das oportunidades educacionais, e que este efeito negativo se acentua devido aos mecanismos acima assinalados. Segundo Érnica e Batista (2012), este contexto só reforça o isolamento dos estabelecimentos escolares de meios vulneráveis e de periferias, estimulando os pais a criarem estratégias de evitação. “Conclui-se que o sistema escolar não só reproduz a segregação social na composição do corpo discente como ainda distribui desigualmente a oferta educacional de qualidade ao longo da hierarquia social objetivada no espaço” (2012, p. 664). Nesse cenário, as escolas em territórios de alta vulnerabilidade e de

periferias acabam se tornando ponto de “decantação” dos problemas advindos das escolas que possuem prestígio. À literatura que trata da relação entre vulnerabilidade social do território/segregação residencial e desigualdade escolar incorporam-se referências sobre hierarquia de estabelecimentos e disputas familiares por escolas mais prestigiadas, tais como os trabalhos de Ribeiro e Vóvio (2017), Koslinski e Alves (2012); Torres, Pavez, Gomes, Bichir (2008); Bruel, Bartholo (2012), Paula (2015). Essa literatura, de modo amplo, assegura que a vulnerabilidade do local onde a escola está localizada influencia negativamente a oferta de oportunidades educacionais, e, conseqüentemente, o desempenho escolar dos alunos, estando as famílias residentes em territórios de alta vulnerabilidade social em situação desigual de escolhas em relação às famílias residentes em territórios de baixa vulnerabilidade.

A escolha de estabelecimento de ensino vem sendo alvo de vários estudos (RESENDE, NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2011; NOGUEIRA, RESENDE e VIANA, 2015), revelando que os pais têm se mostrado cada vez mais ativos no acompanhamento escolar dos filhos e na escolha da escola desejada. Porém, segundo Resende, Nogueira e Nogueira (2011), a escolha por uma escola de prestígio ou de boa reputação, demanda gastos diretos e indiretos com o deslocamento do filho até uma escola mais distante, tempo disponível para pesquisar a melhor escola, tendo as famílias que dispor de recursos para desenvolver estas estratégias. É neste contexto que os autores desenvolvem sua pesquisa, com o intuito de revelar quais critérios foram utilizados para escolha de estabelecimento de ensino pelos pais de Belo Horizonte, de camadas populares e de frações inferiores das camadas médias. e como esta escolha ocorre de forma desigual, tendo em vista a classe social na qual o aluno está inserido. Em virtude das condições financeiras, as classes menos aquinhoadas acabam tendo que colocar seus filhos em escolas próximas ao domicílio, obedecendo ao cadastro escolar, por não terem condições de deslocar os filhos para escolas afastadas de sua residência. A escolaridade e o nível socioeconômico dos pais também influenciam na escolha da escola, pois quanto mais alto o grau de escolarização e o nível socioeconômico dos progenitores, maior a tendência de escolher a escola utilizando critérios como: processos educativos, desempenho do estabelecimento, métodos pedagógicos dentre outros. Em contrapartida as famílias que possuem baixa escolaridade e baixo nível socioeconômico privilegiam questões mais práticas e funcionais como: proximidade da residência e facilidade no transporte, dentre outros. E por último, o montante e a qualidade de informação a que as famílias têm acesso no processo de escolha variarão de uma classe social para outra.

Segundo Resende, Nogueira e Viana (2015), as condições objetivas têm um peso grande sobre o processo de escolarização, mas é preciso considerar também, de forma minuciosa, as atitudes e os comportamentos práticos das famílias e das crianças. Os autores concluem que as famílias cujos filhos estavam em escolas destacadas³ tinham uma situação socioeconômica mais favorável do que as famílias cujos filhos estavam em escolas comuns⁴. Dessa forma, a pesquisa constatou que o desempenho das crianças e o acesso às escolas comuns ou destacadas estão estreitamente ligados às condições objetivas de suas famílias. A escolha de estabelecimento dependerá também do capital econômico, devido aos custos com o deslocamento para escolas distantes da moradia, bem como ao capital informacional, que dependerá dos diferentes capitais (cultural, econômico e social) obtidos pelas famílias.

Em sua tese de mestrado, Medeiros (2011) apresenta como acontece a escolha de estabelecimento de ensino por parte de 37 famílias, de classe popular e frações inferiores das camadas médias de Angra dos Reis, bem como as estratégias por elas desenvolvidas para efetivação da escolha e como as escolas operam para preservação ou não, do sistema de hierarquia. A autora utilizou para a coleta de dados, entrevistas semi-estruturadas que foram realizadas com as famílias e com a direção de nove escolas.

Destacamos que os pais há muito dispõem de critérios e procedimentos que promovem hierarquias na composição das redes de ensino no Brasil. Movidos pela busca de benefícios materiais ou simbólicos, colocam em ação estratégias com vistas ao aumento de seu *status* social, e seus recursos econômicos ou culturais. Por sua vez, as escolas, sabendo da importância desses *status* na sua composição, utilizam artifícios buscando manter, ou aumentar, sua posição na hierarquia da rede (MEDEIROS, 2011. p.16).

Nesse contexto, a pesquisa de Medeiros (2011) revelou que as redes de contatos sociais são importantes instrumentos para obter informação sobre as escolas, reforçando o quase-mercado escolar na região. Foi possível verificar também que as escolas de prestígio tendem a manter-se no topo da hierarquia, e selecionam seus alunos através da distribuição de matrículas, tendo como parâmetro a posição social ocupada pelas famílias, assim os alunos com maior capital econômico tendem a ocupar vagas nas melhores escolas.

As teses de Souza (2012), Pereira (2016), Oliveira (2015) e Pinto (2009)

³ As escolas consideradas “destacadas”, são escolas estaduais e municipais que obtiveram resultados positivos destacados na Prova Brasil.

⁴ As escolas consideradas “comuns”, são as escolas estaduais e municipais que não obtiveram resultados destacados na prova Brasil.

evidenciam os critérios utilizados por famílias de algumas cidades brasileiras, na escolha de estabelecimentos de ensino para seus filhos e as estratégias por elas utilizadas visando alcançar tal objetivo. Souza (2011) investigou as razões que levaram algumas famílias moradoras do bairro do Méier, no Rio de Janeiro, a optarem por um estabelecimento de ensino católico situado na região. Segundo a autora, a escolha do estabelecimento pelas famílias estava ligada a vários fatores que não podem ser analisados de forma isolada, devem levar em consideração o contexto de vida dessas famílias, bem como os capitais de que dispõem (capital cultural, econômico e social) associados às suas posições no meio em que vivem.

Já Pereira (2016) investigou três famílias de camadas populares da cidade de Viçosa, cuja renda foi ampliada, e assim possibilitou a transferência dos filhos de escolas públicas para particulares. O objetivo da pesquisa foi conhecer e analisar as práticas educativas e socializadoras de famílias, pais e irmãos. Por meio da análise dos dados, constatou-se que as famílias acreditavam que os estabelecimentos de ensino da rede privada ofereceriam um ensino de melhor qualidade do que aqueles da rede pública. Tendo consciência da importância da escolarização para alcançar uma mobilidade social, as famílias investiam na educação da prole, transferindo os filhos para escolas particulares. Os outros motivos para a escolha deste tipo de estabelecimento foram os baixos custos da mensalidade de escolas privadas de pequeno porte localizadas nos bairros; as informações obtidas pelas redes de relacionamentos sociais; a falta de vaga na escola pública desejada e o oferecimento de bolsa de estudos integral em um dos casos.

Por sua vez, Oliveira (2015) objetivou compreender e interpretar as dinâmicas locais que fundamentam a constituição dos atos parentais de escolha de dois estabelecimentos de ensino públicos (Escola Estadual Madre Santa Face e na Escola Estadual Effie Rolfs) reputados da cidade de Viçosa. Os resultados demonstraram que os atos parentais de escolhas dos estabelecimentos de ensino reputados de Viçosa estão associados às características socioespaciais em que as escolas e as famílias estão inseridas e à configuração e quantidade de capitais que as famílias possuem em mãos no ato de escolha do estabelecimento de ensino demandado. A autora afirma que foi possível observar também que as famílias que detêm melhores condições (econômicas, sociais e culturais) para escolher um estabelecimento de ensino aproveitam-se das oportunidades disponíveis para evitar as escolas de baixo prestígio e acessar as escolas desejadas, burlando o cadastro escolar que estipula onde os alunos estudarão, segundo o endereço informado pela família.

Por fim, Pinto (2009) objetivou identificar e analisar as motivações, objetivos e estratégias utilizadas no processo de escolha de famílias de camadas médias que optaram por escolarizar sua prole, integral ou parcialmente, em uma (ou mais) das três escolas Waldorf localizadas em Belo Horizonte e região metropolitana. A autora concluiu que as estratégias de escolha dessas famílias eram influenciadas, sobretudo, por seu capital social e cultural. Além disso, elas demonstraram estar fortemente mobilizadas, tanto em relação ao processo de escolha da escola, quanto em relação à vivência da escolarização dos filhos, propriamente dita.

Por meio da revisão das pesquisas acima assinaladas, é possível constatar que os modos de escolha do estabelecimento de ensino vão variar de acordo com os capitais (econômico, social e cultural) que as famílias possuem, capitais estes que lhes darão condições melhores ou piores de avaliar e comparar as escolas e dessa forma criar estratégias que lhes permitam acessar os estabelecimentos de ensino desejados. O fato de a escolha do estabelecimento estar relacionada aos diferentes capitais obtidos pelas famílias evidencia que o ato de escolher se torna um mecanismo de perpetuação das desigualdades sociais, pois nem todas as famílias têm as condições objetivas para escolher as melhores escolas para os filhos, tendo assim que seguir o cadastro escolar.

Com base no que foi levantado ao longo do trabalho, fica evidente que a escolha da escola pelas famílias ocorre de forma desigual e que o pertencimento social interfere nesse processo. Algumas famílias, conscientemente ou não, desenvolvem estratégias, que lhes conferem vantagens em relação às outras famílias que podem estar menos aptas a fazerem “boas” escolhas, por serem menos pedagogizadas e disporem de menos recursos culturais, informacionais e materiais.

Para compreender melhor o processo de escolha da escola pelas famílias no universo da presente pesquisa, serão apresentados, no capítulo seguinte, o caminho metodológico adotado para a coleta de dados, a caracterização do campo, bem como os resultados que configuram as características demográficas e socioeconômicas das famílias pesquisadas.

2 ESCOLA E FAMÍLIAS: CONFIGURAÇÕES DO CAMPO DA PESQUISA

Neste capítulo serão apresentados o estabelecimento de ensino público investigado assim como as famílias usuárias da escola, a fim de realizar uma contextualização do campo pesquisado. Na primeira parte será apresentado o desenho metodológico utilizado para coleta de dados, incluindo as etapas percorridas para alcançar tal finalidade e, também, a opção pela instituição de ensino público em questão e os trâmites do primeiro contato com a escola. Na segunda, teremos uma breve contextualização da escola, apontando algumas informações relativas à sua organização e infraestrutura e ao público atendido. Por fim, a terceira parte traçará o perfil demográfico e socioeconômico das famílias atendidas pela escola em estudo.

2.1 Desenho metodológico

A escola estadual Doutor Gomes Freire, campo de nossa investigação, é uma escola pública da rede estadual de ensino que atende aos anos iniciais do ensino fundamental, localizada no centro urbano da cidade de Mariana, Minas Gerais. O interesse pelo campo pesquisado surgiu quando fiz meu estágio curricular do curso de pedagogia nesta neste estabelecimento. No período em que tive contato com a escola, percebi que ela se diferenciava das demais escolas do sistema público da cidade quanto à sua reputação. Entre os moradores da cidade foi possível perceber o consenso de que ela é uma escola tradicional e bem conceituada, visto que, no início do ano letivo, sempre foi marcada por acumular, em sua porta, pais que dormiam na fila para conseguir vaga para os filhos.

Além desse consenso construído pela população da cidade, foi feita uma pesquisa ao banco de dados educacionais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) para consultar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB-2015)⁵, para os anos iniciais do ensino fundamental das escolas do município. Evidenciou-se que a escola possui índice 6,8, estando acima da média do estado de Minas Gerais que é 6,3 e do município, que é 6,4. Entre as escolas da rede estadual de ensino a escola pesquisada tem a maior nota e, entre todas as escolas públicas

⁵<http://qedu.org.br/escola/145841-ee-doutor-gomesfreire/ideb?dependence=2&grade=1&edition=2015>

do município ela está em segundo lugar.

Outro dado importante foi o resultado encontrado em pesquisa ao banco de dados do INEP, coletando informações sobre o Nível Socioeconômico (NSE) da escola pesquisada. O NSE é uma medida que situa o conjunto dos alunos atendidos pelas escolas em estratos socioeconômicos, definidos pela posse de bens domésticos, renda e contratação de serviços pela família e pelo nível de escolaridade dos pais. As bases de dados utilizadas para a construção desse indicador dizem respeito às respostas dadas pelos alunos aos questionários contextuais da Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb), da Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc, também denominada Prova Brasil) e do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), referentes aos anos de 2011 e 2013. No caso do índice de NSE da escola, o questionário estava contido na prova Brasil e foi respondido pelos alunos em 2013⁶. Segundo os dados divulgados pelo instituto, a escola se encaixou no nível 5 ou médio, porque os alunos, de modo geral, indicaram que há em suas casas um quantitativo maior da presença de bens elementares como três quartos e dois banheiros; posse de bens complementares como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e acesso à internet; e posse de bens suplementares, como freezer, um ou mais telefones fixos, um carro, além de uma TV por assinatura e um aspirador de pó. Os dados indicam também que a maioria das famílias não contrata empregada mensalista ou diarista, que a renda familiar mensal está entre 5 e 7 salários mínimos e que grande parte dos pais e mães (ou responsáveis) completaram o ensino médio.

Assim, essa pesquisa exploratória sobre o estabelecimento escolar nos confirmou tratar-se de uma escola pública que atende a um público heterogêneo, supostamente composto por famílias de camadas populares e por estratos inferiores das camadas médias, e que possui bons índices de IDEB diante de suas escolas parceiras do sistema público. Além disso, somam-se a sua localização central na cidade, a sua tradicionalidade e boa reputação junto à comunidade educacional e à população da cidade. Outro fator que provavelmente pode contribuir para a manutenção da sua boa reputação é a longa permanência dos diretores na função gestora, pois, no período de cinquenta e quatro anos de existência, esta escola teve apenas quatro diretoras, mantendo assim uma certa continuidade no trabalho. Esses elementos foram importantes para definir o campo da investigação com a intenção de compreender os motivos da escolha de uma determinada

⁶<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sobre-o-inep>

escola pública por famílias de diferentes grupos sociais.

Ao procurar a escola, fui muito bem recebida pela diretora, que se mostrou interessada pela temática proposta, porém preferiu consultar o corpo docente antes de aceitar a pesquisa. Ao retornar à instituição, recebi a notícia de que os professores, somados à coordenação pedagógica haviam concordado com a realização deste estudo, aceitando a pesquisa e se prontificando, assim como a diretora, a me ajudar no que fosse necessário.

Para a realização desta pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa, com a aplicação dos procedimentos e instrumentos de entrevista semiestruturada e questionários. A pesquisa qualitativa consiste no levantamento de dados sobre as motivações de um grupo, interpretação de determinados comportamentos, opinião e as expectativas dos indivíduos de uma população. “(...) a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise”. (DALFOVO; LANA; SILVEIRA, 2008, p.8).

Um dos recursos utilizados foi a aplicação de um questionário composto por questões fechadas e abertas (APÊNDICE 1). De acordo com Gil (2008, p.121), o questionário pode ser definido como “um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.”). Segundo Severino (2007, p.125), o questionário deve conter questões “pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas”. (SEVERINO, 2007, p.125).

O instrumento foi elaborado com um total de 23 questões que se dividiram em duas temáticas: a primeira parte tinha como objetivo captar dados para compor um breve perfil socioeconômico (NSE) e demográfico das famílias atendidas pela escola, com itens relativos a: nível de escolaridade dos pais, número de filhos, situação profissional e lugar onde moram. A segunda parte abordou questões relacionadas à escolha da escola por parte das famílias, a percepção dos familiares em relação à escola pesquisada e como se deu a escolha e ingresso nessa instituição de ensino.

Os questionários foram distribuídos aos alunos com a ajuda da diretora para serem

respondidos pelos 600 pais, mães e responsáveis do turno da manhã e da tarde. A diretora se responsabilizou em recolher os questionários e se mostrou empenhada em conseguir um maior número possível de retorno de respostas, porém é importante considerar o efeito da mediação da diretora como uma possível interferência nas respostas. O número de 436 questionários respondidos e devolvidos foi surpreendente, evidenciando pistas sobre a existência de uma relação estreita entre a escola pesquisada e as famílias, assim como sobre o grau de adesão e participação dos pais às demandas da escola.

Além da aplicação dos questionários, foi utilizada também a entrevista que, segundo Severino (2007, p 124), é a “técnica de coleta de informação sobre determinado assunto, diretamente solicitado aos sujeitos pesquisados”. O autor destaca que “o pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam” (2007, p 124). Há diferentes tipos de entrevista, entretanto utilizarei a abordagem feita por Szymanski (2004), que apresenta esta técnica como prática reflexiva, partindo do pressuposto de que as entrevistas convencionais trazem uma relação desigual entre entrevistado e entrevistador, colocando o entrevistador como protagonista da relação e detentor do conhecimento. A abordagem reflexiva considera que entrevistar é bem mais que colher informações, segundo a autora “(...) a proposta de, pelo diálogo, buscar uma condição de horizontalidade ou igualdade de poder na relação”(P.13), ou seja, “quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador organizando suas respostas para aquela situação”(p.12). Szymanski continua sua fala ressaltando que “a intencionalidade do pesquisador vai além da mera busca de informações; pretende criar uma situação de confiabilidade para que o entrevistado se abra” (2004, p.12).

Por meio da entrevista reflexiva, busquei relacionar o perfil socioeconômico (NSE) e cultural dos alunos matriculados na escola e a escolha do estabelecimento de ensino e outras práticas familiares de acompanhamento escolar. Além disso, esta abordagem teve o objetivo de captar, em profundidade, a percepção dos pais em relação à escola pesquisada e os processos desenvolvidos pelas famílias para a escolha da escola, no escopo de outras práticas educativas familiares. Para isso entrevistei 3 (três) pais/mães oriundos de camadas médias e 5 (cinco) de camadas populares, que foram identificados por meio do questionário aplicado, a fim de investigar a percepção que as famílias de camadas médias e populares têm em relação à escola pesquisada, e se ela se modifica de acordo com perfil da família, assim como os motivos e os processos para a escolha dessa

instituição escolar na escolarização dos filhos.

Além do critério socioeconômico, outros critérios - advindos da análise dos resultados gerais do questionário aplicado e com o objetivo de diversificar a subamostra - foram priorizados para a escolha das famílias como: 1) A família 3 que declarou morar em dois endereços, 2) As famílias 1 e 2 que declararam morar em locais distantes da escola pesquisada, 3) As famílias 5 e 6 que cogitaram matricular o filho em escola privada, 4) A família 7 família cujo progenitor exerce a profissão de professor, 5) A família 8 que mora distante da escola, porém respondeu ter feito a matrícula pelo cadastro escolar e f) por fim, a família 4 que registrou não ter seguido o cadastro escolar.

Inicialmente, as entrevistas com os pais/mães seriam realizadas nas próprias moradias das famílias, no entanto, para atender às necessidades dos sujeitos entrevistados, elas foram aplicadas em locais diversos: duas entrevistas foram realizadas na praça da cidade, quatro entrevistas na própria moradia das famílias, uma no local de trabalho do entrevistado e uma no terminal turístico da cidade. De um modo geral, as entrevistas duraram de trinta a quarenta minutos.

Após a aplicação das entrevistas, foi possível analisar os motivos e os processos vivenciados pelas famílias para a escolha da escola, assim como as estratégias de acompanhamento da escolarização nas distintas famílias.

Além das entrevistas com as famílias, foi feita uma entrevista com a diretora com o objetivo de coletar dados gerais sobre a escola, como também, e principalmente, sobre a forma de acesso e de ingresso dos alunos a este estabelecimento de ensino, a demanda por vagas, e a visão da escola sobre as famílias.

Essa entrevista foi realizada na própria escola e durou trinta e cinco minutos e vinte oito segundos. Ressalto que fui bem recebida pela diretora, que se mostrou calma e à vontade para responder as perguntas. Inicialmente havíamos marcado o encontro para dia 10 de maio 2018, porém houve vários imprevistos que me levaram a propor outra data, pois nesse dia, ao chegar à escola, notei que o ambiente não estava propício para a realização da entrevista. Assim, ela foi remarcada e se realizou no dia 14 de maio 2018.

Outra metodologia utilizada foi a pesquisa documental para analisar o PPP (projeto político pedagógico), o regimento interno da escola, o termo de responsabilidade e aceitação das normas estabelecidas no manual do aluno(a) e a resolução SSE Nº 3.765, DE 09 de maio de 2018, que estabelece normas para a realização, em 2018, do cadastro escolar para o ensino fundamental e da matrícula nas redes públicas de ensino em Minas

Gerais. segundo Severino (2007 p.122):

Tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.

Além da aplicação dos questionários e entrevistas para a coleta de dados e a pesquisa documental, o desenho metodológico dessa pesquisa incluiu uma revisão bibliográfica minuciosa sobre a temática “escolha do estabelecimento escolar”, que consistiu no levantamento da produção científica sobre o tema. A revisão bibliográfica foi essencial para a pesquisa desenvolvida, pois possibilitou o conhecimento sobre a literatura existente, que servirá como base para as discussões e compreensão do objeto de estudo, para a formulação dos roteiros, assim como para as análises dos resultados que serão adquiridos com a aplicação das entrevistas e questionários.

As entrevistas gravadas e transcritas foram utilizadas apenas para fins acadêmicos e seguiram a Resolução CNS 196/96. Assim, estes documentos permanecerão em posse da pesquisadora, em local seguro, por um período de cinco anos. Posteriormente a esse período, serão eliminados. Os dados coletados por meio das entrevistas foram analisados pelo método de análise interpretativa que consiste em analisar e “(...)“trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, P. 45). Nesse contexto, a análise consistiu em entender criticamente a mensagem expressa nos dados coletados, buscando os significados das mensagens colhidas por meio dos instrumentos metodológicos.

A seguir, será apresentada a escola pesquisada, a partir de informações coletadas nos documentos escolares (Projeto político pedagógico e o regimento da escola) e por meio da entrevista com a diretora.

2.2 Apresentação da escola pesquisada

Conforme os documentos (regimento da escola e o projeto político pedagógico), a escola foi fundada em 31 de dezembro de 1964, pelo então governador Dr. José de Magalhães com a finalidade de ampliar a rede estadual de ensino do município. As aulas tiveram início em 15 de fevereiro de 1965, com quatro turmas, que funcionavam em salas

de estrutura metálica, o que levou a população a denominar a escola de “grupo de lata”. Mais tarde, com base no que estava previsto no Plano Nacional de Educação, o prédio passou por uma reforma, que finalizou em 1969. A obra terminada continha uma fachada inteiramente modificada, constando de duas salas de alvenaria, uma sala para diretora, novas instalações sanitárias, cozinha e um galpão, posteriormente, transformado em sala de aula.

Em 1985, foi assinado um convênio entre a Secretaria de Estado da Educação e a prefeitura do município, que, sem qualquer ônus para o governo do estado, dotou a escola de mais três amplas salas de aula. O prédio foi sendo modificado ao longo das últimas três décadas até atingir a estrutura que tem atualmente.

Segundo o projeto político pedagógico, a escola possui dependências amplas e bem distribuídas, e até o momento atende adequadamente a quantidade de alunos matriculados. Ela é composta por 13 salas de aula, sendo uma delas destinadas ao atendimento de alunos com necessidades especiais da escola e de outras escolas públicas da região, 01 biblioteca, 01 sala de vídeo, 01 diretoria, 01 sala da coordenação pedagógica, 01 sala de professores, 03 banheiros masculinos e 03 femininos para alunos, 01 refeitório com mesas e bancos, 01 cozinha, um pátio coberto e um descoberto, espaço e palco para apresentações, 01 sala de depósito de materiais.

As salas de aula estão distribuídas no prédio da escola que possui dois andares: As turmas de 1º e 2º ano, que atendem crianças mais novas, funcionam em salas localizadas no térreo, evitando que estes alunos tenham acesso às escadas. As salas das turmas do 3º, 4º e 5º ano estão distribuídas no segundo andar da escola.

Apesar de dispor de uma infraestrutura razoável para o seu funcionamento, é visível a deterioração da sua estrutura física da escola. Segundo o relato da diretora, já houve reação da comunidade escolar às péssimas condições do prédio, com realização de abaixo-assinado e uma manifestação em frente ao fórum da cidade, reivindicando um posicionamento do Tribunal de Justiça e do governo estadual, mas até agora nada foi feito para resolver o problema.

De acordo com o depoimento da diretora, a comunidade do entorno da escola possui um bom relacionamento com a instituição, que é bem vista e respeitada, dispondo de prestígio junto à população da cidade. A escola possui um bom relacionamento também com os pais de alunos, que têm plena liberdade, segundo os seus relatos, de irem até a sala do professor, ou da pedagoga para conversar e tirar dúvidas. Sobre a relação da escola com as famílias, a diretora ainda afirma que:

Eu vejo como boa, até porque pelo questionário que nós fizemos da proposta pedagógica foi muito positivo a parte da família, quando falou da relação escola e família, professor e família, supervisão e família, porque é um todo, o retorno foi muito bom. A gente teve grandes elogios. A gente às vezes não satisfaz todo mundo, mas a relação é muito boa. Os pais sempre que a gente chama estão vindo, eu vejo como positivo. A gente tem os plantões de atendimento das famílias, tem as reuniões, as assembleias, e também o colegiado que tem a participação da família, tem os eventos, que sempre envolvem as famílias. Tem também um projeto que é desenvolvido como a sacolinha mágica, algumas ações, atividades de sala de aula que a gente envolve a família. Assim a gente está sempre desenvolvendo alguma coisa pra trazer a família pra dentro da escola, pra não ficar aquela questão, só chama na hora que precisa e na hora de algum problema. Eles estão sempre envolvidos, até em relação à luta, como foi na questão da obra, que houve envolvimento dos pais no abaixo-assinado que nós fizemos e das assembleias. Eles mesmos fizeram uma manifestação em frente à escola para mobilizar o juiz do fórum aqui do lado. Então tudo envolve as famílias (Diretora da escola).

Segundo Teixeira (2007, p.435), “têm-se, ainda, direta ou indiretamente presentes na tessitura das sociabilidades escolares e da docência, os relacionamentos entre os professores e as famílias dos estudantes: e, ainda, com a comunidade de seu entorno”. A escola é bem localizada geograficamente e socialmente na cidade (região central, perto de órgãos oficiais, como a sede da prefeitura e do Tribunal de Justiça, e da área comercial) e dispõe de prestígio, segundo o relato da diretora, por oferecer um bom ensino e se mostrar organizada.

O quadro de funcionários da escola é formado em média por 35 professores, 20 funcionários contando com a diretora, totalizando 55 funcionários. A escola oferece o ensino fundamental de 1º ao 5º ano, em dois turnos: matutino, que funciona de 07 h: 00 às 11 h: 20 min, contendo 02 turmas de cada ano do ensino fundamental; e o vespertino, funcionando de 12 h: 30 min às 16 h: 50 min, contendo 24 turmas do regular e 2 duas turmas da sala de recursos, totalizando 600 alunos com faixa etária variando de 06 a 12 anos. De acordo com a diretora, a escola atende alunos oriundos de diferentes regiões da cidade. Em seu relato, ela afirma que “pela sondagem que a gente fez ano passado quando decidimos rever a proposta pedagógica, de todos os bairros, porque ela é para atender o centro, mas a gente tem alunos de todos os bairros (Santo Antônio, Cabanas, Colinas, Rosário, o centro) são vários é muito diversificado”. E quando perguntada sobre sua visão sobre as famílias atendidas pela escola, ela afirma:

É bem heterogênea, bem diversificada, tem crianças e famílias de todas as formas: só mãe, mãe e pai, só pai porque têm viúvos, então são famílias bem diversificadas. De várias formas, jeito e quantidade: tem famílias com muitos filhos, famílias com poucos filhos, muda a escolaridade e nível social. Não tem

uma clientela determinada. Eu não posso falar com você que eu atendo periferia. Não, é bem misturado mesmo, tem famílias de todas as formas (Diretora da escola).

Assim, mediante a afirmação da diretora, pode-se constatar que a escola atende um público diversificado do ponto de vista socioeconômico e cultural, indo em consonância com trabalhos de Costa e Koslinski (2011) que afirmam que as escolas mais disputadas atraem um público heterogêneo e diversificado, tanto na sua estrutura, quanto nas vivências culturais e nível socioeconômico. Sobre a participação das famílias na vida escolar, a diretora relata:

Sim, a participação aqui é muito boa. Às vezes a gente não consegue nas reuniões e nos eventos que a gente marca, atingir determinadas famílias que as vezes a gente precisa, mas a participação é muito boa. Os eventos aqui são lotados, até fica difícil por causa do espaço físico. As reuniões também a gente normalmente divide em dois dias, turno da manhã e turno da tarde porque é muito grande, muita gente e não comporta todo mundo num horário só. Nas reuniões também a frequência é muito boa. Eu não tenho cem por cento, mas eu devo ter setenta por cento de participação dos pais. Temos algumas famílias aqui que a gente às vezes nem chega a conhecer direito, porque a gente tem que ficar insistindo. mas é um perfil, é um combinado da escola a gente conhecer todos. Então mesmo estes que de vez em quando não aparecem, a gente liga, marca e insiste na vinda deles à escola (Diretora da escola).

Perguntada ainda sobre o tipo ideal de participação familiar, a diretora relatou:

É aquela família que tem mais conhecimento. É difícil falar, eu acho que a participação é muito boa, têm algumas famílias que é muito participativa, são poucas as que não frequentam, até porque quando elas vêm para escola elas têm um manual do aluno, um termo de compromisso que eles assumem participar da vida escolar do aluno. Então é muito raro, mas têm aquelas que a gente liga, chama, insiste, e traz pra escola, porque às vezes normalmente estas crianças dão mais trabalho, né, quando a família não participa muito elas dão mais trabalho. Mas aí a escola busca esta família, às vezes, têm pais, sim, que vem aqui uma vez no ano, mas eu posso te falar que é pouco não é muito não. Eles gostam de participar, vêm nos eventos, que ficam muito cheios, a festa da família lota. A gente já tentou em vários espaços diferentes para ocupar e caber todo mundo de tanta participação. (Diretora da escola)

Apesar do discurso da diretora indicar uma relação bastante próxima da escola com as famílias, ressalta-se que, de acordo com Barbosa e Randall (2004), a relação entre família e escola é sempre construída em meio a tensão e desafios. Quando questionada sobre a existência dessa tensão e sobre as dificuldades encontradas pela escola na relação com as famílias, a diretora discorreu que:

Às vezes a dificuldade vem, ou da sala de aula, ou da insatisfação com algum professor. Então, se a família acha que não está atendendo o que ela deseja, tem

essa reclamação. Às vezes relacionada também a alguns conflitos entre os filhos aqui, aí sim, a gente tem que ter jogo de cintura e tentar resolver da melhor forma possível pra poder solucionar. A gente tem pequenos acontecimentos, mas que são solucionados, eu não vejo tamanha insatisfação. (Diretora da escola)

É possível perceber, pelo discurso da diretora, que há uma interação da escola com as famílias e, que, embora os conflitos sejam inevitáveis, eles parecem ser bem conduzidos e tratados pela instituição. Os dados coletados pelos questionários aplicados às famílias (e analisados neste e no capítulo 3) também confirmam este bom relacionamento e indicam que ambas as partes (escola e família) se esforçam para que haja uma relação de confiança e parceria.

2.3 Quem são as famílias?

Para configurar as famílias atendidas pela escola pesquisada, no que tange ao perfil demográfico e socioeconômico, foram utilizados dados obtidos por meio da aplicação de um questionário (APÊNDICE 1) junto aos pais ou responsáveis dos alunos matriculados atualmente na escola, totalizando 600 questionários distribuídos. Desse total, 436 foram respondidos e tabulados. Os resultados advindos do tratamento dos dados serão apresentados e analisados a seguir.

2.3.1 Perfil demográfico

No universo das 436 famílias que responderam ao questionário aplicado, constatou-se que o instrumento foi, predominantemente, preenchido por mães (quase 80%). De um modo geral, a maior parte delas declarou que compõe família biparental (cerca de 83%), contando com presença de pai e mãe no ambiente familiar e que vive em família pouco numerosa, com no máximo quatro pessoas residindo no mesmo endereço da criança (cerca de 85%). A grande maioria dos respondentes (74,8%) tem de um a dois filhos e mora em casa própria, na mesma região onde a escola está localizada. Em seguida, veremos um maior detalhamento dessa configuração sociodemográfica.

Tabela 1
Grau de parentesco dos familiares respondentes ao questionário

Grau de parentesco	Total	%
Mãe	346	79,36%
Pai	65	14,91%
Avó	12	2,75%
Tia	3	0,69%
Irmã	2	0,46%
Madrinha	2	0,46%
Outro	2	0,46%
Prima	1	0,23%
Padrasto	1	0,23%
Unidade de acolhimento	1	0,23%
S/R*	1	0,23%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

*SR – sem resposta

De acordo com a tabela 1 acima, 79,36% dos respondentes são mães, acompanhadas, em seguida, pelos pais, que totalizam apenas 14,91%. Essa predominância das mães converge com as pesquisas de Barbosa e Randall (2004) e Costa(2010), que apontam serem as mães as protagonistas na condução da vida escolar da prole e também com Singly (2007) que discute, em seu trabalho, que mesmo com o ingresso da mulher no mercado de trabalho, na maioria das vezes, o acompanhamento da escolarização dos filhos fica a cargo das mães.

Segundo Nogueira (1995, p.18), “no quadro da divisão do trabalho no interior da família, a qual não parece variar segundo o país, é à figura da mãe que incumbe o grosso desse trabalho pedagógico doméstico”. Em consonância com estes estudos, a forte presença das mães como respondentes ao questionário nos incita a supor que são elas, provavelmente, as responsáveis pelo acompanhamento da vida escolar dos filhos.

Tabela 2
Famílias de acordo com o número de pessoas residindo na moradia

Quantidade de moradores	Total	%
2	12	2,75%
3	122	27,98%
4	195	44,72%
5	68	15,60%
6	20	4,59%
7	16	3,67%
9	2	0,46%
Unidade de acolhimento	1	0,23%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Segundo os dados da tabela 2, quase metade das famílias (44, 72%) representa grupos de quatro pessoas residindo na mesma moradia e 27,98% residem em moradias com três pessoas. Isso evidencia que as famílias atendidas pela escola não são numerosas, a maioria delas contendo no máximo quatro moradores em uma residência.

Tabela 3
Presença de pai e mãe no ambiente familiar

Pai e mãe presentes na família	Total	%
Sim	362	83,03%
Não	70	16,06%
S/R	4	0,92%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Singly (2007) afirma que, na contemporaneidade, é possível encontrar diferentes configurações familiares, pois, cada vez mais, surgem novos arranjos e aumenta o número de família recompostas, do mesmo sexo e monoparentais. Entretanto, no universo pesquisado é nítido a predominância de famílias biparentais, havendo a presença de pai e mãe no ambiente familiar, totalizando 83,03% das famílias com essa configuração.

Tabela 4
Famílias segundo o número de filhos

Quantidade de filhos	Total	%
1	117	26,83%
2	206	47,25%
3	75	17,20%
4	19	4,36%
5	15	3,44%
S/R	4	0,92%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Quase metade dos respondentes (47,25%) declarou ter dois filhos, e 26,83% apenas um filho. Trata-se, dessa forma, de famílias pouco numerosas. Trabalhos como os de Marteleto (2002) e Singly (2007) demonstram a forte inclinação das famílias, principalmente de classe média, à diminuição do número de filhos. Segundo Marteleto (2002, p.160) “Um maior número de irmãos diminuiria o tempo e os recursos dos pais investidos em cada filho”. Sendo assim, estes estudos apontam que há uma estreita correlação entre o tamanho da prole e a escolaridade dos filhos, pois quanto menor o número de irmãos, maior poderá ser o investimento em cada um deles. Para Bourdieu (2008), o controle da fecundidade é uma das atitudes características das camadas médias, que reduzem o número de filhos, a fim de concentrar um maior investimento escolar em um menor número de filhos. O autor denomina esta estratégia de reprodução social como “malthusianismo”. Porém essa tendência a ter poucos filhos tem sido observada nas famílias brasileiras, em geral, não somente nas camadas médias.

Tabela 5
Sexo e série escolar dos filhos dos respondentes

Série	Sexo		Não responderam em relação ao sexo	Total	
	Feminino	Masculino		N	%
Maternal	9	9	2	20	2,21
1º Período	4	16	20	40	4,43
2º Período	8	7	1	16	1,77
1º Ano E. Fundamental	30	41		71	7,86
2º Ano E. Fundamental	47	38	1	86	9,52
3º Ano E. Fundamental	61	44		105	11,63
4º Ano E. Fundamental	67	40		107	11,85
5º Ano E. Fundamental	58	37	1	96	10,63
6º Ano E. Fundamental	6	7		13	1,44
7º Ano E. Fundamental	3	13		16	1,77
8º Ano E. Fundamental	11	16	1	28	3,10
9º Ano E. Fundamental	7	16		23	2,55
1º E. Médio	5	8	1	14	1,55
2º E. Médio	10	10		20	2,21
3º E. Médio	4	2		6	0,66
Cursinho	3	0		3	0,33
Superior	10	8		18	1,99
APAE	1	3		4	0,44
Não estudam	62	63	1	126	13,95
Não respondeu	46	25	20	91	9,1
Total Geral	452	403	48	903	100,00

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Os dados acima mostram a caracterização da prole quanto ao sexo e à série. Os 436 respondentes têm, no conjunto, 903 filhos, que se distribuem, em relação à etapa de ensino frequentada, entre as séries do maternal ao curso superior. A concentração recai sobre os níveis de ensino que a escola oferece, 1º ano do fundamental (7,86%), 2º ano do fundamental I (9,52%), 3º ano do fundamental (11,63%), 4º ano do fundamental (11,85%) e 5º ano do fundamental (10,63%), totalizando, nesta etapa da educação básica, mais da metade do conjunto dos filhos (51,49%). Há uma distribuição equitativa entre os filhos e filhas, com uma presença maior de meninas.

Tabela 6**Tipo de estabelecimento escolar dos filhos**

Tipo de Instituição	Total	%
Pública	663	58,67%
Particular	32	1,33%
Não estuda	126	28,00%
SR	82	12,00%
Total Geral	903	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Mais da metade dos filhos estudam em escolas públicas (58,67%), acompanhado pelos que não estudam ou concluíram a escolaridade (28,00%). Apenas 1,33% dos filhos estudam em escolas particulares.

Tabela 7**Faixa etária dos filhos**

Faixa etária	Total	%
0 a 5 anos	119	13,18%
5 a 10 anos	383	42,41%
10 a 15 anos	129	14,29%
15 a 20 anos	64	7,09%
20 a 25 anos	18	1,99%
25 a 30 anos	12	1,33%
30 a 35 anos	10	1,11%
35 a 40 anos	7	0,78%
S/R	161	17,83%
Total Geral	903	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

A tabela 7 reafirma os dados anteriores sobre a concentração de famílias com filhos ainda em faixa etária de escolarização obrigatória, com predominância de filhos com idade que varia de 5 a 10 anos, o que não é novidade, pois os dados acompanham a média da idade dos alunos atendidos pela escola pesquisada (ensino fundamental anos iniciais).

Tabela 8
Famílias segundo o local de moradia

Bairro Onde Reside	Total	%
Centro	234	53,68%
Rosário	38	8,72%
Colina	20	4,59%
São Gonçalo	17	3,90%
Cabanas	17	4,13%
Distrito	16	3,67%
Santo Antônio	11	2,06%
Santa Rita Cassia	8	1,83%
Galego	7	1,61%
Santana	6	1,38%
Barro Preto	4	0,92%
Dom Oscar	3	0,69%
Ouro Preto (outro município)	10	2,30%
Em outro bairro	36	8,00%
S/R	9	2,52%
Total	436	100%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Como se vê, grande maioria das famílias reside no centro da cidade, mesma região de localização da escola, totalizando 53,68%. As demais famílias residem em outros bairros e até mesmo em outro município, como é o caso de 10 famílias (2,3%) que residem em Ouro Preto. Pelo cadastro escolar, apenas as crianças que residem no centro da cidade poderiam estudar nesta escola, pois o cadastro encaminha os alunos para as escolas próximas de sua moradia, porém, quando sobram vagas, a escola disponibiliza as vagas ociosas através de um sorteio, mas este assunto será melhor explorado no próximo capítulo que abordará os motivos para a escolha da escola e os processos de acesso às vagas na escola pesquisada.

Tabela 9
Famílias segundo o tipo de moradia

Tipo de moradia	Total	%
Aluguel	125	28,67%
Cedida	32	7,34%
Própria	277	63,53%
S/R	2	0,46%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

A maioria das famílias mora em casa própria (63,53%), fator que provavelmente contribui para certa estabilidade financeira das famílias, e 28,67% pagam aluguel. Uma minoria, 7,3% das famílias reside em imóvel cedido ou emprestado.

Tabela 10
Tempo de moradia das famílias no endereço atual

Tempo Que Mora No Local	Total	%
Menos de 5 anos	182	41,76%
De 5 a 10 anos	106	24,31%
De 11 a 15 anos	49	11,25%
De 16 a 20 anos	17	3,88%
De 21 a 25 anos	6	1,38%
De 26 a 30 anos	17	3,88%
De 31 a 35 anos	12	2,76%
De 36 a 40 anos	9	2,07%
De 41 a 45 anos	1	0,23%
De 46 a 50 anos	0	0%
De 51 a 55 anos	1	0,23%
De 56 a 60 anos	24	5,51%
S/R	12	2,75%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Segundo os dados da tabela 10, 41,76% das famílias que responderam ao questionário moram no atual endereço há menos de cinco anos, acompanhado dos que moram a menos de 10 anos no endereço atual que totalizam 24,31%. Dessa forma é possível verificar que grande parte das famílias está há pouco tempo no endereço atual.

2.3.2 Perfil socioeconômico das famílias

De acordo com os dados obtidos pelo questionário, grande parte dos respondentes declararam ter ensino médio completo (55,28 %), assemelhando-se aos cônjuges dos quais 41,74 % possui ensino médio. Conforme os dados indicam, 33,87% dos respondentes exercem ocupações que estão na faixa ocupacional médio- médio e 27,34% na faixa médio- inferior, enquanto 20,56% dos cônjuges exercem ocupações que estão na faixa médio-médio e 45,85% na médio-inferior. E a renda mensal familiar de mais da metade (54,13%) das famílias é de 1 a 2 salários mínimos.

Tabela 11
Escolaridade do familiar respondente

Escolaridade	Grau de Parentesco					Total	
	Mãe	Pai	Avó	Madrinha	Outro	N	%
E. Fundamental Incompleto	21	3	4	0	1	29	6,65%
E. Fundamental Completo	25	3	1	0	0	29	6,65%
E. Médio incompleto	27	3	2	0	0	32	7,34%
E. médio Completo	193	36	3	1	8	241	55,28%
E. superior incompleto	30	2	0	1	0	33	7,57%
E. Superior Completo	29	11	1	0	1	42	9,63%
Pós-graduação	20	5	1	0	0	26	5,96%
S/ Escolaridade		2	0	0	0	2	0,46%
S/R	1	0	0	0	1	2	0,46%
Total Geral	346	65	12	2	11	436	100%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Os dados evidenciam que quase 70% dos respondentes possuem ao menos o ensino médio completo, sendo que, destes, 15,59% detêm o ensino superior completo.

Tabela 12
Escolaridade do cônjuge do respondente

Grau De Escolaridade Do Cônjuge	Total	%
E. Fundamental Incompleto	64	14,68%
E. Fundamental Completo	39	8,94%
E. Médio Incompleto	37	8,49%
E. Médio Completo	182	41,74%
E. Superior Incompleto	28	6,42%
E. Superior Completo	28	6,42%
Pós-Graduação	2	0,46%
S/ Escolaridade	10	2,29%
S/R	46	10,55%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

A tabela 12 acima indica que os cônjuges são um pouco menos escolarizados do que os respondentes. Embora a concentração também esteja no ensino médio completo, o índice de familiares com esse grau de escolaridade é menor (41,68% contra 55,28%) e o índice de familiares com no máximo ensino fundamental é maior (23,62% contra 13,3%). Essa evidência de menor escolarização também pode ser observada nas taxas de cônjuges com ensino superior ou pós-graduação. Enquanto 15,59% dos respondentes possuem ensino superior completo, apenas 6,88% dos cônjuges possuem ensino superior completo. Os dados parecem indicar que as mães possuem maior escolarização em relação aos seus cônjuges, tendo em vista que elas representam a maioria dos respondentes, conforme vimos na tabela 1.

As tabelas 13 e 14 abaixo apresentam as ocupações exercidas pelos familiares respondentes e por seus cônjuges.

Tabela 13:⁷
Ocupação do familiar respondente

Agrupamentos	Sub-agrupamentos das ocupações	Total	%
1- Alto	Comerciante/ Empresário(A)	7	1,61%
	Profissionais liberais	4	0,92%
	SUB-TOTAL	11	2,53%
2-Medio Alto	Pedagogo e professor do fundamental e médio	31	7,12%
	Administrativo(A) e gerência	3	0,69%
	SUB-TOTAL	34	7,81%
3- Médio- médio	Técnicos de nível médio	51	11,58%
	Representantes comerciais	43	9,88%
	Auxiliar de Escritório e Administrativo	33	7,58%
	Atendente, Recepcionista e secretaria	20	4,60%
	Designer Em Decoração De Festas	1	0,23%
	SUB-TOTAL	148	33,87%
4- Médio inferior	Auxiliar de serviços gerais, camareira, costureira	24	5,52%
	Faxineira, babá, diarista, doméstica	21	4,82%
	Cabeleireira e manicure	20	4,59%
	Cozinheiro, confeitiro, churrasqueiro	12	2,76%
	Motorista	10	2,29%
	Operador(A)de Equipamento, produção e mineração	9	2,07%
	Ajudante De Obras, pedreiro, carpinteiro, pintor	9	2,07%
	Eletricista e mecânico	6	1,38%
	Ferramenteiro, frentista, garagista, gari	5	1,15%
	Mecânico(A) De Máquinas, industrial e manutenção	3	0,69%
	SUB-TOTAL	119	27,34%
5- Baixo superior	Vendedor autônomo	5	1,15%
	Vigilante	2	0,46%
	SUB-TOTAL	7	1,61
	Dona De Casa	81	18,58%
	Desempregado	13	2,98%
	Autônomo	11	2,53%
	Aposentado	4	0,92%
S/R	8	1,83%	
	Total Geral	436	100,00 %

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018

⁷Para classificar e agrupar a ocupação dos respondentes e de seus cônjuges, tomou-se como base a grade classificatória elaborada por Scalón (1999) e Pastore & Valle Silva (2000) em suas obras sobre mobilidade social no Brasil. Porém a divisão dos sub-grupos contém limitações pois nem sempre as informações fornecidas pelos questionários foram suficientemente claras para fazer uma classificação precisa

Tabela 14
Ocupação do cônjuge do familiar respondente

Agrupamentos	Sub-agrupamentos das ocupações	Total	%
1- Alto	Comerciante /Empresário	11	2,58%
	Profissionais liberais	3	0,69%
	SUB-TOTAL	14	3,27%
2-Medio Alto	Professor do fundamental e médio	5	1,15%
	Gerente	2	0,46%
	SUB-TOTAL	7	1,61%
3- Médio- médio	Auxiliar administrativo e de escritório	38	8,79%
	Técnicos de nível médio	21	4,87%
	Praças das forças armadas	12	2,76%
	Assessor(a), recepcionista, secretário, assistente	10	2,30%
	Enfermeiro(a), monitor de creche	4	0,92%
	Bombeiro(a) civil, guarda municipal	3	0,69%
	Representantes comerciais	1	0,23%
	SUB-TOTAL	89	20,56%
4- Médio inferior	Eletricista e mecânico	48	11,01%
	Mecânico de máquinas, industrial e manutenção	34	7,88%
	Motorista, caminhoneiro	25	5,75%
	Ajudante de gás, motorista, geral	24	5,59%
	Auxiliar de limpeza	9	2,07%
	Diarista, empregada doméstica	9	2,07%
	Carpinteiro(a), pedreiro(a), serralheiro, pintor, marceneiro	8	1,84%
	Vulcanizador, sinaleiro, soldador, vidraceiro	8	1,84%
	Conferente, cozinheiro, padeiro, pizzaiolo	7	1,61%
	Operação de correios, equipamentos, ETA, guindaste,	7	1,61%
	Açougueiro, estofador, jardineiro, lanterneiro	6	1,38%
	Entregador(a), motoboy, montador de moveis	5	1,15%
	Caldeireiro(a), manicure	5	1,15%
	Instalador de Acessórios automotivos, instrutor	4	0,92%
	SUB-TOTAL	199	45,84
5- Baixo superior	Vendedor(a) autônomo(a)	9	2,07%
	Vigilante	1	0,23%
	SUB-TOTAL	10	2,30
6- Baixo-superior	Agricultor	1	0,23%
	SUB-TOTAL	1	0,23%
	Aposentado(a)	17	3,94%

	Autônomo(a)	33	7,59%
	desempregado(a)	1	0,23%
	Dona de casa	1	0,23%
	S/R	64	14,20%
Total Geral		436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Quando comparadas as ocupações dos familiares respondentes e de seus cônjuges, percebe-se que, assim como o grau de escolaridade dos respondentes é maior do que dos cônjuges, os respondentes exercem ocupações mais qualificadas que as de seus cônjuges. Conforme os dados indicam, 33,87% dos respondentes exercem ocupações que estão na faixa ocupacional médio- médio e 27,34% na faixa médio- inferior, enquanto 20,56% dos cônjuges exercem ocupações que estão na faixa médio-médio e 45,85% na médio-inferior. Assim, podemos também supor, seguindo a lógica da análise anterior, que as mães são mais escolarizadas e, por consequência, exercem ocupações mais qualificadas dos que as exercidas pelos seus cônjuges.

Tabela 15:
Famílias segundo a renda familiar

Renda familiar (salários mínimos)	Total	%
Menos de 1	7	1,61%
1 A 2	236	54,13%
2 A 3	93	21,33%
3 A 4	43	9,86%
4 A 5	27	6,19%
5 Ou Mais	11	2,52%
Sem Renda	2	0,46%
S/R	17	3,90%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Os dados revelam, em dois extremos, que cerca de 2% das famílias recebem menos de um salário mínimo ou não têm renda, enquanto 2, 52% das famílias têm renda familiar correspondente a mais de cinco salários. A tabela 15 também indica que grande parte das famílias da amostra (75,43%) possui renda familiar de 1 a 3 salários mínimos, o que as posiciona, segundo o Critério Brasil da ABEP, nos estratos socioeconômicos C1 e C2. De um modo geral, embora os instrumentos utilizados nessa pesquisa não nos possibilitem posicionar as famílias nos diferentes estratos sociais definidos pelo Critério

Brasil, pois temos apenas o indicador da renda familiar, insuficiente para analisar as condições socioeconômicas das famílias, podemos supor que as famílias atendidas pela escola pesquisada são, em sua maioria, pertencentes às camadas populares e aos estratos inferiores das camadas médias.

Os dados levantados evidenciaram, a respeito do perfil demográfico das famílias que, em um universo de 436 famílias que responderam ao questionário, a maioria dos respondentes foi composta por mães representando 79,36% do total. De um modo geral, as famílias são biparentais, pouco numerosas, com um ou dois filhos e compostas por 3 a 4 moradores em uma mesma residência.

Comprova-se, então, no âmbito do universo pesquisado, a tendência das famílias brasileiras a diminuir o número de filhos, pois quase metade dos respondentes (47,25%) declarou ter dois filhos, e 26,83% das famílias têm apenas um filho. O total das 436 famílias têm, um conjunto de 903 filhos, com idade variando entre 5 e 10 anos, na maioria dos casos. Em relação à série escolar frequentada pelos filhos, a concentração está nas séries iniciais do ensino fundamental, (1º ao 5º ano), etapa de ensino ofertada pela escola pesquisada. Além disso, grande parte dos filhos estuda na rede pública de ensino básico.

Mais da metade das famílias reside no centro da cidade, sendo que 63,53% delas moram em casa própria há menos de 5 anos no endereço atual.

No que concerne ao perfil socioeconômico das famílias, ficou revelado que a maioria dos respondentes possui, como escolaridade mínima, o ensino médio completo e que os respondentes são um pouco mais escolarizados que seus cônjuges. Constata-se também que os respondentes (quase 80% de mães) exercem ocupações mais qualificadas que as de seus cônjuges. E no que diz respeito à renda familiar, podemos supor, a partir dos dados coletados, mesmo diante dos limites do instrumento metodológico utilizado, que as famílias, em sua maioria, são pertencentes às camadas populares e aos estratos inferiores das camadas médias.

Traçar o perfil demográfico e socioeconômico das famílias pesquisadas tornou possível compreender os efeitos produzidos pelo contexto em que as famílias estão inseridas e quais as implicações deste no momento de efetuar a escolha do estabelecimento de ensino. No intuito de apontar os mecanismos que movem as escolhas das famílias pelo estabelecimento de ensino investigado, as entrevistas, juntamente com parte das respostas às perguntas do questionário relacionadas à escolha do estabelecimento de ensino, compõem o terceiro capítulo, que analisa o processo de escolha de estabelecimento de ensino por parte das famílias de classe popular e média e como esse processo se articula

às outras formas de acompanhamento escolar dessas famílias.

3 AS FAMÍLIAS E A ESCOLA PÚBLICA: DA ESCOLHA DO ESTABELECIMENTO AO ACOMPANHAMENTO PARENTAL DA ESCOLARIZAÇÃO

Com objetivo de detectar e analisar as motivações e estratégias utilizadas pelas famílias durante o processo de escolha de estabelecimento de ensino, bem como traçar o perfil socioeconômico, o estilo de vida e o acompanhamento e mobilização das famílias que optaram pela escola pesquisada, foi adotada como procedimento metodológico a realização da entrevista reflexiva. Serão analisados também o relato da diretora no que diz respeito à escolha e à forma de acesso dos alunos à escola, assim como as questões dos questionários voltadas para os motivos da escolha do estabelecimento de ensino.

Devido ao tempo disponível para a realização desta pesquisa, o número de sujeitos entrevistados não nos permitiu representar toda a diversidade de famílias encontradas no estabelecimento. No entanto, com o intuito de selecionar uma amostra que refletisse, de certa forma e dentro do possível, a heterogeneidade da realidade estudada, procuramos entrevistar famílias que se diferenciavam socioeconomicamente, levando em conta também outros critérios apontados na metodologia⁸, com o intuito de abranger de forma mais ampla os motivos que levaram as diferentes famílias a matricularem seus filhos no estabelecimento de ensino pesquisado, pois dessa forma, buscamos condições favoráveis para uma análise mais abrangente sobre o processo de escolha da escola.

As entrevistas com os pais e mães aconteceram entre os meses de novembro e dezembro de 2018, durando no mínimo 15 minutos e no máximo 52 minutos. Durante os contatos com as famílias, a pesquisadora deixou livre a escolha pelo local da entrevista pois, em alguns casos, os entrevistados conjugavam o tempo da entrevista aos afazeres cotidianos, como foi o caso de uma mãe que optou por responder a entrevista no local de trabalho (uma escola), durante o intervalo do jantar; outras duas mães optaram por realizar a entrevista em uma praça da cidade, sendo que uma delas justificou a escolha do local por ser próximo ao local de trabalho e a outra para conciliar a entrevista com o dia em que ela fosse resolver algumas pendências no centro da cidade; um pai concedeu a entrevista no terminal turístico da cidade antes de buscar o filho na escola. Os demais optaram por responder a entrevista em suas próprias moradias. Destaca-se, de modo geral, que não houve dificuldade em fazer os contatos com as famílias e conseguir o aceite para a participação, porém o período planejado para a execução das entrevistas se

⁸ Página 49.

prolongou devido aos desencontros ocasionados pela necessidade de conciliar o tempo necessário para a entrevista ao tempo do trabalho dos respondentes, dificultando o agendamento.

Mediante o que foi apresentado, será exposto a seguir, o perfil socioeconômico e demográfico das oito famílias entrevistadas, traçando um pano de fundo que poderá ampliar a compreensão das práticas educativas das famílias e, em especial, os processos de escolha da escola

3.1 Perfil das famílias entrevistadas

A partir dos dados coletados por meio dos questionários aplicados ao universo das 436 famílias e das entrevistas semiestruturadas feitas com as oito (8) famílias participantes da pesquisa, foi possível traçar um perfil socioeconômico e demográfico da subamostra da pesquisa. Para isso, e preservando o anonimato garantido a todas as famílias, elas serão identificadas de forma numérica.

Família 1:

A família 1 é biparental, composta pelos pais e pelos dois filhos do sexo masculino, um de nove anos e outro de 3 anos. A mãe, que foi a figura parental entrevistada, tem 39 anos de idade e o pai 56 anos. O filho mais velho estuda na escola pesquisada cursando, o 3º ano do fundamental e o mais novo estuda em uma creche. A mãe tem ensino fundamental completo e trabalha como servente em uma escola municipal do bairro Cabanas. Segundo ela, a continuidade da sua escolarização foi dificultada por morar em região rural e distante da cidade, como se pode ver abaixo:

Estudei em instituição pública, em uma escola pequena, depois ela foi ampliada e foi feita a construção de uma nova escola, aí teve esta melhora. Quando eu comecei era uma escola bem pobrezinha, aí depois foi construída uma escola maior, e a escola era da zona rural. Eu considero o meu desempenho mais ou menos, eu melhorei a partir do quinto ano, aí eu acredito que me sai melhor. Parei de estudar porque morava na roça ainda não tinha recurso, não tinha transporte na época que eu parei de estudar, ou então tinha que vir pra cá, morar aqui nessa cidade, tinha que morar no caso com outras pessoas (Mãe- família 1).

O pai tem ensino fundamental incompleto (estudou até o 4º ano) e trabalha atualmente como pedreiro. Quanto aos avós paternos, ambos estudaram até o quarto ano do ensino fundamental e trabalhavam como lavradores, e quanto aos avós maternos, a avó

estudou até o 2º ano do fundamental, de acordo a respondente, o suficiente para saber ler, sendo que em relação ao avô ela não soube precisar até que série ele cursou. Ela mencionou também que ambos trabalhavam, de modo similar aos avós paternos, como lavradores.

A renda familiar mensal gira em torno de R\$ 2.000,00, segundo a respondente: “aí oscila muito, porque meu marido é autônomo, ele é pedreiro, porém autônomo, então às vezes ele está trabalhando e as vezes não, aí a renda quando ele está trabalhando dá uns dois mil, dois mil e pouco”. A família não recebe nenhum tipo de benefício social. Esta família reside no bairro Cartucha e possui casa própria há 6 anos.

Família 2:

A família 2 também é uma família biparental, composta pelos pais e pelos dois filhos, sendo que a filha tem 23 anos e cursa o ensino superior e o filho tem 10 anos e frequenta o 5º ano do ensino fundamental na escola pesquisada. A mãe tem 48 anos de idade e o pai 52 anos. Os dados mostram que a família 2 é mais escolarizada que a família 1, pois a mãe, que foi a progenitora entrevistada, tem diploma de ensino superior, mas, por não ter se identificado com a docência ela não desenvolvia, à época da pesquisa, nenhuma atividade profissional, dedicando-se às atividades do lar. Segundo ela: “eu sou de Ouro Preto né, estudei toda vida lá mesmo na região, fiz até o magistério lá no Dom Veloso, escola boa, no ano que vem eu quero ver se eu levo meu filho para lá. Formei o magistério lá e fiz pedagogia pela UFOP. Sempre estudei em escola pública”.

O pai também cursou o ensino superior completo e trabalhava como supervisor de mina, porém há mais ou menos um ano e meio antes da entrevista, ele sofreu um acidente que o deixou paraplégico. Quanto aos avós maternos, o avô estudou até o quarto ano do ensino fundamental (antigo ensino primário) e era aposentado, e a avó fez o ensino médio completo e era “do lar”. Com relação aos avós paternos, a avó era professora, e o avô, que era comerciante, estudou até o oitavo ano. Segundo a respondente, ele voltou a estudar depois de mais velho.

A renda familiar mensal gira em torno de R\$ 7000,00. A família não recebe nenhum tipo de benefício social. Esta família reside em um distrito da cidade onde a escola pesquisada está localizada e moram em casa própria há 4 anos.

Família 3:

A família 3 é composta por pai, mãe e pelos dois filhos do sexo masculino: um de dez anos e outro de 16 anos. A mãe tem 49 anos de idade e o pai 59 anos. O filho mais

velho está cursando o 2º ano do ensino médio e o mais novo está cursando o 5º ano do ensino fundamental, na escola pesquisada. A mãe, que foi a respondente, cursou até 3º ano do ensino fundamental e se dedicava, no momento da pesquisa, às atividades do lar, não tendo uma outra ocupação Segundo ela: “Estudei em escola pública, me saía bem na escola, porém tive que parar de estudar por causa do serviço. Era serviço e escola, me cansou muito”.

O pai cursou o ensino médio completo e trabalhou como motorista de caminhão “fora de estrada”, porém se encontrava aposentado. Quanto aos avós paternos, a entrevistada não soube informar a escolaridade, lembrando-se apenas de que a avó trabalhava em olaria Sobre os avós maternos, a entrevistada também não soube informar a escolaridade, mas a avó era “do lar” e o avô era encarregado de obra.

A renda familiar mensal gira em torno de R\$ 2.000,00. A família não recebe nenhum tipo de benefício social. Esta família reside no bairro Cartucha e possui casa própria há 57 anos, (Herança dos avós paternos).

Família 4

A família 4, repete o arranjo familiar biparental das outras três famílias e é composta pelos pais e seus dois filhos do sexo masculino. O filho mais velho tem oito (8) anos e está no 3º ano do ensino fundamental na escola pesquisada, e o filho mais novo tem dois (2) anos. Tanto a mãe quanto o pai têm 29 anos de idade. A mãe, que foi entrevistada, cursou o ensino médio completo, trabalha como auxiliar de cozinha, mas estava desempregada na época da entrevista. Segundo ela:

Estudei em escola pública, no Soares Ferreira. Olha eu sempre fui uma menina muito travessa né, depois que eu arrumei menino que eu sosseguei, mas eu sempre fui travessa na escola. Até então que a supervisora de lá é hoje a diretora da escola que meu menino tá, e até que ela me entendia bem sabe, mas eu fui travessa demais na escola, mas até que dava pra levar. Minhas notas sempre foram meia a meia, não tinha uma nota muito ruim nem uma nota muito boa, meio termo. Meu ensino médio foi no Benevides, lá eu me saía bem porque lá, quando entrei no Benevides minha cabeça já era outra, no Soares Ferreira eu tinha uma cabeça de criança (Mãe- família 3).

O pai possui ensino fundamental, chegou a cursar o ensino médio, mas não o completou, e trabalha com serviços gerais. Quanto aos avós maternos, o avô cursou o

ensino médio completo. Segundo a entrevistada, ele trabalha na empresa VALE, mas ela não soube explicar a função que ele desempenha, e a avó tem ensino fundamental incompleto e trabalha como cozinheira. Em relação aos avós paternos, eles não estudaram e trabalhavam como lavradores.

A renda familiar mensal é de um salário mínimo. A família recebe benefício social (bolsa família). Esta família reside no bairro Rosário e possui casa própria há 2 anos.

Família 5:

A família 5 é uma família composta pela mãe/ mulher e uma filha de 7 anos que estuda na escola pesquisada sem coabitação com cônjug⁹e. Na mesma moradia estão também membros da família estendida, os avós maternos e um irmão.

A mãe tem 29 anos de idade, cursou o ensino superior completo e trabalha como professora de ballet. Segundo ela:

Eu sempre estudei em escola privada, eu e meu irmão, minha filha estudava em escola privada, mas como eu fiquei desempregada há um ano, eu não quis arriscar deixá-la na escola privada, ela começou na escola privada e ano passado foi para a atual escola. Sempre fui bem na escola, sempre me dei bem na escola (Mãe- Família 5).

Segundo informações fornecidas pela mãe, o pai tem curso superior completo e trabalha como policial. Quanto aos avós paternos, a avó tem curso técnico em enfermagem e desempenha a função. Sobre o avô, ela não soube informar a escolaridade, mas afirmou que ele é dono de um comércio. Quanto aos avós maternos, o avô possui o ensino superior completo e trabalha como analista em uma empresa de mineração, e a avó tem curso técnico em enfermagem e desempenha esta função.

A renda familiar mensal gira em torno de R\$ 8.000,00. A família não recebe nenhum tipo de benefício social. Esta família reside no bairro Vila Maquiné, e possui casa própria há 29 anos (propriedade dos avós maternos).

Família 6:

A família 6 é composta pela mulher/ mãe e dois filhos do sexo masculino sem coabitação com o cônjuge, sendo que a avó materna também reside na mesma moradia.

⁹ Denominação adotada pelo IBGE 2016

O filho mais velho tem 18 anos e cursou o ensino fundamental completo e o mais novo tem 10 anos e está cursando o 4º ano do ensino fundamental na escola pesquisada.

A mãe tem 50 anos de idade e o pai 38 anos. A mãe, que concedeu a entrevista, cursou o ensino fundamental, sem concluí-lo, e trabalha com serviços gerais na escola pesquisada. Segundo ela: “eu estudei na escola estadual Benjamim Guimarães em Passagem. O porte da escola era suficiente, era bom. não concluí a escolarização por dificuldade né, tive muita dificuldade em matérias, na época eu tinha muitos problemas pessoais”.

O pai cursou o 4º ano do ensino fundamental e trabalha como tropeiro. Quanto aos avós maternos, ambos não estudaram, a avó era costureira e atualmente é “do lar”, o avô era eletricitista. Quanto aos avós paternos, a avó exerce atividades do lar e o avô era tropeiro, ambos não estudaram.

A renda familiar mensal varia em torno de um a dois salários mínimos. Segundo o relato da mãe, ela recebia bolsa família, porém havia sido cortada, sendo assim não recebia, à época da entrevista, nenhum tipo de benefício social. Esta família reside no bairro Colina e possui casa própria há 28 anos (propriedade da avó materna).

Família 7:

A família 7 é uma família biparental, composta pelos pais e pelos dois filhos, um de oito anos que cursa o 2º ano do ensino fundamental na escola pesquisada e uma filha de três anos. A mãe tem 40 anos de idade e o pai 41 anos. O pai, que foi o respondente à entrevista, cursou o ensino superior e trabalha como professor de biologia. Segundo ele: “Sempre estudei em escola pública, era um espaço bom, inclusive já estudei na escola pesquisada, eu era um aluno mediano, nunca fui de tirar excelentes notas não”.

A mãe cursou o ensino superior e trabalha como geóloga. Quanto aos avós paternos, ambos tinham curso superior, a avó trabalhava como professora e o avô como administrador, em relação aos avós maternos ambos cursaram o ensino médio completo, a avó era do lar e o avô era eletricitista.

A renda familiar mensal gira em torno de 10.000 reais. A família não recebe nenhum tipo de benefício social. Esta família reside no centro da cidade e possui casa própria há 2 anos.

Família 8

A família 8 é uma família também é composta pela mulher/ mãe e pelo filho de seis anos sem coabitação com o cônjuge. Na mesma moradia também vivem a avó materna e um irmão. A mãe tem 27 anos de idade e o pai 33 anos. O filho está cursando o 1º ano do ensino fundamental na escola pesquisada. A mãe, que concedeu a entrevista, cursou o ensino médio completo e trabalha como atendente, porém estava desempregada na época da entrevista. Segundo ela:

Estudei na escola pública a vida inteira, no ensino fundamental até que era uma escola boa , mas a do ensino médio não foi boa, os alunos faziam o que quisessem que era o Benevides antigamente , era até lá na cabanas, saía e entrava a hora que quisesse, ficava na sala de aula se você quisesse, era uma zona né. Eu me saía bem na escola mas é porque eu colava , mas não porque eu estudada porque eu não estudava, eu ia assim se tivesse prova , trabalho ai eu ia, caso contrário eu não ia a escola não, eu não ia fazer nada lá, não tinha nada pra fazer, tinha vez que o professor não ia, ai eu quase não ia, ou ia andar à toa , às vezes ia toda linda maravilhosa dava umas voltas na escola e ia embora pra casa, não estudava assim não. Passei, mas não estudei, não sei de nada, só na base da cola, e não quero isso pro meu filho (Mãe -Família 8).

O pai cursou apenas parte do ensino fundamental e trabalha como pedreiro. Quanto aos avós paternos, ambos não tinham escolaridade e trabalhavam como lavradores. Sobre os avós maternos, a entrevistada disse ter somente a mãe que estudou até a 4ª série do ensino fundamental e trabalhava como empregada doméstica.

A renda familiar mensal gira em torno de R\$ 2.000,00. A família recebe benefício social (bolsa família). Esta família reside no bairro Cabanas e possui casa própria há 25 anos (propriedade da avó materna).

Abaixo segue o Quadro 1 apresentando um resumo das características das famílias entrevistadas, segundo informações coletadas por meio da entrevista e do questionário:

Quadro 1**Resumo do perfil demográfico e socioeconômico das famílias**

Família	1	2	3	4	5	6	7	8
Entrevistado	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Pai	Mãe
Idade	39 anos	48 anos	49 anos	29 anos	29 anos	50 anos	41 anos	27 anos
Escolaridade	9º ano Ens.fund	Superior	3º ano Ens.fund	Ensino médio	Superior	Ens.fund Incomp.	Superior	Ensino Médio
Ocupação	Servente Escolar	Do lar	Do lar	Auxiliar Cozinha	Professora De ballet	Serviços Gerais	Professor Biologia	Balconista
Escolaridade Do cônjuge	4º ano Ens.fund	Superior	Médio	Médio	Superior	4º ano Ens.fund	Superior	Não tem
Ocupação do cônjuge	Pedreiro	Superv. De mina	Motorista	Serviços Gerais	Policial	Tropeiro	Geóloga	Não tem
Numero De filhos	2	2	2	2	1	2	2	1
Local de residência	Cartucha	Passagem	Cartucha	Rosário	Vila Maquiné	Colina	Centro	Cabanas
Tipo de moradia	Própria	Própria	Própria	Própria	Própria	Própria	Própria	Própria
Renda familiar	2.000,00	7.000,00	2.000,00	954,00	8.000,00	1.908,00	10.000,00	2.000,00

Fonte: Quadro organizado pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018, e nas entrevistas feitas com oito famílias.

Considerando a subamostra de oito famílias da pesquisa, podemos afirmar que se trata, em sua maioria, de arranjos familiares biparentais (5), sendo apenas três famílias monoparentais chefiadas por mulheres. Essa predominância de famílias monoparentais também se repete no conjunto das 436 famílias que responderam ao questionário, sendo que esses dados gerais foram apresentados na Tabela 3¹⁰ e indicam que 83,03% das famílias são biparentais, ou seja, são compostas por pai e mãe em conjugalidade e morando na mesma residência, demonstrando que, mesmo com o surgimento de novos modelos familiares e as transformações que vêm ocorrendo nessa instituição, o modelo de família nuclear ainda é dominante no cenário brasileiro. Em seu trabalho Costa (2010) levanta a hipótese com base no resultado de sua pesquisa que o fato das famílias serem biparentais assegura uma certa estabilidade que ajuda na manutenção dos filhos em escolas prestigiadas, dobrando as chances de os alunos acessarem as melhores escolas.

¹⁰ Página 60

Observa-se também, nas oito famílias entrevistadas, um forte controle da fecundidade, característica própria das camadas médias, mas que se reflete também no contexto pesquisado, composto, em parte, por famílias de camadas populares. De acordo com os dados coletados, podemos inferir que cinco das oito famílias são pertencentes às camadas populares e as demais (3) de estratos inferiores das camadas médias. Essa tendência do controle de fecundidade no Brasil nas diferentes camadas sociais foi apresentada também em estudos mais recentes do IBGE (2016) sobre as famílias brasileiras. Este estudo demonstrou que a taxa de fecundidade total no país passou de 2,39 filhos por mulher, em 2000, para 1,72 filho por mulher, em 2015.

Outro ponto que chamou a atenção foi o aumento progressivo da escolaridade na descendência da família, pois a respeito do grau de instrução dos membros da família de origem dos pais e mães pesquisados, percebeu-se um aumento expressivo dos anos de escolaridade dos filhos em relação aos pais. Esse expressivo aumento da escolaridade em relação à família de origem também foi verificado nos estudos recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,2017) que constatou que enquanto 34,3% dos pais não tinham instrução, esse percentual caiu para 7,8 no grupo dos filhos, evidenciando que o número de pais sem instrução era 4,4 vezes maior que o percentual dos filhos nessa categoria. Porém este movimento se intensifica mais para as gerações mais novas de filhos (25-44 anos de idade), sendo que essa diferença não é tão impactante quando se trata dos filhos mais velhos (45-65 anos de idade). Podemos supor que essa diferença pode ser explicada, dentre outros fatores, pelo recente processo de democratização da educação no Brasil.

Esta realidade aparece também na presente pesquisa, pois quanto mais novos os progenitores entrevistados, maior é a distância entre o seu grau de escolaridade e o da família de origem. Este cenário é acentuado principalmente em relação aos progenitores nos casos em que os avós possuem baixo grau de instrução.

Outro dado evidenciado tanto na pesquisa quanto nos dados no IBGE (2017), são as desigualdades de acesso a níveis educacionais mais elevados entre gerações de pais e filhos, pois quanto maior o nível de instrução dos pais maior a proporção de filhos que alcançaram o nível “médio completo” ou “superior completo”.

Para finalizar a análise do perfil das famílias, é importante observar que todas elas residem em casa própria, fator este que confere certa estabilidade econômica à família. Associado aos dados acima apresentados, serão analisados os motivos da escolha pelo estabelecimento pesquisado pelas famílias no tópico a seguir.

3.2 Escolha da escola

Buscando compreender as expectativas das famílias em relação à escolha do estabelecimento de ensino dos filhos, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, com foco em três dimensões da investigação: os relatos das oito famílias entrevistadas, as respostas das 436 famílias ao bloco de perguntas do questionário que trataram especificamente da escolha da escola, bem como a entrevista realizada com a diretora da instituição.

A escolha da escola pesquisada pelas famílias encontra-se, certamente, associada a uma série de fatores já identificados e discutidos pela literatura sociológica internacional e brasileira, que nos auxiliou a refletir sobre os dados coletados. Assim, neste tópico, as entrevistas foram analisadas a fim de detectar e interpretar os fatores que motivaram as famílias no momento da escolha por uma escola pública considerada de boa reputação no município e os critérios utilizados por elas nesse processo da escolha.

As entrevistas foram geralmente feitas com as mães, com exceção de um caso (família 7), em que o pai foi o respondente. Destaca-se também que na família 3, em que a respondente foi a mãe, na metade da entrevista, o pai chegou à residência e participou em alguns momentos.

Apesar das diferentes razões que motivaram as famílias a escolherem a escola pesquisada, foi possível evidenciar o fato de que a escolha da escola para os filhos ocupa um lugar central e importante na vida dessas famílias, exigindo delas um comportamento mais ativo e uma reflexão mais profunda e constante. Para iniciar a discussão, vejamos como as famílias iniciaram o processo de escolarização dos seus filhos e o ingresso na educação infantil.

3.2.1. Educação infantil

A respeito da primeira etapa do percurso escolar básico, a educação infantil, 97,48% das famílias que compõem o universo de famílias da pesquisa (N=436) matricularam os filhos em escolas de educação infantil das redes públicas e privadas do município, antes do ingresso na escola pesquisada. Desse total, 56,88% dos alunos fizeram esta etapa do ensino em escola de educação infantil pública e 39,22% em escola particular, como podemos ver nas tabelas 16 e 17 abaixo.

Tabela 16:
Filhos que fizeram educação infantil

Seu filho(a) fez educação infantil	N	%
Sim	425	97,48%
Não	5	1,15%
S/R	6	1,38%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Tabela 17
Tipo de estabelecimento escolar que o filho fez a educação infantil

Tipo de instituição que o filho fez a educação infantil	N	%
Pública	248	56,88%
Particular	171	39,22%
Publica\ particular	4	0,92%
S/R	8	2,98%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Seguindo o padrão dos dados do universo de famílias pesquisado, as oito famílias entrevistadas matricularam os filhos na rede de educação infantil, sendo que quatro famílias o fizeram em escolas privadas e as demais matricularam os filhos em escolas públicas de educação infantil do município. Ressalta-se que, de acordo com os depoimentos, duas das famílias (1 e 5), que iniciaram a escolarização dos filhos em escolas de educação infantil privadas, mencionaram ter transferido os filhos para escola pública no momento de cursar o ensino fundamental, em decorrência do encurtamento da renda mensal das famílias. Já duas das famílias (2 e 7) afirmaram que a mudança para a escola pública na transição para o ensino fundamental se deu pelo desejo da família em realizar a experiência de colocar os filhos em uma escola da rede pública de ensino.

Estudos como de Campos, Bhering, Esposito, Gimenes, Abuchaim, Valle, Unbehaum (2011), e Mackey, Raganhan (2009) demonstram em seus trabalhos a importância e o impacto positivo da educação infantil na continuidade da escolaridade e no desempenho dos alunos ao longo de sua escolarização.

Ao serem perguntadas sobre o que pensaram quando os filhos chegaram na idade de ir para escola e se houve alguma dificuldade, surgiram as seguintes respostas das famílias:

Ah! quando o meu menininho de oito anos foi pra escolinha com quatro anos, eu morava no alto do Rosário. Nossa! Eu fiquei completamente ansiosa. Será que ele vai se adaptar? será que ele vai chorar? meu coração vai doer, eu vou ficar completamente... sabe? com medo de deixar ele lá sozinho porque ele ficava comigo o dia inteiro, mas a única escolha que eu tive naquela época foi a escola do Rosário lá em cima. Coloquei lá. ele ficou um ano só. Eu não gostei. Não digo as professoras porque até então a única professora que deu aula pro meu menino, até me esqueci o nome dela, mas era excelente, eu gostava demais dela. Aí ela teve que sair de licença e teve que entrar uma outra no lugar. Eu gostava muito dela, mas infelizmente a escola em si era muito desorganizada. Depois disso ele foi pro Santa Godoi, né! que foi no segundo período. Lá ele foi no primeiro e no Santa Godoi no segundo período. Ai no Santa Godoi eu desci, minha colega tinha me dito que lá estava fazendo matrícula para o segundo período, eu desci olhei, como que fazia a matrícula. Elas falaram que tinha que levar os documentos da criança e tudo, comprovante de residência. Eu peguei, desci e fiz a matrícula. Ai depois que fez o segundo período, aí sim que eu fui levar meu menino para o (nome da escola) (Mãe- família 4).

No início foi tranquilo. Coloquei com dois anos, porque eu tinha que trabalhar e não tinha como ninguém ficar com ela. Foi tranquilo, na escola particular foi tranquilo. Aí na atual escola, eles falavam que era difícil que tinha que participar de um sorteio (Mãe- Família 5).

Não tive dificuldade não, inclusive o meu mais velho começou em escola particular, depois ele foi pro Cempa. O meu mais novo, eu tive que colocar na creche porque eu divorciei, e ele não me ajudava e eu tive que correr atrás. Com três anos, eu tive que colocar ele na creche ali do Bom Jesus, cuidar e educar, e graças a Deus a gente nunca deixa de ter uma dificuldade, mas como eu fui na secretaria de educação eles cadastraram ele pra mim e eu peguei e fui lá no Cuidar e Educar. Aí eles me falaram que iriam deixar meu filho lá só meio período parte da manhã pra que eu procurasse emprego e assim que eu o achasse vai ficar o dia inteiro. Graças a Deus eu consegui um emprego na casa de família pra cuidar de uma senhora e o filho dela, e o meu filho conseguiu ali no Cuidar e Educar o dia inteiro, e assim foi, depois ele foi pra casinha de Nazaré, depois foi para o Cempa e agora está (nome da escola) (Mãe- Família 6).

Foi super tranquilo, a gente morava em BH, A pra matricular ele foi tranquilo, o ensino era muito bom. Não a escola, a escola a estrutura dela era muito ruim, depois que a gente mudou pra cá. Ai no José Cotta foi fácil matricular ele. A escola é boa, mas o ensino é muito ruim, eu achei que ele ficou muito atrasado e ele já estava muito adiantado quando ele estava em BH, eu não gostei mesmo. Na escola pesquisada foi mais difícil de colocar, mas até agora eu não tenho nada a reclamar dessa escola (Mãe- família 8).

Pelos relatos foi possível averiguar que antes de acessar o ensino fundamental na escola pesquisada, tanto as famílias que matricularam os filhos em escolas públicas quanto em instituições privadas disseram não ter encontrado nenhum tipo de dificuldade para escolher a escola de educação infantil para os filhos. As famílias 1,4 e 8 apontaram alguns critérios de avaliação da escola na qual os filhos foram matriculados, mesmo tendo inicialmente que deixá-los em escolas do bairro até avançarem para o ensino fundamental para matriculá-los na escola pesquisada , ao contrário das outras famílias, principalmente

5 e 6, que efetuaram a matrícula por ordem prática, por não terem com quem deixar os filhos e considerarem que mantê-los na instituição escolar seria melhor.

3.2.2 As formas de acesso e a matrícula escolar

Segundo a diretora da escola, há três formas de efetuar a matrícula no estabelecimento pesquisado: a primeira é pelo cadastro escolar, que é realizada por meio do preenchimento de um formulário eletrônico disponibilizado no portal da secretaria de estado de educação, pela internet¹¹, geralmente no mês de junho do ano anterior ao da matrícula, ou se dirigir pessoalmente à secretaria municipal de educação do município, caso os pais não tenham acesso à internet. Devem fazer este cadastro alunos que irão ingressar no 1º ano do ensino fundamental ou que estudavam em escola privada e pretendem ir para a rede pública de ensino. Segundo o relato da diretora da escola, “a prioridade é o cadastro, que eles fazem inscrição normalmente em junho e que comprova o endereço, porque o cadastro é pelo endereço. Como a gente atende a parte central e os bairros mais próximos daqui, então a prioridade é do cadastro”. Grande parte das famílias participantes da pesquisa (N=436) declararam ter matriculado os filhos na escola pesquisada no 1º ano do ensino fundamental, como demonstra a tabela 18 abaixo:

Tabela 18:
Série em que começou a frequentar a escola pesquisada

Série em que começou a estudar na escola pesquisada	N	%
1ª ano	339	77,75%
2º ano	42	9,63%
3º ano	28	6,42%
4º ano	16	3,67%
5º ano	5	1,15%
S/R	6	1,38%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

De acordo com o que consta no artigo 2 da resolução estadual SSE N° 3.765, de 09 de maio de 2018, que estabeleceu normas para a realização, em 2018, do cadastro escolar para alunos do ensino fundamental e da matrícula nas redes públicas de ensino em Minas Gerais, “cabe às superintendências regionais de ensino coordenarem o cadastro

¹¹ www.educacao.mg.gov.br.

escolar, organizando, em cada município, a comissão municipal de cadastro e matrícula”. Essa comissão é responsável por encaminhar os alunos para realizar a matrícula no estabelecimento público de ensino mais próximo de suas residências, tendo como base o endereço informado no cadastro online. No ato da matrícula na escola, o candidato deve apresentar o documento original que comprova o endereço da sua residência, em conformidade com o endereço atestado no ato da inscrição online, preferencialmente uma conta de luz recente.

De acordo com a diretora escolar, a segunda forma de efetuar a matrícula seria pelo contato direto com a escola, para os candidatos que não fizeram o cadastro online no tempo previsto. O candidato deve ir à escola mais próxima à sua residência, obedecendo ao critério de zoneamento, portando um comprovante de endereço de residência. A diretora afirmar que:

O cadastro é feito pela prefeitura. Ano passado foi online pela internet, mas também na prefeitura, que faz em comum acordo com o estado. Então eles que fazem, eles que separam de acordo com o endereço, e encaminham pra gente a lista em dezembro. Na segunda ou na terceira semana de dezembro têm as matrículas. Já as vagas remanescentes, as que sobram, a gente abre no final de Janeiro para as demais pessoas interessadas, porque aí já não tem mais a questão de endereço, vem pra quem quiser, não existe um critério de ter que morar próximo ao centro (Diretora da escola).

E a terceira forma de matrícula é por meio do sorteio das vagas remanescentes que são abertas à população dos diversos bairros da cidade, neste caso não há a exigência de residir perto da escola. A este processo se juntam as vagas que vão surgindo ao longo do ano em decorrência de mudança de escola ou de cidade de alguns alunos. A diretora foi questionada em relação ao processo de matrícula, se este já foi diferente ou se sempre se configurou nesse modelo, sobre isso ela respondeu:

Desde que eu conheço, o cadastro já era uma norma. Eu não sei como era no início, porque como supervisora, eu não tinha muito acesso aos critérios de como era antes. Eu comecei a entender o processo quando assumi a direção, desde então é o cadastro. A prioridade é o cadastro, e tem também a questão das vagas remanescentes, que antes eram pra quem chegasse primeiro. É por isso que a gente já ouvia falar da questão da fila, de dormir na fila o que acabou tornando-se cultural. Assim pra estudar aqui tinha que dormir na fila, algo que já, acabou tem três anos, por causa do sorteio que é também uma exigência até do cadastro, que fala que as vagas que sobraem tem que ter um sorteio (Diretora da escola).

Segundo o relato acima, depois que a atual profissional assumiu a direção da escola pesquisada, as filas na porta do estabelecimento, - algo bem marcante e comum e que demandava dos pais horas e até noites de espera para conseguir uma vaga na escola

pesquisada -, foram atualmente substituídas pelo modo de sorteio, não havendo mais a necessidade de os pais chegarem à escola com antecedência para disputar vagas. Isso mudou porque a atual direção determinou que comunicaria uma data geralmente no mês de janeiro, para que as famílias pudessem se cadastrar para participarem do sorteio.

Os dados mais gerais apresentados pelo questionário demonstram qual a forma de acesso à escola pesquisada e como foram feitas as matrículas. Os dados da tabela 19 apontam que mais da metade das famílias (63,30%) acessaram a escola por meio do cadastro escolar. Sendo assim 31,88% das vagas podem ter sido preenchidas de três formas possíveis: fizeram a matrícula direto na escola por terem perdido a data da matrícula online, por meio do sorteio de vagas e por fim por vagas que vão surgindo ao longo do ano devido à mudança ou desistência de algum aluno.

A tabela 19 abaixo aponta o percentual de famílias respondentes ao questionário que fizeram e seguiram o cadastro escolar:

Tabela 19
Matrículas feitas pelo cadastro escolar

A matrícula dos filhos na escola foi feita pelo cadastro?	N	%
Sim	276	63,30%
Não	139	31,88%
S/R	21	4,82%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

O critério para seguir o cadastro escolar seria por meio da comprovação do endereço, dessa forma pode-se supor que 63,30% das famílias residiam na região do entorno da escola, localizada no centro da cidade. Em análise ao documento cedido pela diretora, para se matricular na escola, de acordo com as regras do cadastro escolar, o aluno deve residir nos seguintes bairros que fazem parte da área de zoneamento atendida pela escola: São Gonçalo, Cruzeiro do Sul, Bandeirantes (Matadouro), Centro, Catete (do Viaduto até a funerária), rua Bom Jesus até a associação de bairro, rua Mata Cavalos (subida do bairro Rosário), rua Santana e travessa do Galego. De acordo com a Tabela 8 (página 64) 53,68% das famílias declararam morar no centro da cidade, 3,90% em São

Gonçalo e 1,38% em Santana, formando um conjunto de bairros que estão aptos a seguir o cadastro escolar de acordo com o zoneamento. Os outros 41,04% de famílias residem em outros bairros mais distantes da escola e fora da área de zoneamento prevista. Dessa forma, provavelmente, estas famílias acessaram a escola por meio do sorteio ou de vagas remanescentes que surgiram ao longo do ano.

Contudo, o número de pessoas que declararam morar no centro da cidade surpreende quando comparamos esse dado com o relato da diretora da escola:

Do ano passado pra este ano sim, porque está caindo muito a questão de crianças que comprova endereço aqui do centro, a demanda aqui não é tão grande, porque o centro é mais é loja. Então as faixas etárias de crianças que estudam aqui estão em bairros mais distantes, o centro não tem tanta assim. Já tem dois anos que no sorteio a gente conseguiu incluir todo mundo que está aqui dentro. Às vezes a gente faz o sorteio pra definir turno, em que horário a crianças vão estudar, porque existe um impasse em relação a isso. Assim a gente tem conseguido, mas é só de primeiro ano, porque ano passado e este ano (2017, 2018), a gente abriu vaga só para o primeiro ano, então deu pra encaixar pra todo mundo. Do segundo ano em diante, é muito difícil conseguir vagas, pois pra ter a vaga tem que sair o aluno, e é muito difícil é raro. (Diretora da escola).

Quando comparamos os dados obtidos pelo questionário e o relato da diretora, percebe-se uma discrepância, pois, embora os dados do questionário apontem que a maioria das crianças matriculadas na escola residiam no centro, o relato da diretora apresenta outra realidade pois, segundo ela, o centro da cidade é mais voltado para o comércio, não havendo um número representativo de crianças. Além disso, dentre as oito famílias entrevistadas, cinco marcaram no questionário que moravam no centro, porém, no momento da entrevista, verificou-se que quatro delas residiam em bairros afastados da escola e apenas uma família morava em local próximo a este estabelecimento.

Quando as quatro famílias foram questionadas sobre o motivo de terem declarado morar no centro, surgiram as seguintes respostas: O pai da família 3, que foi quem respondeu o questionário, disse que “na verdade eu confundi esta pergunta, respondi isso porque tenho um filho que estuda nas cabanas e outro no centro”. Na verdade, esta família declarou morar em dois endereços, porém reside no bairro Cartucha. Segundo o pai, ao invés de responder com a definição do local onde mora, ele registrou a localização das escolas em que os dois filhos estudam. A família 4, que também assinalou morar no centro, contudo mora no bairro Rosário. Quando perguntada sobre o motivo de ter colocado residir no centro, a mãe disse ter se confundido e não sabia por que havia assinalado esta resposta. A mãe da família 5, que reside na Vila Maquiné, ficou surpresa

ao averiguar ter colocado morar no centro e disse “não sei por que! Eu nunca precisei de usar o endereço do centro, eu não sei porque coloquei centro não”.

De acordo com os dados acima relatados, podemos levantar a hipótese de que algumas famílias adotaram a prática de registrar endereços diferentes do real, para “driblar” o cadastro escolar, pois quando uma das mães afirmou não ter “precisado usar este endereço”, provavelmente ela conhecia tal prática, mesmo não tendo sido necessário utilizar, naquela situação, esta estratégia.

A progenitora da família 6, residente no bairro Colina, ficou surpresa ao ver que marcou este endereço no questionário respondido e argumentou o seguinte “eu acho que era pra mim conseguir colocar meu filho, falaram pra mim falar isso”. Em seguida, ela perguntou sobre a data de realização do questionário e, quando a pesquisadora respondeu à pergunta, ela ainda afirmou:

Nesse ano? não sei porque dei essa resposta não, eu devo ter vacilado então, hoje eu já nem preciso não, porque a diretora já me conhece, isso não iria acarretar tanto, eu achei que era por causa da época do meu menino mais velho, porque eu ainda não estava lá, eu nem tinha conhecimento desse serviço na escola. (Mãe- Família 6)

Os dados possibilitam levantar indagações sobre as respostas de outras famílias sobre o local de moradia e problematizar quantas delas realmente moram no centro e quantas outras também “confundiram” ou “burlaram” o cadastro escolar, mesmo que não totalmente conscientes da estratégia. Essa prática foi verificada também nos trabalhos de Nogueira, Resende e Viana (2015); Resende, Nogueira e Nogueira (2011); Costa, Alves, Moreira, Sá (2013).

Outro dado que chamou a atenção foi o número de alunos ingressantes pelo cadastro escolar (Tabela 19), pois, se a diretora afirma não ter tantas crianças provenientes do centro ou dos arredores onde se localiza a escola pesquisada e a matrícula pelo cadastro escolar tem como premissa a residência da família na região da escola, o número de cadastros direcionados à escola pesquisada é representativo, como podemos observar na Tabela 19. Quando analisamos a lista¹² enviada pela prefeitura da cidade com os nomes

¹² A diretora da escola pesquisada disponibilizou para a pesquisadora a lista enviada pela prefeitura da cidade com os nomes das crianças que fizeram o cadastro escolar pela internet em 2018. Com base no endereço fornecido pelas famílias, a prefeitura encaminha os nomes dos alunos para a secretaria da escola mais próxima de suas residências, e em seguida as famílias se dirigem ao estabelecimento indicado pela prefeitura para efetuar a matrícula dos filhos.

dos alunos que fizeram o cadastro escolar pela internet no ano de 2018, verificamos que dentre as 100 vagas ofertadas para o 1º ano, 27 alunos foram inscritos pelo cadastro escolar e 52 alunos entraram pelo sorteio de vagas¹³, ou seja, o número de alunos matriculados por meio do sorteio de vagas foi quase o dobro do número de alunos matriculados pelo cadastro escolar, contrariando os dados autodeclarados pelas famílias por meio do questionário (Tabela 19), em que mais das metade dos alunos acessaram a escola por meio do cadastro.

Outro dado que se soma ao que já foi apresentado acima foi coletado por meio das entrevistas. Das oito famílias entrevistadas, seis declararam ter matriculado os filhos pelo cadastro escolar, porém moravam fora da área de zoneamento atendida pela escola, com exceção da família 7. Ao perguntarmos sobre o cadastro escolar, das seis famílias que disseram tê-lo feito, apenas três famílias (5,7 e 8) demonstraram ter conhecimento sobre o tema, sendo que as demais indicaram não conhecer o sistema de cadastro escolar.

As famílias 1, 3 e 6 assinalaram no questionário ter matriculado os filhos por meio do cadastro escolar, porém durante a entrevista relataram ter matriculado os filhos, tardiamente, já na metade do ano, após terem surgido vagas em decorrência da saída de outros alunos da escola. Ambas demonstraram não ter conhecimento do que seja o cadastro escolar e possivelmente confundiram a matrícula realizada na escola após terem preenchido uma ficha de cadastro para concorrer às vagas remanescentes de transferência de outros alunos.

Já ouvi falar do cadastro escolar. Ai no caso a própria creche é que vai fazer, como meu filho é fora de faixa ele ainda tem mais um ano, e o mais velho normalmente tem que fazer né, quando eu queria a vaga eu tive que fazer e aguardar, e é assim e a própria escola fala que não precisa de cadastrar todo ano, é só atualizar os dados. Na própria escola, na secretaria, leva documentos, comprovante de residência, leva algumas coisas que eu não me lembro direito. (Mãe- Família 1).

Quando questionada sobre a finalidade do cadastro escolar, que seria controlar a distribuição das matrículas nas redes públicas de ensino, de acordo com a localização de moradia, a mãe respondeu:

Eu não sei se é esta questão, porque eles falam assim que a gente tem direito a

¹³ A diretora da escola disponibilizou para a pesquisadora a lista de alunos que entraram na escola pelo sorteio em 2018. Estas vagas são disponibilizadas em decorrência das vagas ociosas quando as mesmas não são preenchidas por meio do cadastro escolar que é feito via internet ou pela matrícula dos alunos que perderam o prazo do cadastro escolar, porém residem próximos a escola e fazem a matrícula pessoalmente.

escolher a escola para o filho da gente independente do lugar sabe, se for uma escola da rede pública eu posso optar pela escola que eu escolher pro meu filho, mesmo eu residindo em outro lugar, aí eu posso optar por uma escola, aí é direito da criança também sabe, ela tem que ter uma escola, aí é claro que a preferência dela é no bairro, a preferência, não significa que não possa estar em outra escola, que não seja no bairro (Mãe- família 1).

A mãe da família 3, quando perguntada sobre o tema, revelou, “já ouvi sim, mas não faço este cadastro, nem sei como e onde ele é feito”. As famílias 2 e 4 também marcaram no questionário ter matriculado os filhos por meio do cadastro escolar, apesar de afirmarem não ter conhecimento sobre como ocorre o processo. Dessa forma, na entrevista, as mães disseram que enfrentaram filas para conseguir a matrícula. Nesses casos parece haver a mesma “confusão” ocorrida nos casos das famílias que fizeram a matrícula na metade do ano, em que os pais entenderam matrícula preenchida na escola como cadastro escolar.

Já ouvi falar, fazemos o cadastro escolar, na verdade do meu filho é que eu faço. O cadastro escolar seria mesmo na escola, no ato da matrícula, eu faço assim, na época que abrem as inscrições para matrícula é que a gente faz e resolve toda a necessidade que a escola pede pra gente (Mãe- Família 2).

No entanto, diferentemente das famílias anteriormente citadas, as famílias 5 e 8 indicaram em seus relatos conhecerem os procedimentos do cadastro escolar na cidade. Mas ressalta-se que, embora ambas conhecessem o procedimento, não o utilizaram para a matrícula e participaram do sorteio de vagas feito pela escola. Ressalta-se também que a mãe da família 5 assinalou no questionário não ter feito a matrícula do filho pelo cadastro, o que se confirmou na entrevista. Mas a mãe da família 8, embora tenha marcado no questionário o cadastro como forma de acesso à matrícula escolar para o filho, também afirmou na entrevista ter concorrido à vaga pelo sorteio.

Já ouvi falar sim, e já fiz em BH um ano antes dele começar a estudar, não sei se foi em junho ou julho pra estudar no próximo ano, eu fiz o cadastro dele lá, aqui eu não precisei. Lá em BH você vai a uma escola, não necessariamente onde você quer colocar o seu filho, você vai na escola com os dados todos, passa os dados aí eles já te falam que a secretaria lá já te encaminha pra escola mais perto. Aí na época você vai até a escola que eles te encaminham, você vai na escola e o nome já está lá e você só leva os documentos de novo (Mãe-Família 8).

Das oito famílias, o pai da família 7 foi o único familiar que assinalou no questionário ter matriculado o filho pelo cadastro escolar e, na entrevista, confirmou realmente ter seguido o cadastro em decorrência do endereço em que reside.

Sendo assim, podemos pressupor que, da mesma forma que as seis famílias das oito entrevistadas marcaram no questionário ter matriculado os filhos pelo cadastro escolar, entretanto relataram na entrevista terem conseguido a vaga de outra forma (sorteio, matrícula na escola, espera por vagas ociosas), outras famílias do universo das 436 que preencheram o questionário podem ter cometido o mesmo equívoco. Corroborando com este resultado, ao confrontarmos os dados do relato da diretora e os documentos cedidos pela prefeitura sobre as matrículas de 2018, fica evidente que grande parte das matrículas foram feitas via sorteio.

No que diz respeito à opinião das famílias sobre a necessidade de se fazer o cadastro escolar, todos consideraram necessária a realização desse processo, embora os relatos indiquem pouco conhecimento sobre a finalidade do cadastro escolar e suas implicações na escolha da escola desejada.

O cadastro eu acho que é mais para controle de quantidade de aluno na escola, é só pra ter uma noção de orçamento, tipo assim se você não fizer o cadastro se não vai saber quantas crianças estão ali naquela escola para o próximo ano, através do cadastro tipo assim as vezes a criança nem vai continuar ali, no próximo ano vai mudar de escola, como você vai saber se não fizer o cadastro. Ai a importância do cadastro pra ter esta parte mesmo de estrutura de regulamento mesmo de saber quantas crianças, pra fazer aquele balanço mesmo sabe. (Mãe- família 1)

Pra te ser sincera eu não sei exatamente. Qual foi o critério por exemplo quando a gente procurou a escola foi a primeira e única dificuldade que a gente teve não foi colocado pra gente essa questão de rua, de bairro não, foi colocado no caso mesmo foi a questão de ser uma escola muito procurada e de já estar com as turmas todas preenchidas né, então eles abrem ali algumas vagas, mas assim pelo que eu tenho visto eles não seguem muito este critério de ter que ser da rua, ter que ser do bairro, eu realmente não vi isto na escola. Inclusive este ano no começo do ano, já era agosto na verdade eu fui lá na escola que eu pretendo colocar meu filho ano que vem, justamente por ter passado por esta dificuldade com questão de vaga, eu já procurei a escola lá em Ouro Preto, mas eles não me informaram isso, eu já fui lá já preocupada com isso, entendeu, se eu teria que fazer lá alguma coisa se tem algum pré-requisito pra gente estar tentando pelo menos segurar a vaga, só que eles disseram que não, inclusive já está até na época, era só voltar mais pro final do ano. (Mãe – Família 2).

Os outros familiares disseram não ter nenhuma crítica quanto a esse processo. Contudo, a diretora se mostra contrária à política de cadastro escolar, pois, em sua opinião, todas as famílias têm o direito de escolher em qual escola querem colocar o filho.

Esta questão do cadastro,(é minha opinião), eu acho que qualquer pai tem direito de escolher a escola que o filho tem que estudar, e o cadastro limita muito isso, porque às vezes você quer que seu filho saia do bairro em que mora, e o cadastro às vezes impede. Assim, você tem que estudar o mais próximo da sua casa. Eu acho isso muito limitado, isso deixa as pessoas assim muito sem opção. Porém, têm as vagas remanescentes, que ajudam, mas às

vezes é difícil porque, se a demanda do cadastro for muito grande, quem tem o desejo de sair de um bairro e vir estudar em uma escola de interesse da família acaba sendo impedido por causa do número de interessados. Eu penso dessa forma, é uma visão minha, eu não sou mãe, mas se eu fosse, eu ia querer escolher a escola do filho. É o que eu escuto de muitos pais aqui que lutam pra trazer o filho para cá, e as vezes não podem porque têm que respeitar a questão do cadastro. Têm que ficar aguardando as vagas que sobraem. Então eu acho que tinha que de abri opções. (Diretora da escola).

Segundo Costa, Alves, Moreira, Sá (2013), ainda que a administração pública tenha apresentado o cadastro escolar como uma solução para garantir a distribuição e universalização das vagas, este processo está longe de ser igualitário. Pois, de acordo com os autores, “a lógica espacial do cadastro escolar reflete a organização social do território urbano, em que as oportunidades de serviços públicos são desiguais, bem como a composição social da população” (2013, p. 152). Corroborando com este pensamento, Érnica e Batista (2012, p. 664) concluem em seus trabalhos que “o sistema escolar não só reproduz a segregação social na composição do corpo discente como ainda distribui desigualmente a oferta educacional de qualidade ao longo da hierarquia social objetiva no espaço”. Dessa forma o cadastro escolar tem duas facetas: por um lado, ele equilibra a oferta de vagas garantindo que os alunos estudem em escolas próximas de suas residências e, por outro, impede que os pais possam escolher a escola que desejam para os filhos, visto que a oferta não se apresenta de forma igual em todas as localidades, como foi apresentado no trabalho de Ernica e Batista (2012). O que se pode acrescentar ainda é que, embora o cadastro hipoteticamente tenha essas duas facetas -uma função de distribuição (quase sempre desigual) da oferta educacional e um potencial impedimento da escolha ativa pelas famílias- os dados da pesquisa mostram que as famílias “encontram” ou elaboram outras estratégias e práticas de escolha que ignoram ou até mesmo “driblam” esse procedimento oficial. E que também a escola não está totalmente “submetida” ao controle oficial, elaborando outras práticas e procedimentos para a distribuição de vagas.

No que concerne à forma de acesso das famílias ao estabelecimento pesquisado, notamos o quanto as famílias se mobilizaram e desenvolveram um papel ativo na escolha do estabelecimento de ensino, inclusive o pai da família 7 que, mesmo tendo “obedecido” ao cadastro escolar, relatou que não “deixaria o filho estudar em outra escola” que não fosse a pesquisada. Segundo Costa, Alves, Moreira, Sá (2013, p.153), “mesmo um modelo de distribuição de vagas regulado como o caso em tela não impede que algumas famílias tenham atitudes mais ativas na matrícula dos filhos da rede pública. Os pais nem sempre estão dispostos a aceitar a vaga definida pelo cadastro escolar”. De acordo com

as informações dadas pela diretora da escola, há uma grande procura das famílias por vagas nessa escola.

Quando eu assumi, no ano seguinte teve a questão da barragem do Bento. A gente abriu algumas vagas além do primeiro ano, que foi uma turma de segundo e uma terceiro ano. A gente teve três dias de pessoas dormindo na fila. Eu lembro que era janeiro, não me lembro certo a data, acho que foi final de janeiro. Domingo à noite já tinham pais dormindo na fila para conseguir vaga. A demanda a procura eram muito grandes. Quando a gente também vai fazer sondagem para ver quais as turmas abrir no ano seguinte e anota a demanda e o interesse dos pais, chega a preencher às vezes um caderno de espera por vagas. Exatamente por isso que ela atende à vários bairros, porque quando abre a matrícula vem gente de tudo quanto é jeito. Mas a prioridade é o cadastro. Ai, quando sobra vaga, a gente joga para matrícula, tanto que já tem três anos que a gente está fazendo o sorteio para não ter mais gente dormindo na fila. Já tem três anos que a gente marca uma data e os pais vêm e a gente sorteia das vagas. Por causa dessa busca, a gente tem o tempo todo procura por matrícula. Então por exemplo, tem pai que tenta até durante o ano, porque assim é mais fácil para conseguir do que em janeiro (Diretora da escola).

Os excertos a seguir exemplificam e demonstram nitidamente o empenho dos pais em acessarem a escola que eles julgam ter boa qualidade e prestígio na cidade. Nos casos das famílias 1 e 3, os pais procuraram pela vaga na secretaria da escola, e conversaram diretamente com a diretora.

Aí no caso como meu filho foi no meio do ano eu precisava de surgir uma nova vaga, que é muito difícil acontecer. Mas aí como teve aquela crise da Samarco, muita gente sai, então surgiu alguma vaga, foi aí que encaixou meu filho, foi uma família que foi embora para o Pará parece, aí tive esta sorte, mas já estava a um tempão aguardando. Porque ai no caso eu entendo assim, que eu cadastro a criança tipo assim, eu vou na escola, se eu quisesse cadastrar ele aqui ai eu traria pra cá, sabe então igual se eu fosse cadastrar em outra escola eu procuraria a secretaria daquela escola pra tá fazendo pra mim o cadastro e seria pra aquela escola. Procurei a secretaria e aguardei o surgimento de vagas, no momento que eu fui não tinha vagas eles falaram que seria muito difícil conseguir porque estava no meio do ano e tinha o número de crianças, já estava um quadro não sei se acima da quantidade ou se já estava no nível já, ai que teria que aguardar mesmo se alguma criança desistisse da vaga, e foi o que aconteceu, com a crise que aconteceu em Mariana, ai algumas pessoas foram transferidas pra outras cidades pra outros lugares ai foi o caso de uma família ter sido transferida pro Pará. Ai como eu tinha filho matriculado aí ele foi encaixado. Na fila entre aspas né, aguardando vaga, porém você vai lá e fala do seu interesse faz uma cartinha ou alguma coisa e deixa registrado lá na secretaria e eles vão estar com seu nome, qualquer oportunidade que aparecer vão te ligar vão ter seu número, ai você vai estar aguardando de certa forma não na fila da porta da escola, é uma fila de lista mesmo. (Mãe- Família 1)

Pois para matricular eu fui a escola, chorei aí ela teve dó, aí ela disse que qualquer coisa eu te ligo. Deixei até de dá faxina pra poder ir lá, nisso quando foi um dia me parece que uma quinta-feira que eu fui dar faxina quando eu cheguei aqui em casa a escola tinha ligado, falando pra mim comparecer lá com urgência e sem falta que tinha uma vaga lá pra meu filho, eu consegui, aí

eu fui no exato momento cheguei e sai. Antes ele estudava na escola das cabanas, mas não tinha saída não. Até a vaga sair deixei ele nas cabanas (Mãe-família 3).

As famílias 2 e 4 relataram ter frequentado uma fila que se iniciou no período da madrugada e afirmaram que era comum tal prática na época em que matricularam os filhos.

Então quando ele matriculou foi difícil porque é uma escola bem solicitada né, então a gente veio de outra cidade, então não teve esta coisa de seguir a rua, os bairros que a pessoa mora, que tem mais facilidade em matricular em cada escola, a gente teve dificuldade só na época que ele entrou que foi muito difícil, fiquei na fila, dormi inclusive na fila. A vaga dele foi bem suada, nós dormimos, nós passamos vinte e quatro horas na fila. Nós fomos para fila era meio dia e passamos o dia e dormimos e no outro dia lá para as nove dez horas é que nós conseguimos fechar a matrícula, e realmente assim com disputa mesmo de vaga. A matrícula foi feita por ordem de chegada, foi bem criterioso mesmo, o povo já está até acostumado com esta situação parece, infelizmente. As pessoas vão revezam, ficam na fila, seguem a ordem direitinho, parece que não dá nem confusão, a gente pensa que vai ter até confusão, mas as pessoas já estão bem adaptadas com esta forma de ser lá na escola. (Mãe- família 2)

No segundo período , ai sim que eu fui levar meu menino para o (nome da escola), ai lá eu fiquei sabendo também que era uma matrícula mas assim, tinha que ir para fila né, porque se não fosse pra fila não ia conseguir, acho que tinha um número de vaga não sei exatamente quantas, mas me lembro muito bem que eu dormi na fila, foi até de um domingo para segunda, foi eu e uma colega minha, nos dormimos na fila pra matricular, eu estava até grávida do meu menino mais novo. Não me arrependo de nada se fosse pra dormir dormiria de novo, dormiria até três dias na fila, esta escola é excelente, não tenho o que falar, como dos funcionários que trabalham em si, cozinheira, porteiro, diretor, professores, tudo é geral a escola é maravilhosa, na organização, como tudo, até o ensino é maravilhoso (Mãe- família 4).

Uma outra mãe atribuiu ter conseguido a vaga porque trabalhava na escola pesquisada e tinha contato pessoal com a diretora da escola, denotando um certo privilégio e benefício advindo deste contato e vínculo estreito com a instituição.

Foi a partir de mim né, porque eu já estava lá dentro, tive que aguardar vaga porque é uma escola muito procurada é uma escola muito boa, os profissionais lá são ótimos e com isso a diretora falou comigo vai aguardando, ai eu consegui foi no final de 2016 e ele está lá até hoje, ano que vem ele vai estar lá que ele vai formar o 5º ano. (Mãe- família 6).

A participação no sorteio de vagas é outra estratégia que os pais utilizaram para conseguir matricular os filhos na escola. Este sistema ocorre em um dia pré-determinado pela escola que oferta as vagas que não foram preenchidas pelas famílias que residem próximo à escola (pelo cadastro escolar) para famílias de bairros mais afastados.

Não fizemos este cadastro pois eu fui neste dia que eles reservam para o pessoal fazer a matrícula, mas no dia as vagas sobraram pois eu acho que eles dão prioridade pra quem mora no centro. Graças a Deus deu muito certo. no (nome na escola) eles falavam que era difícil que tinha que participar de um sorteio, mas eu dei até muita sorte, porque no ano que minha filha entrou lá tinha vaga para todas as mães que estavam procurando, aí foi tranquilo também. (Mãe- Família 5)

Além de ter tentado a vaga a partir do sorteio, a mãe da família 8 relatou que, se fosse necessário, ela não hesitaria em conseguir um comprovante de um endereço mais próximo à escola para fazer o cadastro escolar e conseguir a vaga na escola pleiteada. Ela demonstrou ter consciência da estratégia, quando relatou saber ser “feito falar mentira”.

Aqui eu não precisei seguir o cadastro. A mulher falou comigo que em janeiro que a partir do dia quinze de janeiro era pra tá passando lá pra olhar pois fica escrito na porta que dia que vai ser o sorteio e tudo mais, os negócios que eu ia ter que levar pro sorteio e estas coisas, aí eu passei, aí eu deu dia vinte três ou vinte dois, não me lembro, aí eu fui no sorteio com a lista toda, teve muita gente pra tentar concorrer porque esta escola é muito concorrida né. O que eu fiz, minha mãe tem uma patroa que tem casa no Venceslau, aí eu peguei um comprovante de residência dela e falei que moro de aluguel na Venceslau se eles falarem que eu não posso, aí eu coloquei e depois teve um negócio para gente cadastrar para o ano que vem, aí eu falei pra moça que eu mudei e coloquei o meu endereço da cabanas, eu sei que e feito falar mentira e tudo mais mas eu não posso deixar ele perder a vaga. (Mãe- família- 8).

A família 7 foi a única que realmente conseguiu vaga por meio do cadastro escolar, comprovando morar no mesmo bairro onde a escola está localizada. O pai dessa família esclareceu que “sim eu conheço o cadastro escolar, nós tivemos que fazer e foi feito pela internet, seguimos o cadastro pois era um pré-requisito para matricular, saiu para esta escola por causa do endereço de acordo com a escola mais próxima da residência”.

A partir dos relatos das famílias entrevistadas, percebemos que se trata de mães e pais mobilizados em relação à escolarização dos filhos, buscando ativamente um estabelecimento de ensino que eles julgam ser de boa reputação e qualidade. De acordo com Nogueira, Resende e Viana (2015, p.760), “trata-se de famílias que, dentro de seu horizonte de possibilidades, o qual se restringe à rede pública de ensino, foram atuantes no sentido de buscar uma escola de maior qualidade no contexto dessa rede, na tentativa de proporcionar melhores oportunidades educacionais para os filhos”. Sendo assim, podemos deduzir que as famílias entrevistadas não mediram esforços para conseguir vaga para os filhos na escola desejada e escolhida.

3.2.3 “A gente vê falar que ela é uma escola boa”: os motivos para a escolha da escola

Com a ampliação do mercado educacional, a necessidade de escolha da escola pelas famílias tornou-se uma realidade até mesmo para os menos favorecidos socioeconomicamente que, dentro de um universo restrito de escolas públicas, desenvolvem estratégias ativas de escolha de estabelecimento, a fim de oferecer uma melhor educação para a prole. Neste tópico serão analisados os motivos que levaram as distintas famílias a escolherem pela escola pesquisada, considerando os elementos que estão envolvidos neste processo.

A intensa procura por esta escola se deve à reputação construída ao longo de seus 52 anos, o que produziu um conceito positivo sobre a instituição pela população da cidade, segundo a opinião da diretora.

A (nome da escola) tem 52 anos, e é uma escola tradicional na cidade. Desde que foi criada, tem um conceito positivo. Já passaram aqui várias pessoas que hoje são doutores e pessoas de influência na vida e na sociedade. É pelo que a escola oferece na parte pedagógica. Isso vem vindo de muitos anos, e é uma escola que tem um bom conceito pra todos. Então todo mundo acha que vindo pra cá, vai ter um bom ensino que, na minha opinião é verdade, porque a parte pedagógica aqui é muito boa é muito bem trabalhada. Eu acho que é por causa da qualidade que eles veem a escola como uma referência, pela sua proposta pedagógica, disciplina, organização e seu bom nome na comunidade. Então eles buscam isso. Acham que aqui eles vão ter o melhor ensino (Diretora da escola).

Essa “boa reputação” atribuída pela diretora à escola também pode ser identificada nas respostas das 436 famílias ao questionário. Os motivos que levaram essas famílias a optarem pela escola pesquisada para escolarizar os filhos estão expostos na tabela 20 abaixo:

Tabela 20
Motivos que levaram à escolha da escola

Motivos que levaram a escolher a escola	N	%
A escola oferece ensino de boa qualidade	363	83,26%
A escola exige disciplina e bom comportamento dos alunos	314	72,02%
E uma escola bem falada na cidade	306	70,18%
A escola é aberta ao diálogo com os pais	303	69,50%
A escola tem atenção especial com cada aluno	194	44,50%
Há segurança no ambiente escolar	188	43,12%
A escola exige muito do aluno	129	29,59%
Não faltam professores na escola	123	28,21%
A escola fica perto de casa	107	24,54%
Um conhecido ou parente me falou bem da escola	105	24,08%
Estudei na escola	91	20,87%
Meu filho terá boas companhias	75	17,20%
Os alunos dessa escola sempre conseguem vagas em outras boas escolas	64	14,68%
A escola oferece boas opções de atividades extras	61	13,99%
O espaço e as instalações da escola são muito bons	44	10,09%
Havia um parente estudando na escola	38	8,72%
A escola não faz greve	23	5,28%
Nessa escola eu ganho bolsa família	5	1,15%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Dentre as opções marcadas pelas famílias, as mais apontadas foram as que se relacionam ao ensino de boa qualidade (83,26%), disciplina e bom comportamento (72,02%), ser bem falada na cidade (70,18%), abertura ao diálogo (69,50%), atenção especial com cada aluno (44,50%) e segurança (43,12%).

Nesse âmbito, é importante salientar a busca de um clima escolar seguro e com a presença de regras claras e disciplina, ou seja, um ambiente controlado, como foi explicitado também na fala das famílias entrevistadas.

Houve na questão assim, que depois que eu tive o segundo, filho ai eu já não podia mais pagar escola particular para o mais velho, ai eu tive que procurar assim porque o orçamento não fechava, ai eu tive que ver uma outra forma, ai o quê que eu fui fazer, ver uma escola pública, ai comecei a olhar, pesquisar com pessoas mesmo, sabe perguntando entre minha família, o pessoal que

mora aqui a mais tempo, ai o pessoal sempre falando e dando referência sobre (nome da escola) o, sabe pessoas dizendo a meu filho estudou lá tanto tempo, e ai sempre o pessoal falando assim da mesma escola, ai eu falei assim a ela deve ser boa mesmo, ai tipo assim tinha pessoas da minha família e amigos que tinha filhos lá me indicaram sabe.

Na questão que o pessoal comenta, a estrutura não é aquela estrutura, mas a parte de relacionamento com as crianças, de respeito com as crianças, eles são muito humanos. E hoje é o que eu acho que a minha criança perdeu um pouco sabe, ficou aquela relação muito é, perdeu um pouco sabe, aquele contato direto com a criança assim sabe, eu acho na parte mesmo de ética deles, senso de humanidade, e é isso sabe. Ele é um menino muito sensível, doce criado assim sozinho em casa então ele não tem maldade então eu penso assim, que numa escola que eu considero menor, talvez assim eu esteja errada mas assim que considera estes valores dificilmente vai ter frequência de agressão, de palavrão, rotular, eu acredito que é bem menor as chances disso acontecer, e eu acredito que lá não aconteça e sei que não acontece porque eu converso muito com Otávio e falo, o filho alguém te desrespeitou alguém falou alguma coisa, você já ouviu alguém falar palavrão lá, alguma coisa, ele nunca me falou sabe, fala que não houve. Então isso pra mim é tudo, sabe que eu preciso, que ele tenha tipo assim referência do ambiente que ele fica parte do tempo, que ele fica lá, isso é importante pra mim sabe, saber que ele corre menos riscos talvez de sofrer uma agressão que seja verbal ou física. (Mãe-família 1).

A maneira pela qual as famílias percebem coletivamente o clima da escola traz significativas influências sobre o comportamento dos grupos. As famílias se sentem mais confiantes em deixar os filhos na escola quando ela oferece um ambiente seguro, que demonstre cuidado e confiança, onde haja o respeito mútuo entre os servidores e alunos. Outros fatores valorizados pelos progenitores são o controle das amizades dos filhos e um espaço onde se trabalhem valores socialmente reconhecidos. Segundo Paixão (2007, p.29) as famílias “utilizam estratégias de evitamento de certas escolas que podem ser interpretadas como estratégia visando não só ao sucesso escolar, mas ao controle da companhia dos filhos”.

Nas entrevistas, quando perguntados sobre os aspectos considerados positivos na escola pesquisada atualmente, as respostas dos pais/mães se aproximaram bastante dos motivos elencados para escolha da escola apresentados na Tabela 20.

Eu acho que é a humildade que eles têm assim de tratar os assuntos com agente e o carinho que eles têm com a criança sabe. Um dia eu cheguei lá e tinha um menino passando mal, ele estava lá na sala da diretora numa poltrona lá, estavam cobrindo ele assim estavam preocupados ligando para os pais assim, então ele não estava assim, e a proteção mesmo que ela estava lá tipo assim não sei, talvez assim com aquele extinto maternal mesmo lá, cuidando dele assim, eu me comovi sabe e pensei que podia ser um filho meu que tivesse passando mal e estaria sendo tratado da mesma forma sabe, então é isto que a gente espera. É o carinho que eles têm mesmo com as crianças esta relação assim humana não é aquela coisa assim a diretora nem conhece a criança, se chega lá e fala do Otavio ela já sabe quem é, ela já sabe a sala que ele estuda,

ela já sabe o comportamento o jeito que ele é ela conhece ele sabe, isso pra mim é interessante, não sei se todas as escolas vai acontecer isso sabe (Mãe-família 1).

Os motivos que influenciaram a família 1, tanto na decisão de matricular o filho na escola pesquisada quanto aos aspectos que julgaram positivos na escola, convergem para o mesmo ponto. No relato da mãe, fica evidenciada a escolha por escolarizar os filhos em uma escola pública por causa das condições econômicas da família, ou seja, à falta de recursos financeiros que se agravou com a chegada do filho mais novo, levando os pais a tirar o filho mais velho da escola privada e colocá-lo na escola pública. A respeito dos motivos da matrícula do filho na escola pesquisada, a mãe atribuiu a motivação a uma dimensão do cuidado e dos valores transmitidos pela escola. Esse resultado também aparece na pesquisa de Paixão (2007), que demonstra que famílias de classe popular têm uma relação identitária com a escolarização dos filhos, ou seja, os valores, o cuidado e a proteção dos filhos contra violência, drogas e más influências, evidenciando que, “essas expectativas emergem com mais força do que as relativas ao desempenho escolar” (PAIXÃO, 2007, p.40).

Outros aspectos da escolha da escola podem ser pontados nos relatos abaixo:

O primeiro ponto foi porque eu não estava trabalhando mesmo, as condições financeiras e porque eu ouço falar muito bem da escola. Eu estudei lá o primeiro ano, depois eu fui pra escola privada foi o único ano que estudei em escola pública, eu ouço falar muito bem da escola, apesar da estrutura não estar em condições, mas em relação ao ensino eu sempre ouvi falar muito bem, tanto que a minha filha em relação ao desenvolvimento ela desenvolveu muito mais rápido no Gomes Freire do que na escola particular que ela estava, em questão assim, igual do primeiro ano que ela entrou com três meses minha filha já estava lendo (Mãe- família 5).

A organização deles é muito boa, eles trabalham de forma muito clara, tudo eles mandam bilhete, tudo eles comunicam, igual a minha filha tem um problema de saúde e eles sempre me ligam quando eles percebem que algum sintoma dela está aparecendo, o caderno de bilhete funciona realmente, eles usam o telefone, eu gosto muito em relação a leitura deles que ela está na fase de alfabetização, eles sempre mandam livro pra casa, se ela tiver livro em casa também ela pode manda, eu gosto muito do jeito que eles trabalham Mãe-família 5).

Similar à família 1, a família 5 apontou como motivo inicial para matricular a filha na escola pesquisada, a falta de recurso financeiro para mantê-la a filha em escola particular, decorrente da perda do emprego da progenitora. Porém as duas famílias se diferenciam quanto à forma de avaliar a escola, pois no relato dessa mãe (família 5), é possível perceber uma intersecção entre estratégias identitárias e utilitaristas. Além de

valorizar a organização da escola por parte da diretora, a mãe avalia a questão da alfabetização, demonstrando que ela tem conhecimentos e preocupações sobre a proposta pedagógica da escola.

A família 2 se mudou recentemente para a cidade e, mesmo não conhecendo profundamente as escolas públicas da região, utilizou as estratégias de buscar informações com familiares que tinham conhecimento sobre o mundo escolar. A mãe, que também tinha formação na área da educação (pedagogia), pediu orientação às cunhadas, que eram professoras e conheciam bem o sistema público de ensino, e, por orientação delas, a progenitora matriculou o filho na escola pesquisada. Os pontos positivos da escola por ela elencados demonstram também a posse de um conhecimento pedagógico e organizacional sobre escola, e isso, é claro, se deve ao fato de sua formação em pedagogia. Por ser de ser formada na área de educação e conviver com familiares que exercem a profissão docente, esta mãe tem acesso a informações privilegiadas, o que, segundo Van-Zanten (2010, p.423), lhe assegura “certas informações “quentes”, não comunicadas oficialmente ou difíceis de obter, que permitem ter acesso aos estabelecimentos desejados”. Esse comportamento é típico de camadas médias que, segundo Paixão (2007), tendem a desenvolver estratégias e avaliações mais direcionadas para parte pedagógica e sobre como os trabalhos do corpo docente são efetuados.

Olha eu na verdade como não sou daqui eu não conhecia absolutamente nada, eu não tinha referência alguma partindo de mim. Mas aí eu fui pelas indicações, as minhas cunhadas todas são professoras, já trabalharam lá parece-me e conhece muito bem esta área de educação e foram me falando de sobrinhos que estudaram lá alguma coisa assim, e o que mais pesou na realidade foi indicações delas, que sempre foram professoras, boas profissionais, e elas me deram lá como a melhor a melhor opção (Mãe- família 2).

Eu como conheço a três anos, eu gosto muito da direção eu acho que é uma pessoa muito comprometida , ou seriam pessoas que não é só uma mesmo, são muito comprometidos assim em manter mesmo diria o nome da escola, a tradição , eu vejo que ele buscam recursos sabe, eles buscam os pais , buscam mesmo esta interação, e eu observo também que tem uma preocupação , um empenho em estar avaliando e em estar com profissionais e professores mais adequados. Então assim, o que me chama muita atenção lá é esta dedicação sabe, da direção e realmente eu observo isso e acho que eles dentro de todas as dificuldades que a gente sabe que enfrentam hoje na educação pública principalmente, eu vejo que eles se esforçam muito pra manter uma qualidade (Mãe- Família 2).

Por ser professor, o pai da família 7 assemelha-se a mãe da família 2, pois também demonstrou ter conhecimento da parte pedagógica. Ele ressaltou o fato de a escola ser bem avaliada e ter bons professores. Por isso, mesmo o filho já tendo estudado em escola privada, o pai decidiu colocá-lo neste estabelecimento público de ensino, mas frisou que

esta seria a única escola pública em que matricularia o filho, em outra, ele não cogitou a hipótese. Estudos como os de Nogueira e Nogueira (2017) demonstram este “efeito pai professor” na vida escolar dos filhos, que lhe confere posição privilegiada para desenvolver “um processo de “colonização” da escola, fazendo, de acordo com as autoras, “com que ela “funcione” a favor da escolarização de seus filhos, intervindo diretamente nas instituições de ensino para prevenir e compensar as supostas consequências de uma escolarização na rede pública” (p.1).

Segundo Paixão (2007), por verem a escola como meio de mobilidade social, as famílias de camada médias “se tornam “profissionais”: acompanham todo o processo de escolarização, mantêm-se informados sobre o que se passa na escola e buscam elementos para compreender as bases do trabalho pedagógico”.

O que influenciou é que eu sou um defensor da escola pública pois sou um professor de escola pública e porque é uma boa escola e que tem uma boa referência na cidade e se o cadastro não tivesse saído pra esta escola eu não iria só iria para lá, só pra lá (Pai- Família 7).

É uma escola que é bem avaliada, é uma escola que tem bons professores, a parte pedagógica também é boa, a disciplina (Pai- família-7).

As demais famílias (3, 4, 6 e 8) apontaram a escola como sendo boa, com bom ensino, porém os motivos que apareceram com maior ênfase foram os que se relacionam ao cuidado, ao zelo, à disciplina, ao evitamento da violência, e à presença de regras. Segundo Paixão (2007), as expectativas das famílias de classe popular estão atreladas ao cuidado da integridade física dos filhos, e ao afastamento da violência e das más companhias. “Além da aprendizagem das chamadas habilidades básicas de ler, escrever e contar, confiam em que sejam transmitidas aos filhos normas que organizam a sociedade mais ampla” (PAIXÃO, 2007, p.33).

A gente vê falar que ela é uma escola boa, a criança desenvolvia como que eu agradeço deus em primeiro lugar e depois a escola, os professores lá que hoje graças a Deus qualquer coisinha que acontece eles avisam a gente. Eu não posso falar que ele era a mesma pessoa quando estava na cabanas, sim, a mesma pessoa, mas assim de mente já não é aqui ele fazia muita bagunça, lá já é diferente, lá eles cobram mais, entendeu, e por ai a criança vai desenvolvendo mais, pois quando está aqui dentro de casa ele é meu filho, mas tá lá quem manda é elas, então eles tem que fazer como que elas é mãe. E lá eu sinto isso, é uma ótima escola (Mãe – família 3).

O ensino, a cobrança que é muito bom pra criança, pra incentivar a criança, a maneira de tratar que ele mesmo chega e fala que a professora esclarece e ela fala a verdade, então é isso (Mãe- Família 3).

É por causa do ensino, todo mundo que eu conheço só fala bem dessa escola, eu não vejo ninguém falando mal, ai a minha tia os filhos dela j estudou nesta escola, ai a neta dela da mesma idade ela falou que ia colocar nessa escola , eu sempre ouvi falar que a escola é muito boa que o ensino é maravilhoso, ai eu pensei os filhos dela estudou ela já vai colocar a neta dela lá, eu também vou colocar já que ela que a escola já não estava me agradando e eu não tenho condições de pagar, ai eu coloquei (Mãe- Família 8).

Eu gosto muito de regras eu sou chata, a gente tem que ter liberdade e tudo mais mas eu acho também que a gente tem que ter limites tem que saber que não isso não pode, na outra escola ele não tinha , na outra escola ele fazia o que quisesse, na hora que quisesse, e ali não eles ensinam que não que não é assim, não pode eles ensinam o aluno que não pode colocar muita comida no prato, pra não jogar fora que tem muita gente que passa fome, eles ensinam tudo direitinho que não pode ir sem uniforme que ali é um lugar com uniforme , que não pode ficar falando quando a professora está falando, eles ensinam muita coisa ali sabe, e é assim que eu gosto, eles não deixam os alunos a reveria (Mãe- Família 8).

Cientes da hierarquia existente entre escolas de mais prestígio e menos prestígio, as famílias compararam uma escola em relação à outra e constataram que os filhos melhoraram o desempenho escolar e se tornaram mais disciplinados na escola pesquisada, cenário contrário às escolas anteriormente frequentadas por eles. Estes relatos vão ao encontro de pesquisas que estudam sobre o efeito escola (ALVES, SOARES, 2008; ALVES, SOARES 2007; ALVES, PARISOTTO 2012), que se caracteriza pelo impacto da organização da escola sobre o desempenho escolar dos alunos, mesmo sabendo que são vários os fatores que influenciam nesse processo.

As famílias 4 e 6 relataram sobre o “trabalho em comunhão” existente no ambiente escolar, forma com a qual a direção conduz a escola e como os professores e demais profissionais são engajados. Este cenário aparece também na pesquisa de Érnica e Batista (2012, p.655), que demonstra que professores, coordenadores pedagógicos e diretores mais capacitados são selecionados para “os postos de trabalho em escolas que ocupam lugar de prestígio na hierarquia que existe entre elas e pela concorrência entre as escolas na atração de profissionais com afinidades com seus projetos”. Sendo assim, estas escolas são formadas por professores mais qualificados e uma direção comprometida que oferece um espaço organizado e harmonioso com os princípios da escola.

Porque o meu mais velho já havia estudado lá, e pelo fato que as pessoas falam que todos que saíram dali prestaram vestibular e se saíram muito bem, porque é um estudo muito bom, e pelo motivo também de eu estar trabalhando lá por ele estar comigo entendeu, tanto que no horário que eu trabalho, por eu não ter condições de pagar alguém pra olhar ele pra mim, então ele estando ali comigo no mesmo horário seria muito mais fácil pra mim (Mãe- família 6).

Tudo de bom, a diretora ,a secretaria, os professores, até nos funcionários também , o trabalho é muito em comunhão sabe, é tudo de bom a escola, igual

por exemplo é uma escola muito festiva, muito participativa de tudo, as crianças são interessadas, toda comemoração tem apresentação das crianças, é uma escola que te emociona, então no ano de 2016 eu chorei naquela escola, a professora que é do meu filho é uma professora que assim, ela trabalhou com uma criança cadeirante, mas a menina não ficava de fora de nada porque a professora não deixava, se tivesse uma coisa de dança ela dançava com a menina com a cadeira de roda, sabe e as músicas emocionam a gente, as pessoas muito humildes, muito assim que cativam as pessoas, as crianças lá da escola são tão amadas, são tão queridas, e elas agradecem tudo que você faz pra ela (Mãe- Família 6).

Porque era boa a escola, ouvi falar muito do (Nome da escola) que era excelente em questão de ensino e questão de organização, até então que tinha uma amiga minha que a filhinha dela estuda lá, e foi ela mesmo que falou comigo. Cheguei até a perguntar porque você colocou sua menina no (nome da escola), ela disse que a escola lá é excelente, então assim eu particularmente eu fui mais pela opinião dela, e até então também eu tive um familiar que trabalhou lá, então fui também pela opinião desse familiar que trabalhou lá também, então não tem o que falar da escola, é uma escola boa, excelente, da diretora até nos funcionários (Mãe- família 4).

O ensino de lá é bom, a diretora, a supervisora, elas sabem levar a escola, sabem como trabalhar e levar a escola, sabem como, sabem ter firmeza com as crianças, para eles aquelas crianças todas lá são filhos, a diretora tem um carinho imenso com as crianças, a supervisora, a professora. Então assim, a escola em si ela é boa (Mãe- Família 4).

Em alguns dos relatos acima apresentados, os respondentes indicaram como motivação para a escolha da escola pesquisada as indicações de pessoas próximas, familiares e outros. Quando perguntadas se a família tomou alguma medida para conhecer melhor a escola, as mães responderam:

Eu fui na escola pra conhecer e fui pesquisando mesmo com as pessoas sabe, ouvia mesmo as pessoas, porque que o filho dele estava lá, porque que escolheu, e assim como na família tem pessoas que estudou lá sabe, ai a gente sabe que é um lugar seguro, por isso a gente sente mais segurança e isso que eu precisava sabe, de me sentir segura, e eu me senti assim diante do que as pessoas falavam, então é o local o lugar que eu quero para o meu filho estudar (Mãe- Família 1).

Nem precisou eu já trabalhava lá quando o meu mais novo foi pra lá, agora o meu mais velho foi uma amiga minha inclusive foi até ela que me ajudou a colocar o mais velho lá, ela disse passa ele pra lá é uma ótima escola, eu não me arrependo entendeu, eu só tirei ele de lá por causa das greves que estava prorrogando muito, ai eu fiquei preocupada e passei ele pro Cempa, ai ele deu continuidade, foi até ele desistir de estudar. O pequeno foi porque eu já estava lá mesmo e porque é uma escola muito boa e eu não tinha com quem deixar ele (Mãe- Família 6).

Os relatos justamente nos mostram o quanto as redes de contatos (capital social) das famílias analisadas contribuíram para apreender informações valiosas sobre a escola pleiteada. Sendo assim, para escolherem a melhor escola para seus filhos, essas famílias buscaram contatos com pessoas próximas, como vizinhos, amigos e parentes na tentativa

de obter informações que ajudassem no momento da sua escolha. Segundo Bourdieu (1998):

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (p. 67).

Outro aspecto discutido nas entrevistas, referente à escolha da escola, foi sobre a distância entre a residência das famílias e a escola, pois com exceção da família 7, que mora no centro da cidade, região onde a escola está localizada, e da família 6, que reside em bairro próximo à região central, sendo possível até mesmo ir caminhando, sem depender de transporte público, as demais famílias moram bastante afastadas da escola tendo que enviar os filhos de van ou moto, como é o caso da família 3, em que o pai levava o filho para escola de moto ou carro quando estava chovendo.

Por que no caso ele estudava numa escola mais distante ainda, ele estudava lá no São Cristóvão. Então eu pago van pra ele desde que ele tinha 3 anos, ele fez o maternal, a educação infantil lá, então for considerar a escola é na metade do caminho do lugar que ele ia, então olhando pelo lado que a escola é longe, mas era mais longe ainda quando eu pagava particular, era mais longe ainda, então não é uma coisa nova ter que pagar o transporte, eu considero assim que é seguro, não tenho condições de estar levando ele na escola, então eu confio no motorista que leva ele, se levava a distância era o dobro da distância que é no (nome da escola), então se fosse pra escola daqui teria que pagar transporte, que eu considero seguro também, por causa de chuva, hoje em dia não deixo meu filho na rua, ele não tem esse o costume de ficar na rua, não tem o hábito de ficar na rua, a não ser comigo, com o pai ou com alguém responsável por ele, então não daria pra mim fazer isso por causa que eu trabalho no horário de tá pegando e buscando pra escola, então como está em van e como ele estudava mais longe da escola, agora eu considero que está na metade do caminho, pra mim não fez impedimento nesse sentido sabe, a distância não é empecilho não, praticamente a mesma distância, se for olhar assim que ele está dentro de uma escola seguro. É o transporte, no caso da van não há dificuldade, a gente tem sempre de olho nas condições do transporte as vezes acontece alguns imprevistos, mas eles estão sempre arrumando outro carro, as vezes atrasa mas ai tem sempre um motivo justo, não é por qualquer motivo que está atrasando não, as vezes acontece alguma coisa no trânsito. Ai no caso o meu marido tem moto ele já tem idade já tem o capacete dele, e meu marido busca se precisar de levar também leva, igual hoje aconteceu a o carro quebrou a gente pega leva e busca na escola sem problema, é uma vez ou outra, não dá pra fazer isso todos os dias, mas uma hora que aconteça assim alguma coisa dá pra fazer (Mãe- família 1).

Pois é, a gente mora aqui em passagem, é um bairro tem mesmo uma certa distância, tem escolas aqui eu acho que a escola com este nível de ensino é só uma, mas como eu te disse eu não conheço, porque eu não sou daqui, eu nunca estudei, não tem nem parente que estudou, mas é aquela questão mesmo de

ouvir falar de perguntar a família, então a escola daqui realmente não foi cogitada nenhum momento, aquela história né, o ensino aquela coisa toda, Então a gente foi direto pra Mariana é logico que é um problema a questão do transporte por exemplo, meu filho vai de van particular, mas seria muito mais tranquilo, mais fácil se ele estudasse aqui no bairro, ou seja, o sonho seria mesmo ter uma escola boa, que a gente confie perto de casa, porque na realidade a gente acaba indo pra onde que pode, onde que tem, onde que é melhor, nem onde pode, hoje a gente tem que ir pra que seja melhor (Mãe-família 2).

Não tem dificuldade, hoje não tem dificuldade, hoje eu falo que a dificuldade que tem é só na hora de tirar a criança da cama, que aí eu falo, levanta que tá na hora, aí ele fica lá enrolando, mas pra levar eu agradeço Deus, porque hoje a gente tem condições, ele mesmo leva, temos o carro tem a moto, ele mesmo leva, ele mesmo busca, e ele gosta demais dos meninos, então o que ele pode fazer na classe de pobre pros meninos ele faz (Mãe- Família 3).

Mesmo morando na colina e tendo outras escolas mais perto, pra mim o (nome da escola) é melhor porque eu trabalho lá e ele estuda no mesmo horário que eu já estou lá, facilitando na ida e vinda da escola pois não deixo ele andar sozinho (Mãe- Família 6)

O meu filho vai de van, igual se fosse pra ele estudar nas cabanas a van sairia mais barato do que o que eu pago aqui, mas eu já penso assim a escola já é de graça eu vou me preocupar com o pouco que eu vou pagar que o ensino lá já é tão bom que aquele pouco eu vou estar investindo nele, então vale a pena sim, tem como não, tem que ser lá mesmo. Pra mim não tem dificuldade em mandá-lo pra esta escola, pois a van já pega na porta e deixa ele na porta, então não tem dificuldade nenhuma (Mãe, Família 8).

As famílias não consideravam a distância e os gastos com deslocamento como empecilho para enviar os filhos à escola, muito pelo contrário, para eles era um investimento, como evidenciou a família 8 em seu relato acima. Embora, a maior parte das famílias (quatro famílias) declarou ter renda mensal de 1 a 2 salários mínimos, as mães e o pais entrevistados parecem não medir esforços para manter os filhos na escola escolhida, mesmo que isso signifique ter gastos com o deslocamento da criança até a escola mais distante, o que, certamente deve comprometer o orçamento doméstico.

Outro aspecto discutido nas entrevistas referiu-se aos pontos negativos da escola, características ou situações escolares com as quais os pais não concordavam ou consideravam que deveriam ser diferentes. Sobre esse tema, ressalta-se que os progenitores mencionaram de modo quase unânime a precária estrutura predial da escola, com a carência de espaços adequados e a falta de investimentos do estado na instituição; e pouco mencionaram questões pedagógicas ou organizacionais.

Mais aí eu acho que é a estrutura, mas mesmo assim não depende deles né, a estrutura, igual precisa de mais espaço, ter aquela are pra lazer é mais a questão da estrutura mesmo sabe. Seria a quadra esportiva porque eles têm que levar as crianças normalmente para quadra do Soares Ferreira quando tem campeonato, eles dão jeito de fazer por lá mesmo, aproveitando o espaço que

tem lá, a dificuldade é esta, a questão do espaço para as crianças de lazer mesmo (Mãe- Família 1)

Em relação a estrutura dela mesmo que tá precária, a minha filha sempre reclama que quando está chovendo tem que arredar as carteiras, que entra água na sala, ponto negativo dela é só isso mesmo (Mãe- Família 5)

A única coisa que está faltando ali é eles liberarem pra arrumar aquela escola, porque eu acho uma judiação, tá embargada né ela está na justiça, eu acho que nem poderia estar acontecendo isso, porque ali é uma escola gente, são crianças que estão ali, é goteira pra tudo enquanto é lado, os vidros tudo quebrados, a escola de uma hora para outra não sabe o que pode acontecer, a gente tá ali trabalhando porque precisa trabalhar e as crianças precisam estudar, mas é uma escola que precisa de reforma, é uma escola que precisa de apoio, de muito carinho e atenção, e não está tendo é uma escola que investe nas crianças mas ela precisa de investimento também (Mãe- família 6).

Conforme indicam os relatos, mesmo diante de graves problemas estruturais em seu prédio, a escola atrai um grande número de famílias que se esforçam para conseguir vaga no estabelecimento. Convergindo com os depoimentos das famílias, a diretora também apontou a precariedade da situação estrutural da escola e afirmou que mesmo diante dos problemas decorrentes da estrutura física do prédio, há sempre uma grande demanda por parte das famílias.

É uma escola muito procurada, mas que a gente vem lutando pela questão física, que deixa muito a desejar. Ela está embargada e não está podendo fazer melhorias. Então a gente não está podendo pintar e melhorar. É uma escola muito pequena, que não tem onde crescer, não tem quadra, só tem dois pátios pequenos também. A gente sofre muito com esta parte física, e vem lutando pra melhorar, mas mesmo assim a procura ainda continua sendo grande, porque o pedagógico ainda é muito bom. Eles vêm em busca disso, não ligam pra parte física, apesar de ser fundamental. A nossa luta agora é tentar melhorar a parte física, oferecer uma estrutura melhor para as crianças e para os professores, porque eu acho que às vezes influencia sim na parte pedagógica. Por isso a gente vem lutando agora junto com as famílias, que têm ajudado muito, para tentar melhorar a parte física. Está muito difícil, porque existe um processo judicial que impede a gente de poder melhorar, somando -se também a falta de recursos financeiros, já que o estado não está liberando o recurso para as melhorias. Então é a nossa luta, mas, fora isso, a parte pedagógica, os professores que agora na maioria são efetivos, isso conta muito, porque a gente vai ter uma linha de trabalho seguida por todos. A gente tem reuniões semanais com os professores para estudo e para discussões. Então assim, isso tudo é muito bem organizado e muito bem seguido por todos. Eu como fui pedagoga na escola, acompanho mais atentamente pedagógica (Diretora da escola).

É visível a insatisfação da diretora em relação à infraestrutura do estabelecimento, bem como a dos pais, contudo ela aponta outros aspectos da escola que atraem as famílias, que, cientes da situação estrutural do prédio, se empenham coletivamente para buscar alternativas que ajudem na resolução do problema.

Essa atratividade da escola, mesmo tendo graves problemas na sua estrutura física, pode também ser observada quando as famílias apontam que além do filho que está estudando atualmente na escola pesquisada, outros mais velhos já estudaram naquele estabelecimento e algumas expressam o desejo de matricular os filhos mais novos.

Quando observamos a tabela 21 abaixo, que apresenta dados sobre o universo de famílias pesquisadas (N=436), algumas têm mais de um filho estudando ou que já estudou na escola. Nas entrevistas, identificou-se que este é o caso da família 6, em que o filho mais velho também estudou na instituição. Além disso, algumas mães entrevistadas, (duas mães) que tinham filhos mais novos, expressaram a expectativa de que eles estudassem na escola pesquisada assim que estivessem em idade para ingressar no ensino fundamental.

Tabela 21
Famílias segundo o número de filhos que estudam ou estudaram na escola pesquisada

Quantidade de filhos que estudam ou estudaram na escola pesquisada	N	%
1	295	67,66%
2	108	24,77%
3	19	4,36%
4	3	0,69%
4 ou mais	1	0,23%
S/R	10	2,29%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

Os dados da Tabela 22 abaixo, resultantes da aplicação do questionário às 436 famílias, também podem estar relacionados à atratividade da escola para as famílias, indicando a prevalência de famílias que não cogitaram ou desejaram em nenhum momento matricular os filhos em escola particular (79,13%), sendo que apenas 16,97% pensaram nessa possibilidade.

Tabela 22
Famílias segundo a intenção de matricular os filhos em escolas privadas

Chegaram a cogitar fazer matrícula dos filhos em escolas privadas	N	%
Não	345	79,13%
Sim	74	16,97%
S/R	17	3,90%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 20.

É evidente que a maior parte das famílias não chegou a cogitar levar os filhos para uma escola privada, porém é necessário relativizar este resultado, pois, parte dessas famílias não tem condições econômicas para escolarizar os filhos na rede particular, como apontam os dados da tabela 15¹⁴ que indicam que 1,61% das famílias do universo de pesquisa recebia menos de um salário mínimo, e 53,13% recebiam de 1 a 2 salários mínimos, rendas que, provavelmente, anulariam as chances dessas famílias de manterem os filhos no ensino privado.

No questionário, também foram feitas perguntas abertas sobre os motivos que levaram as 436 famílias a optar por escolarizar os filhos na rede pública de ensino e não na escola privada. Seguem algumas respostas:

O ensino nas escolas públicas é tão bom quanto nos particulares” (Questionário – família 390).

Eu sempre estudei em escola pública, trabalho numa escola pública e sei que a escola pública tem o seu valor, mesmo enfrentando dificuldades no seu dia a dia (Questionário – família 333).

Porque eu tenho que pagar escola se o estado tem condições de escola boa (Questionário – família 55)

Nem sempre o que é privado é bom, temos que valorizar o ensino público e lutar por melhores condições de ensino (Questionário – família 210).

Porque essa escola oferece ensino de boa qualidade tanto quanto a particular, ótimo pedagógico (Questionário – família 82).

¹⁴ Página 70

Em momento algum pensamos em fazer [matricular na escola privada] (Questionário – família 9).

Porém uma grande parcela dos familiares que justificou não ter cogitado matricular os filhos em escola particular alegou motivações financeiras. Isso nos leva a refletir se realmente estas famílias “escolheram” a escola ou por falta de recurso foram levados a optar por uma escola pública que se destacasse das demais. Sendo inevitável escolarizar os filhos em escolas públicas, parece que essas famílias dedicaram seus esforços a escolher uma “boa” escola pública entre as demais da rede de ensino estadual e municipal.

Porque não tive a oportunidade ainda (Questionário – família 429).

Porque é caro (Questionário – família 416).

Situação financeira (Questionário – família 436).

Não temos condições (Questionário – família 428).

Porque tem gastos, e já temos gastos domésticos excessivos. (não temos condições no momento) (Questionário – família 431).

3.2.4. A permanência na instituição: da conquista da vaga à adesão aos mecanismos de padronização

Em relação à continuidade da escolarização dos filhos na escola pesquisada até o quinto ano, segundo os dados relativos ao universo das 436 famílias 96,56% pretendiam que os filhos estudassem na escola até completar o 5º ano do ensino fundamental, último ano do ensino ofertado pela escola.

Tabela 23

Pais que gostariam que os filhos continuassem na escola pesquisada até o 5º ano

Pais que gostariam que os filhos continuassem na escola pesquisada até o 5º ano	N	%
Sim	421	96,56%
Não	3	0,69%
S/R	12	2,75%
Total Geral	436	100,00%

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de dados obtidos em 436 questionários respondidos pelas famílias de alunos matriculados em uma escola estadual de um município do interior de MG, no mês de abril de 2018.

As justificativas pela continuidade na escola até o 5º ano do ensino fundamental, apresentadas pelos familiares nas respostas aos questionários diziam respeito à qualidade da instituição: “porque vale a pena”, “o bom tratamento aos alunos”, “boa educação e aprendizagem”, “bom ensino”. As entrevistas com as oito famílias também retrataram o mesmo cenário sobre a permanência dos alunos nesse estabelecimento de ensino:

Até o quinto ano, porque é a escola que ele fala assim, o mãe a escola é muito boa, eu quero continuar nessa escola , eu gosto da minha escola, isso pra mim é importante sabe, ele falar que gosta da escola, e ele goste de lá, eu pergunto ele as pessoas te tratam bem lá , os coleguinhas tratam, então que dizer tem uma coisinha ou outra mas no final no todo é positivo sabe, ele tem vontade de ir pra lá tem carinho com a escola, isso pra mim é importante (Mãe- Família 1).

No caso ele já está saindo da escola porque está concluindo a primeira parte do fundamental, mas só por isso que ele vai sair. Eu não tinha pensado nisso ainda não, aliás já pensei porque a gente sempre fica com um pesar quando a gente sabe que acabou que tem que mudar de escola, mas eu creio que não eu creio que eu manteria sim (Mãe- Família 2).

Sim, ano que vem ele já vai para o soares Ferreira, mas se o nível de ensino fosse mais eu o deixaria lá (Mãe- família 3).

Com certeza, pelo mesmo motivo, eu si pudesse mantinha meu menino até formar lá, mas infelizmente não tem , acho que lá é até o quinto ano, então assim hoje eu já fui lá já pra olha que dia que será feita a matrícula , vou lá fazer a matrícula do meu menino, novamente com as benções de Deus o meu menino vai entrar lá ano que vem de novo, até formar o quinto ano bonitinho, se tivesse sexto, sétimo, oitavo, ele ia pra lá até forma. A escola lá é excelente, o Soares Ferreira também ele deve ir pra lá, depois para o estadual, são escolas também excelentes, eu já estudei lá também só não sei se continua, mas eu acho que continua sim, que eu já fiz umas visitas lá, Porque eu conheço pessoas lá, então eu acho que o ensino de lá é bom, iguala com o (nome da escola). (Mãe- Família 4).

Com certeza, pelo fato de o ensino ser de qualidade (Mãe- Família 5).

Sim, com certeza porque já é o último ano dele lá (Mãe- Família 6).

Sim, por tudo de bom que ela oferece (Pai- Família 7).

Sim, só vai sair quando não tiver mais jeito, por causa do ensino mesmo, o ensino é maravilhoso não tem como (Mãe- Família 8).

Tanto no questionário quanto nas entrevistas, as famílias manifestaram o desejo de que os filhos permanecessem matriculados na escola até completar o 5º ano do ensino fundamental, e diziam que dariam continuidade às demais etapas da educação básica, se a escola oferecesse outros níveis do ensino. Os trabalhos de Costa e Koslinski (2011) e de Nogueira, Resende e Viana (2015) demonstram que, cientes da dificuldade de acessar as escolas consideradas de prestígio, algumas famílias valorizam e se esforçam para manter a vaga conquistada. Costa, Alves, Moreira e Sá expressam bem essa intenção

dessas famílias destacando que:

Uma vez conquistada, a vaga é muito valorizada. Em geral, estas famílias expressam expectativas de manutenção dos filhos nessas escolas pelo menos até o final do ensino fundamental. A partir daí eles traçam planos variados, principalmente a possibilidade de seleção para uma das escolas públicas federais da cidade que oferecem educação básica (segundo segmento do ensino fundamental e/ ou médio), a transferência para alguma escola particular. (2013, p.157).

As entrevistas deixam bem claro o valor que as famílias atribuem à vaga conquistada para os filhos. Após o ingresso da prole no estabelecimento escolar, eles assinam, junto à escola, um termo de responsabilidade e aceitação das normas do estabelecimento, assumindo as consequências advindas no caso do descumprimento das normas, documento este que não se faz presente em outras escolas do município e diante do qual, parece que os pais não apresentam questionamentos. Com a assinatura do documento, os pais assumem o compromisso de respeitar o horário de chegada na escola; garantir que o filho vá devidamente uniformizado, portando os materiais necessários; conferir a agenda escolar; comparecer à escola todas as vezes em que for solicitado; e para manter a organização da escola, os pais são orientados a levar os filhos apenas até o portão, exceto em dias de festas e eventos. Os dados indicam que, para manter sua “boa reputação” na cidade, a escola impõe aos alunos e às famílias algumas regras que visam garantir uma certa organização. Sua posição vantajosa lhe possibilita ‘imprimir exigências quanto ao comportamento, ao engajamento profissional e ao desempenho acadêmico, o que pressiona aqueles que não se adaptam- alunos ou educadores- a buscar outras instituições” (ERNICA E BATISTA, 2012, p. 656).

Quando indagada sobre os procedimentos tomados após a matrícula, se havia uma conversa com as famílias sobre a escola e seu funcionamento e como isso era feito a diretora informou que:

Todo início de ano a gente faz uma reunião, uma primeira reunião que a gente chama de assembleia, feita com a comunidade escolar: a direção, a supervisão, os professores e as famílias. É nessa reunião que a gente apresenta todas as normas da escola e de como funciona. O primeiro momento é com a direção, em que falo sobre todo o funcionamento da escola. Depois é com os professores, que explicam como gostam de trabalhar durante o ano e como querem que as coisas aconteçam. Esta assembleia acontece dois momentos, no início do ano e em agosto. A de agosto é pra voltar e rever algumas coisas que eles já estão esquecendo, relacionadas às normas. A gente tem também o manual do aluno, que é entregue nessa reunião, como também as normas e combinados relacionados à organização da escola, como é que funciona, questão de reunião, avaliação, de uniformes, de combinados sobre horário de entrada e saída, os combinados como as vans ou com os pais que vão buscar

os filhos, todas as normas da escola , vamos dizer assim. Nesta reunião, os pais assinam também um termo de compromisso de que estão cientes de tudo, de que aceitam tudo, e entregam o termo pra escola anexar à ficha do aluno (Diretora da escola).

O fato desta escola receber um grupo de alunos e famílias heterogêneo do ponto de vista social, cultural e econômico, com maior prevalência de alunos advindos das camadas populares e estratos inferiores das camadas médias, a escola criou um conjunto de regras na tentativa de modular e padronizar o comportamento dos alunos e das famílias de acordo com as expectativas da escola. Costa, Alves, Moreira, Sá (2013, p.158), destacam “que nas escolas mais escolhidas existe uma expectativa de que os alunos tenham um comportamento compatível e que valorize a matrícula nessa escola. Assim, uma batalha “velada” pela manutenção de vagas continua mesmo depois que ela é conquistada”. Ao ser interpelada sobre as consequências do descumprimento das regras, a diretora explicou o seguinte:

O que eu sempre falo com os pais, aqui são crianças, então eu dependo muito deles. Se é pra vir de uniforme, eu dependo deles, porque eles que cuidam dos seus filhos, na questão da pontualidade também. Então às vezes eu tenho que ficar no pé deles, chamando, alertando. É o que a gente pode fazer, porque os meninos são crianças. Com eles a agente vai conversando, E assim eles nos ajudam a educar os pais. Então a gente vai conversando mesmo, chamando pra reunião, registrando, até que eles se acostumem com as normas da escola. Mas não tem nenhuma penalidade como perda a vaga por exemplo, porque é direito de todo mundo. Mas alguns não se adaptam, e acabam não ficando. O fato de acompanhar muito, chamar e conversar muito, quando algo não está bem, faz com que normalmente quem não se adapta ou não gosta de ser chamado ou de estar aqui sempre, acaba saindo da escola, mas nunca a nosso pedido, é sempre desejo deles. Outra coisa que a gente faz muito também é quando está tendo algum problema relacionado ao filho, os pais são chamados pelo menos uma vez por semana a passar na escola e entrar na sala para ver como é que está, além conversar com o professor constantemente. Eu já tive pais aqui que já assistiram aula, pra ver como é o filho na sala de aula , já participou do recreio ,pra ver como é que é o recreio , então a gente faz este convite mesmo, de estar aqui dentro da escola, pra nos ajudar, porque como são crianças, a parte de educação de valores é da família, nossa é aprendizagem. Às vezes, a gente precisa muito chamar estes pais, e às vezes eles ficam aqui direto mesmo, pra poder nos ajudar a tentar resolver alguma coisa (Diretora da escola).

Como foi relatado acima, a escola não tem direito a expulsar o aluno, porém algumas famílias não se “adaptam à escola” e acabam desistindo da vaga. Pelas entrevistas não foi possível detectar mecanismos formais de seleção/exclusão, porém o relato da diretora demonstra que há mecanismos “sutis” e “ocultos” de seleção dos alunos, a fim de alinhar os alunos e as famílias aos objetivos da escola, tornando o grupo escolar mais homogêneo em seus comportamentos e atitudes.

As entrevistas realizadas com as oito famílias deixam explícito que as regra e a

disciplina impostas pela escola são pontos positivos que diferenciam este estabelecimento de ensino das demais escolas públicas, e tendo se esforçado para conseguir a vaga, os pais se comprometem a cumprir e a seguir o compromisso assumido. Outro indício da seletividade da escola pode ser detectada na fala das famílias quando foram perguntadas sobre a escola que os filhos estudariam após saírem da escola pesquisada. As famílias que optariam por deixar os filhos na rede pública de ensino sinalizaram que o fato de os filhos estudarem na escola pesquisada já lhes garante vaga em outra escola estadual que oferece a segunda etapa do ensino fundamental e que também goza de boa reputação na cidade.

Eu penso em ir pra outra né pro Soares Ferreira, é pra lá e a própria escola lá do Gomes freire vai encaminha a matrícula dele, eu acredito que pra lá sabe.
Pesquisador: você sabe se é automático?

Entrevistado :eu acredito que pra uma rede estadual, eu acredito que como lá é a única escola mais próxima eu acho que vai ser lá sabe, ou eles ouvem, nunca perguntei sobre isso. E para o ensino médio eu acho que a IFMG, ai ele faria as provinhas que tem que fazer pra conseguir passar e ir pra lá, e depois fazer faculdade, que eu acho que é um passo fazer um curso técnico escolher e depois pra dar sequência numa faculdade, tipo assim pode escolher uma engenharia, uma administração, vai fazer uma pós, acho assim é uma sequência sabe (Mãe-família 1).

Penso no ensino fundamental em colocá-lo no Soares Ferreira, que já é automático-né. E o médio ele vira para cabanas para escola estadual, onde o irmão estuda, pois, todas duas escolas são muito boas (Mãe- família 3).

No fundamental como eu disse será o Soares Ferreira e o ensino médio ainda não pensei (família 4).

Sim, de lá já vai direto para o Soares Ferreira que é estadual também , ele vai estudar em escola estadual, que nem ele vai para o Soares Ferreira porque eu acho que lá tem preparação para ele ir para o IFMG, eu quero que ele vá para o IFMG depois de lá, ele vai pra lá faz a preparação e na hora do ensino médio ele vai para o IFMG. (Mãe- família 8).

As quatro famílias apontaram a Escola Estadual Soares Ferreira como escolha primordial para a segunda etapa do fundamental e explicaram que o fato de os filhos estudarem na atual escola, já lhes garante vaga na outra. Essas famílias demonstraram não se preocupar com a matrícula na segunda etapa do ensino fundamental (6º ao 9º ano) pois já sabem que conseguirão vaga “automaticamente” em outra escola de igual padrão da escola pesquisada. Esse resultado aparece também nas pesquisas de Costa; Koslinski, 2012, e de Costa, Alves, Moreira, Sá (2013). Costa e Koslinski (2012) denominam este mecanismo operado por meio do remanejamento escolar de “circuito virtuoso”, pois após conseguir vaga em uma escola bem reputada, os alunos serão encaminhados futuramente para outra escola de reputação equivalente. Em relação ao ensino médio, as famílias 1 e

8 pretendem preparar os filhos para entrarem no ensino médio federal integrado no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), uma oferta escolar bastante valorizada pelas famílias dos municípios da região pesquisada. A família 3 pretende matricular o filho mais novo para cursar o ensino médio no bairro Cabanas, que fica localizado perto de sua residência e é onde o filho mais velho estuda atualmente. Segundo a mãe da família 3, ao contrário da escola municipal do bairro Cabanas, que atende o ensino fundamental, a Escola Estadual de Ensino Médio do bairro é muito boa. E a família 4 ainda não pensou em qual escola irá matricular o filho para cursar o ensino médio.

As demais famílias disseram que sabiam da existência dessa “matrícula automática”, mas não optariam por colocar os filhos nessa escola e tinham outro planejamento para a continuidade dos estudos dos filhos.

Então, aí a gente vem de novo na dificuldade das escolas boas né, que a gente considera boa pros filhos da gente nem sempre está perto, já estou pensando em levar meu filho para Ouro Preto ano que vem, lá pro Dom Veloso. O ideal seria como a gente falou né, colocar em uma escola que fizesse até de preferência a faculdade, mas esta escola por exemplo, Dom Veloso que eu penso em colocá-lo eu acho que ela vai agora até o nono ano e pronto, eu acho que não tem mais, ainda não pensei no ensino médio. (Mãe- Família 2).

Essa mãe pretende matricular o filho para cursar a segunda etapa do ensino fundamental em outro município, em uma escola ela frequentou, contudo ainda não pensou onde ele cursará o ensino médio. Uma outra mãe tem a intenção de matricular o filho em uma escola privada:

Aí eu já pretendo colocar ela na escola privada, aí eu pretendo voltar ela pra escola privada. Porque a gente já cresceu com este conceito de que a escola privada é melhor e as outras escolas daqui eu tenho uma insegurança dela sabe, até com algumas escolas privadas aqui também, mas eu quero colocar ela para ela crescer com uma formação melhor. (Mãe- Família 5).

Por falta de condições financeiras, essa mãe matriculou a filha na escola pesquisada, porém, diferentemente das demais famílias, o seu relato demonstrou uma visão mais negativa em relação à rede pública de ensino, e com base nisso, ela pretendia voltar a matricular a filha em uma escola privada, por achar que, na rede particular, sua filha estaria mais bem preparada para as etapas seguintes.

Segundo a mãe da família 6, “o ensino médio eu ainda não penso não, mas o ensino fundamental eu irei matriculá-lo no CEMPA (Centro de Educação Municipal Padre Avelar)”. Essa mãe irá retornar com o filho para a escola que ele havia frequentado antes de ingressar na escola pesquisada. Ela demonstrou uma certa desconfiança pela escola

onde os alunos são automaticamente transferidos e disse que preferia o CEMPA.

O pai da família 7 disse que pensava sobre as escolas que pretende colocar o filho, porém ainda não se decidiu. “pensar eu penso, mas ainda não tem nada resolvido”.

Por fim, trata-se aqui de uma escola situada no centro da cidade e que se encontra em situação vantajosa em relação às outras escolas públicas por ser considerada de prestígio na cidade. Cientes desse contexto, os pais, munidos de informações e ativos em suas escolhas escolares, elaboraram estratégias para acessar esta escola disputada que, apesar de pertencer ao sistema público de ensino, se diferencia-se das outras que fazem parte do mesmo sistema. Certos de que, ao colocarem os filhos nesta escola, eles terão maiores chances de obter êxito escolar, as famílias se empenharam para acessar a escola que melhor atendia as suas expectativas. Nos próximos tópicos serão analisadas outras práticas educativas promovidas pelas famílias, a fim de averiguar se as famílias desenvolvem outras estratégias de investimento escolar além da escolha ativa de estabelecimento de ensino.

3.3 As práticas socializadoras e educativas das famílias

Por meio das práticas socializadoras e educativas, as famílias se fazem presentes na vida escolar dos filhos, por isso é necessário considerar o estilo de vida e o cotidiano dos grupos familiares estudados nessa pesquisa. Para tanto, foram coletados dados a respeito das práticas culturais e das formas de lazer das famílias, ou seja, verificaram-se os modos como ocorrem o acompanhamento e a mobilização familiar em relação à escolarização da prole e como se desenvolve a rotina de estudos dos filhos

3.3.1 Práticas culturais e de lazer

O fato de os pais proporcionarem atividades extraescolares para os filhos contribui para uma escolarização de êxito, pois além de propiciar momentos prazerosos e lúdicos, estas atividades também têm a função de disciplinar o corpo e a mente. Segundo Nogueira (2011, p. 147), além de monitorar e acompanhar a escolarização dos filhos, os pais, principalmente, aqueles pertencentes às camadas médias, “controlam também, de forma bastante sistemática, as atividades realizadas pelos filhos em seu tempo livre, não somente monitorando os modos, tempos e espaços de sua realização, como também participando ativamente dos processos de escolha dessas atividades”. De acordo com Nogueira (1995, p.19), estas atividades se tornam rentáveis, pois as famílias transformam o “tempo livre”

“em tempo de atividades culturais e esportivas (favorecedoras de sucesso escolar), em que o *ethos* da ascense - próprio desse grupo social” se transpõe para todas as esferas da vida familiar.

Apesar das oito famílias pesquisadas serem advindas de camadas populares e de frações inferiores das camadas médias, é possível encontrar atitudes próprias das famílias de camadas médias, ao monitorarem e direcionarem os filhos para atividades como dança, atividades esportivas e outras, como sendo favoráveis ao processo de escolarização. Apenas as mães das famílias 1 e 6 relataram que os filhos não faziam nenhum tipo de atividade extraescolar. Segundo elas os filhos ficavam a maior parte do tempo livre em casa brincando, sendo que além das tarefas escolares, as crianças não tinham uma rotina de atividades que complementassem ou preenchessem de forma organizada o “tempo livre”.

Ele fica mais é em casa as brincadeiras dele é jogo de Playstation, ele brinca de carrinho, essas coisas de menino (Mãe- Família 1).

O meu filho mais velho não é muito de sair de casa e o mais novo está sempre comigo, no momento assim não pratica um esporte mais pelo fato dele não querer dele falar que não gosta, é um menino que não interessa, depois então que saiu este negócio de internet estas coisas ai o negócio dele é isso, mas eu pretendo que ele nas férias vê se eu coloco ele ali no cria, pra participar de uma natação, alguma coisa que é bom né, e eu estava deixando muito a desejar com este corre-corre da minha vida entendeu, eu não estou tendo muito espaço de estar olhando isso, mas agora em Janeiro eu vou ver se corro atrás pra ver se ele faz, porque ele não participa de nada a não ser estudar, e casa (Mãe- Família 6).

Em sua pesquisa, Lareau (2007) ressalta que é comum, dentre as famílias de classe popular, deixar um tempo livre mais longo para as crianças fazerem as atividades conforme suas preferências, caracterizando essa forma de criação da prole como “cultivo natural”. Para essas famílias, o essencial seria oferecer condições básicas para o desenvolvimento dos filhos, sem se preocuparem em direcionar as atividades cotidianas dos mesmos, excetuando-se algumas famílias desse grupo como será demonstrado a seguir. Já nas famílias de camadas médias, como se observa nos relatos abaixo, as horas livres dos filhos eram organizadas pelos pais com atividades como: esportes, lutas como kung fu e taekwondo, balé e catequese, que são favoráveis e vantajosas para o ambiente escolar.

O meu filho faz futebol em um clube que tem aqui de passagem, ele faz kung fu, e tem os lazeres particulares que ele gosta (Mãe- Família 2)

Esportes, futebol no caso (Mãe- Família 3).

Ele faz aula de futebol lá no clube do vale, e estava fazendo aula de reforço, porém a moça que dava as aulas teve que trabalhar e agora estou tentando conciliar o trabalho dela com o tempo do meu filho (Mãe- Família 4)

Ela faz balé, ela treina futsal, rotina mesmo durante a semana é a escola, o balé e o futsal (Mãe- Família 5).

Ele pratica taekwondo, vai na catequese, e até pouco tempo ele estava fazendo o kumon que é um método de aprendizagem de matemática e português, parou agora e pretendo retornar no ano que vem (Pai- Família 7).

Ele vai pro taekwondo e agora estou querendo colocar ele no curso de inglês, ele vai ao taekwondo duas vezes por semana (Mãe- Família 8).

Essas ações visam estimular o desenvolvimento cognitivo e social, que segundo Nogueira (2010, p.221), “organizam uma programação intensa e contínua que estrutura o tempo extraescolar”. Esta lógica de educação, também detectada no trabalho desenvolvido por Lareau (2007), é denominada pela autora como “cultivo orquestrado”, em que as famílias direcionam as atividades cotidianas de forma organizada visando à aquisição de habilidades favoráveis ao êxito da escolarização. Os pais e mães também foram questionados sobre o que faziam no tempo livre e os resultados foram semelhantes aos referentes à forma como os filhos preenchem esse tempo.

Estou fazendo agora, estou fazendo ENCEJA e este ano se Deus quiser vão ver se eu passei, o resultado não saiu ainda, mas já estou quase completar o ensino médio, eu faço ginastica também. Meu marido não, ele só trabalha chega em casa aí descansa, na parte de estudo não (Mãe- Família 1).

Eu faço bastante coisa, eu faço academia, kung fu, tai chi chuan, estou querendo começar a fazer inglês agora, faço muita coisa. Meu marido após sofrer um acidente de carro virou cadeirante e faz atividades de fisioterapia e tratamentos especializados para recuperar os movimentos motores (Mãe- Família 2).

Eu não faço nada nenhuma atividade física, meu marido joga bola (Mãe- Família 3).

Não, meu marido trabalha de segunda a sexta e trabalha de vez em quando dia de sábado e domingo, eu faço três tipos de curso: atendente de farmácia, farmácia hospitalar, e injetável (Mãe- Família 4).

Eu estou terminando o curso superior, faço curso de balé voltado para área de dança, e faço academia (Mãe- Família 5).

Não faço, não tenho tempo nem dinheiro (Mãe- Família 6).

Eu exerço um monte de atividades, voluntariado, trabalho como conselheiro, pratico esporte e minha esposa pratica esporte e academia (Pai- Família 7).

Eu faço zumba, faço só isso (Mãe- Família 8).

Nas famílias 1,2,3,4, apenas um dos cônjuges praticava atividades que se alternavam entre cursos e esportes; as famílias 2 e 8, que são famílias chefiadas apenas pelas mães, ambas desempenhavam outras atividades fora do tempo do trabalho ou de lazer; a família 7 foi a única que tanto o pai quanto a mãe desenvolviam atividades extra-trabalho e a família 6 que é chefiada pela mãe não desenvolvia nenhuma atividade. Nas famílias em que um dos cônjuges, ou como no caso da mãe da família 6, não faziam nenhuma atividade no tempo livre, apresentaram como empecilho condições financeiras insuficientes e a falta de tempo.

Em relação às atividades que os pais fazem junto com os filhos, ficou evidente que pela falta de tempo ocasionada por uma rotina já definida pelo trabalho dos pais e os estudos dos filhos e também, em alguns casos, por condicionamentos financeiros, a maioria das famílias ficavam em casa, alguns pais brincavam e assistiam televisão com os filhos, outros participavam da rotina de esporte dos filhos. A mãe da família 6 relatou que tinha vontade de fazer atividades diferentes tanto durante a semana quanto nos finais de semana, porém, por falta de dinheiro, ela não conseguia fazer atividades diferentes, mas ela dizia conversar e discutir vários assuntos com os filhos e o namorado.

Não dá tempo não, aí no caso é arrumar mesmo, levantou arrumar almoço, dar banho, ir pra escola, aí chega joga um pouco de Playstation, brinca um pouco, vai fazer atividade, dorme, não sobra tempo não (Mãe- Família 1).

A gente gosta muito de estar com a família, as vezes vai pra casa de alguém, a gente gosta muito disso, a gente gosta de estar em casa também em família, nós gostamos muito de televisão (Mãe- Família 2).

Pai: Eu e as crianças fazemos atividades físicas, joga futebol, eles estão na escolinha de futebol (Pai- Família 3).

Ficamos em casa mesmo, brinco com os meninos, e é isso (Mãe- Família 4).

Durante a semana costumamos assistir televisão e temos as nossas rotinas semanais (Mãe- Família 5).

A gente tem uma vida muito monótona entendeu, mesmo pelo fato assim, é claro que dinheiro não é tudo, mas nunca sobra pra gente fazer um lazer gostoso, a não ser dentro de casa a gente sentar e conversar entendeu, a gente discute tudo junto pra chegar numa decisão num acordo, graças a Deus o companheiro que eu estou com ele hoje, que eles consideram, o mais novo considera como pai e o mais velho como padrasto porque ele teve mais contato com o biológico o mais novo não, então a gente senta a gente conversa e é isso ai que a gente faz, planejando um dia estar junto, sair, passear, quando as condições oferecerem, mas no momento é aquela vida rotineira né, igual o meu mais velho está namorando, chega do serviço vai tomar seu banho e casa de namorada, eu as terças e quintas participo do culto pois sou evangélica, quando meu pequeno quer ir ele vai pois eu não obrigo, não forço ele a nada, principalmente esta questão de igreja agente não força a pessoa vai por livre e espontânea vontade, e é isso ai que eu faço durante a semana. (Mãe- Família

6).

Não, mais é dentro de casa mesmo porque lá em casa tem regras, dia de semana a gente não sai, dia de semana é dia de ficar só na escola, final de semana que é dia de sair e brincar com os amigos, dia de semana brinca só lá no recreio, ai chega faz dever tudo bonitinho vai duas vezes por semana no taekwondo e pronto, nada de rua, não pode (Mãe – Família 8).

Nos finais de semana, os pais juntamente com os filhos costumavam ir ao jardim da cidade, ou na “praça da estação”, que contém um parquinho, ou passeavam na casa de parentes, sendo que algumas famílias viajavam. Contudo, é nítida a presença dos filhos nas atividades em família, os pais faziam geralmente programas nos quais os filhos pudessem estar presentes.

A gente vai pro sitio, lá a gente faz de tudo, brinca joga bola estas coisas aí. Mais ou menos porque eu não tenho duas crianças mais, tenho uma moça e uma criança, acaba sendo complicado isso. Mas a gente está sempre junto, são os passeios mesmo, shopping, coisas assim (Mãe- Família 1).

Ficamos mais dentro de casa mesmo (Mãe- Família 2).

Eu sempre estou com eles mas meu marido é apenas quando ele está disponível porque ele mexe com venda de algodão doce ,então quando ele não está trabalhando nessas áreas ai é que nos juntamos pra vir ir ao jardim, a pracinha, estes lugares, quando meu marido está trabalhando a gente brinca mais é lá no terreiro de casa que é muito grande, ai a gente brinca lá mesmo (Mãe- Família 4).

A gente viaja bastante, a gente sempre vai pra algum lugar, ou a gente vai à casa de parentes nossos ou vai pra estes barzinhos que tenha área de lazer, a gente sempre faz isso. Sempre faço programas em que minha filha possa estar junto (Mãe- Família 5).

No domingo de manhã a gente vai pro culto, e as vezes vai pra casa de parente né, visitar algum parente, passar um final de semana, um aniversario, estas coisas assim, no mais a gente fica em casa mesmo (Mãe- Família 6)

Quando eu morava em Belo Horizonte tinha mais opções, agora que eu estou aqui em Mariana normalmente agente passeia na praça, leva eles em encontro de circo igual vão ter sábado agora, viaja também quando posso (Mãe- Família7).

A gente sai, ele gosta muito no parquinho da estação, ou então dia de domingo levar ele no jardim, domingo à tarde que ele gosta muito, a gente sai sempre, eu também não gosto de ficar em casa eu sempre vou pra algum lugar (Mãe- Família8).

Três casos chamam a atenção: apenas a família 3 respondeu não ter o hábito de fazer atividades e programas fora do lar, preferiam ficar em casa. Já a família 4, segundo a mãe, na maioria das vezes, o pai não estava presente devido a sua dupla jornada de trabalho, pois ele aproveitava os finais de semana para vender algodão doce. E por fim o pai da família 7 disse que as opções de atividade na atual cidade eram reduzidas comparadas às de Belo Horizonte, onde ele morava com a família, anteriormente.

A observação das práticas culturais e de lazer dessas famílias indica que grande parte se preocupava com o uso do tempo livre, porém as três famílias que detinham melhores condições financeiras declararam desfrutar, em média, de mais atividades culturais e de lazer em relação às outras cinco famílias, pertencentes às camadas populares. As famílias 4 e 6, por exemplo, alegaram ficar em casa em seu tempo livre por não terem dinheiro para fazer atividades de lazer ou pelo fato de um dos pais ter que trabalhar nos finais de semana para complementar a renda familiar. Assim, essa diferença, certamente, se explica porque, dispondo de mais recursos econômicos e uma maior estabilidade financeira e social, essas famílias podiam investir mais tempo e energia em outras atividades que propiciassem o bem-estar e o lazer familiar. Embora a maioria das famílias estudadas propusessem aos filhos algum tipo de atividade extraescolar que favorecessem a construção de competências e habilidades que contribuíssem para o desempenho escolar, de modo geral, as três famílias que possuíam maior capital econômico e cultural propiciavam aos filhos um maior número de atividades de lazer e cultura do que as outras cinco famílias.

3.3.1.1 Uso do computador e da televisão

Sobre o uso do computador, as famílias 1,4 e 8 disseram não possuir computador em casa, ao passo que as famílias 2,3,5,6 e 7 disseram ter computador e o uso pelos filhos acontece das seguintes formas:

A minha filha utiliza pra estudar, ela usa bastante computador pra estudar, nunca foi de ficar muito em computador. O meu filho também não, e quando ele raramente joga no computador, joguinho mesmo. (Mãe- família 2)

Para trabalho e atividades da escola (Mãe- Família 3)

Ela utiliza muito, o uso é bem frequente é até difícil porque ela fica muito tempo no computador, e é computador e celular, em relação a tecnologia ela sabe mexer muito melhor que a minha mãe. Ela assiste muito you tube, e agora que está vindo trabalho no segundo ano, estou começando a pesquisar com ela pelo computador, mas agente pesquisa mais em livro por enquanto, aí tem que xingar ela pra sair da frente do computador pra ela ir brincar, sujar. Mas ela fica muito tempo no computador, televisão não muito, mais é computador mesmo (Mãe- família 5)

O computador fica mais é desligado, mais parado, o que fica ligado diariamente é a internet, igual os dois têm Netflix entendeu, eles gostam de ver filme, estas coisas ai, joguinho, entendeu, estas coisas ai, you tube, o computador mesmo não é usado fica só desligado, só quando é necessário mesmo (Mãe- família 6)

Para pesquisas escolares, jogos, fora isso é quando precisa no horário de fazer a tarefa, e finais de semana no tempo de folga dele (Pai- Família- 7)

O uso do computador em grande parte das famílias se dá para fins escolares conjugado a jogos e filmes. O relato dos entrevistados demonstrou que os pais exerciam controle sobre o uso não só do computador como também do celular, o cuidado e vigilância sobre o que os filhos estão acessando aparece no relato das famílias, porém, as crianças utilizavam mais o celular do que o computador, como pode ser depreendido no discurso das famílias:

O mais velho tem celular, e eles assistem desenho no celular, tipo assim vídeo esses negócios, o menino mais velho gosta de you tube, acompanhar aqueles you tube, assiste os vídeos de minecraft, estas coisas (Mãe- Família 1).

Celular é um problema né, porque hoje todos tem praticamente, meu filho mesmo na idade dele é uma idade que ainda tem que ter muito cuidado, e tem que ficar vigiando, ficar olhando o tempo que vai ficar, e até que aqui em casa eu não tenho muito problema disso não, tipo sobre o que está fazendo, porque o celular dele na mesma hora que está com ele tá comigo, não tem aquela coisa de senha nem nada, mas tem que vigiar, principalmente porque se não acorda no celular, deita e dorme com celular. Mas aqui é bem controlado, na hora de comer não tem celular perto, eu acho que ainda tá tranquilo (Mãe- Família 2).

Meu filho usa bastante (Pai- Família3)

Mas agora nós estamos tentando cortar (Mãe- Família 3)

Agora está sendo moderado (Pai- Família3).

Mãe: Passamos a moderar agora, porque teve uma coleguinha dele que mandou um vídeo lá pra ele e ele sentou aqui e disparou a chorar, perguntando, pai, ô pai eu vou morrer. Tudo porque a menina mandou este vídeo, ai eu e meu marido apagou os contatos das colegas da sala dele, e deixou só o da professora, vai ter contato só com a professora, ai meu marido tirou todos, pois ele já tem medo de dormir sozinho, ai agora é que vai ser difícil pra mim tirar ele do meu quarto (Mãe- Família3).

Os meus filhos não têm celular não, eu e meu marido que temos, o meu mais velho tem acesso ao tablet, ele usa pra ver futebol, vendo desenho, a novela Poliana que ele adora, Chiquititas (Mãe- Família 4).

Ela tem acesso a celular, inclusive ela tinha uma dela, mas o chip dela foi desativado, a gente está pra ativar de novo, mas não é aquele uso assim para onde vai leva, igual quando o pai dela busca eu coloco na mochila dela só por segurança assim pra comunicar com ela. (Mãe- Família 5).

Meus dois filhos têm celular, o meu mais velho, com certeza, pra comunicar com as pessoas, com a namorada, e o meu pequeno mais é joguinho mesmo, que ele gosta de interagir com os coleguinha dele, por ele não sair pra brincar no caso, porque eu não sou muito de ficar deixando ficar na rua não, apesar de que nesta rua aqui nem dá mais oportunidade de criança brincar como era quando eu mudei pra cá, a rua era mais tranquila, hoje não tem nem espaço, você pode ver nem para o pedestre nem para os carros passarem, a dificuldade que eles tem até de circular aqui na rua, os carros ficam de um lado e do outro,

então ficou uma rua super perigosa, por mais cuidado que toma vai distrair com uma bola e esquece do carro, então eu prefiro que fique dentro de casa, não é que eu prefira que ele fique o dia inteiro no celular, porque ele tem escola, ele tem que estudar, ele tem prova, ele tem teste, tem trabalho pra fazer, e tem os momentos dele brincar que eu deixo ele brincar dentro de casa com os coleguinhas dele (Mãe- Família 6).

Não tem acesso não, nunca tiveram, tablet sim. O tablet é usado para pesquisa, curiosidades, jogos e entretenimento (Pai- Família 7).

Tem, ele usa ele pode durante o final de semana, durante a semana não pode , ai ele pode assistir os vídeos no celular que ele gosta, se não vicia , ele pergunta se eu não vou dar ele um celular e repondo que não pois ele tem seis anos , falei com ele que seis anos não tem que ter celular, seis anos tem que ter carrinho , é muito novo pra querer celular, deixa quando tiver uns doze anos (Mãe- Família 8).

Quanto ao uso da televisão, todas as famílias possuíam TV por assinatura com exceção da família 6 que, apesar de continuar pagando um provedor de filmes online, precisou suspender a TV por assinatura por questões financeiras. Sobre o controle do uso da TV pelos filhos, os pais foram unânimes ao enfatizar que a prioridade eram os estudos e que estipulavam horários específicos para os filhos assistirem à televisão.

À tarde, só a tarde. Os programas são Bom dia e companhia, estes negócios programas infantis mesmo (Mãe- Família 1).

O filho ele não assiste programação de tv assim, ele gosta muito de vídeo, assim de canais de vídeos mesmo sabe, hoje né, ele gosta muito de programas de pesquisas, ele assiste estes programas em que as pessoas ficam fazendo experiencia ,tem uns canais que até que eu gosto bastante sabe, que são pessoas ali que trabalham mesmo para criança sabe, ensinando fazer umas peças, uns brinquedinhos, meu filho gosta disso, na televisão hoje ele assiste é isso (Mãe- Família 2).

Mais é jogo, novela (Mãe- Família 3).

É poucos minutos, mais é futebol, jornal eles não gostão não, mais desenho estas coisas assim (Pai- Família 3).

Na parte da manhã, o de oito anos e depois a partir das cinco pra lá, porque na parte da tarde ele está na escola, o pequenininho se deixar ele vê o dia inteiro ele não sai de frente da Peppa (Mãe- Família 4).

Minha filha está muito na fase do computador, ela assiste tv mais a noite quando ela chega da escola, antes dela ir para escola ela fica mais no computador (Mãe- Família 5).

O meu mais velho é só a noite, porque quase não para em casa, ele trabalha o dia todo, agora o meu pequeno é bastante, assim, durante a semana é mais na parte da manhã quando não está fazendo o para casa, porque tem os horários né, ele levanta toma o lanche dele, vai ver um pouquinho a televisão, que ele gosta de ver no Netflix dele, depois vai fazer o para casa, acabou de fazer o para casa vê mais um pouquinho, depois vai tomar o banho, vou fazer o almoço pra almoçar e a gente subir pra escola (Mãe- Família 6).

Normalmente no fim do dia a partir das dezoito horas por aí depois do lanche assiste um desenho (Mãe- Família 7).

Na parte da manhã, antes dele ir pra escola, ele faz o dever assim que ele chega, toma café, faz dever, toma banho aí na parte da manhã ele está livre e dá pra assistir televisão (Mãe- Família 8).

Os programas de preferência das famílias variavam entre filmes, novelas, programas esportivos, desenhos e telejornal.

Eu normalmente não assisto nada, meu marido gosta de jornal (Mãe- Família 1).

Ai depende né, porque meu marido por exemplo gosta de jornal, eu gosto muito de filme, assisto novela também mas eu não tenho aquela dependência de seguir eu não tenho, aliás eu quase não assisto tv hoje, e minha filha gosta muito de filme, meu filho gosta desses programas igual eu te disse, futebol estas coisas (Mãe- Família 2)

Mãe: Eu gosto de jornal e novela (Mãe- Família 3)
pai: jornal e futebol, e os meninos mais é desenho e novela (Pai- Família 3)

Eu particularmente, lá é entre termos, meu marido e meu menino de oito anos amam ver jogo, se deixar eles veem jogo dia inteiro, o mais novo ama desenho, sou apaixonada por novela, então nós temos que discutir entre nós (Mãe- família 4).

A gente assiste muito novela, a gente usa muito o canal da globo, meu pai assiste mais esportes, meu irmão até que não é muito de tv não, mas minha filha é mais de desenho: cartoon network, tv clubinho (Mãe- Família 5).

Eu pra falar a verdade quase não assisto televisão, não tenho muito este tempo não , geralmente mais é no domingo , mas o que eu gosto mais de ver é filme, eu gosto de mais é filme, o meu filho mais velho também gosta de filme, o meu menino mais novo o negócio dele é mais joguinho mesmo, jogo é vídeo que ele gosta de ficar vendo (Mãe- Família 6)

O programa de preferência meu é programa esportivo e telejornalismo, agora meus meninos é muito variado, desenho animado, é tanto nome lá que eu nem sei (Pai- Família 7)

Eu gosto muito de assistir Discovery channel, eu acho muito interessante, e ele gosta de desenho, se deixar é vinte quatro horas, minha mãe não gosta de televisão não, meu irmão gosta mais é de escutar música (Mãe- família 8).

Os relatos evidenciam que, nas famílias biparentais pesquisadas, a maioria dos pais assistiam a telejornalismo e programas esportivos e as mães assistiam a filmes e novelas, demonstrando que talvez os pais se sentiam mais desejosos de se manterem informados, enquanto boa parte das mães, por passarem mais tempo com os filhos, assistiam com eles a determinados programas de sua preferência como filmes, desenhos e novelas.

De acordo com a narrativa das famílias, fica evidente que todas as crianças tinham acesso ao tablet ou ao celular, e o uso era permitido pelos pais, porém, de forma controlada e cuidadosa em relação aos horários pré-determinados, alternando seu uso entre

pesquisas, jogos, brincadeiras e esporte, como foi evidenciado também quando perguntados sobre as formas de controle que os pais exercem sobre o uso do computador, televisão e celular.

Eles têm horário, enquanto não jantar, faz as atividades agente não deixa não. Se tem alguma coisa importante pra fazer tem que fazer, aí reclama um pouco, mas não abro mão não sabe, tipo assim tem que estudar não pegar no celular não. Eu acredito que atrapalha sabe (Mãe- Família1).

Sim, é dessa forma que eu estou te falando, não é fácil, se deixar fica o dia inteiro mas meu filho por exemplo eu tenho que marcar hora , de manhã até tal hora tem que estudar , ai larga o celular ai fica até pouco porque vai pra escola sai onze horas ele já deixa o celular e só chega as dezessete e trinta, enfim, ai a gente marca, nove horas ,de seis horas até nove (Mãe- Família 2).

É monitorado, para ver o que está vendo (Pai- Família 3).

O meu menino é só fim de semana se não tiver prova durante a semana, se ele tiver prova durante a semana ele nem pega no telefone, fez arte na escola fez bagunça também fica de castigo. A televisão vê na parte da manhã antes de ir pra escola, na parte da tarde ele chega em casa, toma banho, lancha, esfria um pouco a cabeça umas meias horas são suficientes pra ele relaxar um pouco a mente depois vai fazer atividades e depois ele pode ir para televisão. Eu sou uma mãe rígida, mas eu sou aquela rígida que eu tenho aquele pulso firme pra treinar ele pra enfrentar a vida lá fora, né porque a vida lá fora não é vida igual de dentro de casa, a de dentro de casa a mãe e o pai tá ali pra socorrer, pra ajudar, pra dar a mão, lá fora quando o filho cresce é ele que tem que controlar , é ele que tem que saber quem escolhe de amizade (Mãe- Família 4).

Sim, tem horário e a gente fiscaliza os canais, pois cada um tem a sua pasta no Netflix, se eles forem entrar no Netflix só que está na pasta deles que eles podem abrir, cada um tem a sua pasta, eles entram na pasta deles e assistem à programação deles (Pai- Família 7).

Ele tem horário para tudo pois se deixar ele mexe vinte quatro horas por dia e tem que tem que aprender (Mãe- Família 8).

O controle e as regras citadas pelas famílias demonstram a presença de uma ordem moral doméstica e autoridade familiar, mesmo que em graus diferentes nas oito famílias. Segundo Lahire (2007), são fatores que produzem um efeito benéfico para o processo de escolarização dos filhos, mesmo quando estas atitudes não são desenvolvidas racionalmente ou conscientemente com esta finalidade. Segundo Setton (2005, p 83), com base nos pressupostos teóricos de Lahire, a ordem moral doméstica produz “uma predisposição à obediência, à aceitação sem revolta às propostas educativas concretizadas nos ambientes escolares, mas que, por certo, são adquiridas anteriormente no eixo familiar”. Sendo assim, conviver em ambiente doméstico regido por regras e controle, pode estimular a prole a desenvolver comportamentos e atitudes de respeito e adesão às regras e normas escolares.

Por enquanto a gente não controla não porque a gente vê que não está prejudicando ela, então a partir do momento que agente ver que está prejudicando ai sim vamos tomar medidas pra isso, mas por enquanto está sendo até favorável para o desenvolvimento de lá, tem programas que ela assiste no you tube que é mais de pergunta e resposta, é muito raciocínio logico e ela assiste alguns filmes de criança mesmo fazendo alguma coisa, igual slimy que tá na moda agora ensina a fazer, a gente não vê problema com isso (Mãe-Família 5).

Essa mãe relatou não controlar fortemente os horários e rotinas do uso de tecnologias, principalmente, o computador, porém ela se sentia confortável pelo fato de a filha acessar programas educativos, que estimulam certas habilidades que ela considera importantes. Isso significa que, por meio de um controle negociado, a mãe acompanhava as atividades da filha, não sendo necessário, na visão dela, um controle autoritário sobre estas atividades.

Igual eu falo né, igual o mais velho trabalha o dia inteiro então não tenho mais o como controlar, porque ele está trabalhando o dia todo, agora o mais novo tem que pegar mais no pé dele, se deixar minha filha , ai eu falo , filho desliga a televisão um pouco, vai brincar, mais eu prefiro que ele saia pra ir pra casa dos coleguinhas ,ou chamar os coleguinhas pra brincar, porque eu não sou de soltar mas não sou de privar, privando demais prendendo demais como antigamente, porque eu fui muito privada , minha mão me privava demais, eu adorava brincar , eu já sou mais de conversar, falar, não é bom ficar o dia todo diante de uma televisão, com celular na mão, entendeu, vai brincar, fazer alguma coisa. Ele não liga pra brinquedo, ele é uma criança que não liga pra brinquedo, apesar de que ele agora já é um pré-adolescente, mas mesmo assim, tá na oportunidade de brincar ainda, eu brinquei até meus treze anos, se deixar até hoje eu brinco de boneca (Mãe- Família 6).

A mãe da família 6 evidenciou uma certa angústia pelo filho ser sedentário e não gostar de brincar com outras crianças, por isso ela demonstrou um maior controle no uso da televisão que, a seu ver passa dos limites aceitáveis para uma criança. Ela o estimulava a brincar com os colegas, mas mesmo nestas atividades, nota-se um forte controle das amizades e das saídas do filho. A mãe relatou preferir que as outras crianças frequentassem a sua casa ou que o filho fosse até a casa de colegas conhecidos, evitando assim brincadeiras na rua. Essas atitudes são condizentes com uma forte ordem moral doméstica, apontada por Lahire (2007).

Por fim, nota-se nas oito famílias um forte controle da vida diária das crianças, sendo que a ordem moral doméstica está presente tanto nas famílias mais favorecidas economicamente quanto nas famílias mais desprovidas de recursos financeiros e culturais. As diferenças que podem ser ressaltadas referem-se ao modo e ao grau do controle exercido pelos pais, ou seja, a presença de uma variação no exercício da autoridade parental mais ou menos negociado, mais ou menos autoritário, sendo que essa

variação parece existir independentemente, ao menos em parte, das condições socioeconômicas das famílias.

3.3.2 Acompanhamento e mobilização familiar

O desempenho escolar dos estudantes e o sucesso ou fracasso escolar são fenômenos que provocam discussões no campo da sociologia da educação, pois o processo de aprendizagem não se resume a fatores ligados somente à escola ou ao mérito do próprio aluno, mas também aos fatores extraescolares especificamente relacionados às condições materiais e simbólicas de existência e às dinâmicas internas das diferentes famílias. A fim de perceber se as famílias esgotam seus esforços na escolha de estabelecimento de ensino, ou desenvolvem outras práticas de acompanhamento escolar, apresentaremos os resultados obtidos em relação ao estilo de vida das famílias entrevistadas. A seguir trataremos dos resultados sobre outros aspectos (além da escolha da escola) da mobilização das famílias em prol da escolarização dos filhos e como estes fatores podem influenciar na escolarização da prole.

3.3.2.1 Participação familiar no contexto da escola

A participação das famílias e a valorização do trabalho escolar são fatores que influenciam no desempenho escolar dos filhos, mostrando-se imprescindíveis para as escolas e o sistema de ensino que cobram a participação e o acompanhamento dos pais na escolarização da prole, responsabilizando cada vez mais as famílias pelo desempenho escolar dos filhos. Esta expectativa da escola em torno da participação das famílias aparece claramente no discurso da diretora que, ao ser perguntada sobre o perfil de aluno e de família esperado pela escola, relatou:

Hoje não existe o aluno ideal, muito menos a família ideal. Eu acho isso muito complicado, a gente busca aquela família que acompanha constantemente os filhos na escola, porque a gente vê uma diferença muito grande da família que acompanha e aquela que não está sempre ali com a criança, porque o desenvolvimento dela é muito maior. Então pra mim a família ideal é aquela que está sempre acompanhando o filho nos deveres de casa, na leitura, lendo os nossos recadinhos, atendendo os nossos pedidos, estando sempre presente na escola. Então eu acho isso muito importante, mas não importante pra gente, e sim pra criança, pro filho para o desenvolvimento dele. A gente vê claramente que quando a criança não tem este acompanhamento, seu desenvolvimento é

muito diferente, e às vezes a escola tem de intervir com aula de reforço, com leitura diária, com atividades diferenciadas, diversificadas. Enfim, a escola tem que intervir pra tentar suprir o que a família não dá suporte. Muitas vezes, alguns alunos vêm sem fazer o dever de casa, que é norma da escola também, todos os dias tem dever de casa. Então isso faz falta sim, mas hoje em dia é muito difícil falar da família ideal, a família mudou, e muitas crianças são criadas por avós, por tios, e as vezes não tem a mãe presente, às vezes não têm o pai presente, então fica um pouco difícil, mas a família ideal hoje pra mim seria nesse ponto, que estivesse presente na vida escolar do filho (Diretora da escola).

Por meio do relato da diretora, foi possível verificar a importância que ela atribui à participação das famílias na escolarização da prole, e como o acompanhamento e a adesão ao cotidiano e a uma lógica escolar contribuem para o desempenho escolar dos filhos

Conscientes da importância que a escola ocupa na sociedade atual, as famílias dão centralidade à escolarização dos filhos e se esforçam para atender as expectativas da escola, mudando em alguns casos a rotina interna familiar. Quando indagados se houve alguma mudança na rotina interna das famílias, os pais e mães deram diferentes respostas:

Mudou bastante porque no caso a gente ficou mais tranquilo porque a gente pagava como tinha outras despesas com filho pequeno, mudou naquela parte também da gente sobrar dinheiro para fazer outras coisas pra eles, o orçamento fechava pra gente poder passear mais com eles (Mãe- Família1).

Para a família 1 não houve mudanças que interferissem na rotina da família, mas a progenitora constatou que houve mudança na situação econômica, pois a troca de uma escola particular para uma pública desonerou a família, que pôde investir em outras atividades para os filhos.

Pai: Ficou mais tranquilo e trouxe mais segurança, por causa da segurança, porque na escola das cabanas onde ele estudava antes não tinha grade, os meninos saiam. Hoje a escola está fechada, agora melhorou, os meninos não saem pelo portão mais (Pai- Família 3).

Esse pai apontou como mudança, a tranquilidade que eles passaram a ter quando matricularam o filho na escola pesquisada pois, segundo ele, a escola anterior não oferecia a segurança que a atual escola oferece. Já a família 4 destaca a qualidade do ensino ofertado pela escola pesquisada, pois segundo o relato da mãe, o desempenho do filho melhorou depois da mudança.

Na rotina da família não mudou não, mudou só no ensino do meu filho, no ensino do meu filho mudou sim, porque quando meu filho estava no rosário ele não estava desenvolvendo, graças a Deus meu filho tem uma cabecinha muito boa e tem uma mãe muito chata, então eu pego muito. Quando ele estava

no Santa Godoi também ele não estava muito ruim, mas também não vi meu filho progredindo muito na escola, agora no (nome da escola), meu filho entrou ali e ele desenvolveu, sabe é como se fosse um trenzinho, o trenzinho sai do lugar parece que colocou gasolina, então ele desenvolveu mais rápido, não é que eu quero dizer que a escola (nome da escola) é melhor que outras, de jeito nenhum gente, tem escolas melhores, o CEMPA também é uma escola ótima, mas eu optei meu filho pelo (nome da escola), eu acho lá uma escola boa, eu acho o ensino bom (Mãe- Família 4).

A mãe da família 6 relatou ter melhorado sua rotina, pois o fato de o filho estudar na mesma escola em que ela trabalha e no mesmo turno, facilitou a organização da vida diária e também a segurança e proteção do filho, porque agora eles iam e voltavam juntos da escola, evitando que o ele tivesse que fazer esse percurso sozinho.

Não alterou não, ficou até mais tranquilo pra mim, pra mim ficou até mais tranquilo, igual eu falei que ele sai comigo e volta comigo, tá comigo eu estou sabendo, não tenho que ficar deixando na responsabilidade de ninguém, igual no caso eu tenho a minha mãe, abaixo de Deus eu tenho ela, eu não tenho condições de pagar uma pessoa na época, hoje não, hoje ele já está com dez anos já sabe se virar né, mas não posso deixar ele sozinho ainda , pois ele não é responsável por ele, eu é quem sou, mas pra mim ficou até tranquilo , porque ele vai e volta comigo. Igual ano passado por exemplo, ano passado eu não consegui no (nome da escola), ai o nosso horário mudou, eu passei para manhã e ele estava lá a tarde, mas como a diretora eu te falei que é uma mãe ela me disse que o que estava faltando pra mim era mudar meu filho, e eu disse, então tá, você vai fazer isso por mim? então assim que surgir qualquer vaga você me avisa, e ela respondeu que iria olhar agora , e na hora que olhou tinha uma vaga pra ele lá, mas foi uma tranquilidade, uma benção de Deus, e eu ainda tenho o apoio dela graças a Deus , ai consegui e ano passado nos fomos pra de manhã, eu trabalhando no Soares Ferreira e ele lá na outra escola, mas agora graças a Deus estamos na mesma escola (Mãe- Família 6).

As demais famílias alegaram não ter havido nenhuma mudança na rotina familiar, a não ser as demandas próprias de uma família que possui criança em idade escolar, ou seja, a rotina não mudou após a entrada do filho na escola pesquisada.

Não necessariamente após a entrada no (nome da escola), nada diferente do que a gente passa a adquirir o habito de ter uma criança na escola, o horário do almoço, não mudou muito necessariamente porque foi para estar escola, é a rotina mesmo de uma criança na escola. (Mãe- Família 2)

Até que não teve mudança não, ela sempre ia de van e continuou indo de van, e os horários que a gente trabalha normal, não chegou a ter mudança não (Mãe- Família 5).

Não, continuou do mesmo jeito (Pai- Família 7).

Não, na rotina dele não (Mãe- Família 8).

Nessa perspectiva, as famílias se identificavam como pais de alunos, transformando o contexto familiar em uma extensão da escola, bem como a escola

acabava sendo uma extensão da família. Os contatos frequentes entre famílias e escola são valorizados pela instituição escolar que, por vezes, utiliza este discurso para julgar os pais que não acompanham a escolarização dos filhos. As famílias entrevistadas relataram como percebiam a participação das famílias usuárias da escola pesquisada, de forma geral.

Eu acho que tem até uma participação boa, tem o colegiado lá que eles também trabalham, eu acho que na verdade tem uma boa participação, acho que sempre pode ser melhor, mas pelas reuniões assim que eu vou e tal é uma média na verdade né, a gente acaba vendo que tem uma média que é o que se mantém pelo decorrer da vida do filho né, da vida escolar, mas diria que é uma média aí de uns bem razoável diria que uns trinta e cinco por cento sabe, quando eu penso nas reuniões de turma, na reunião da escola, daria está média aí de uns trinta e cinco por cento de participação assim como um todo (Mãe- Família2).

O que agente observa é que os pais estão sempre procurando em saber como está o aluno, o filho na escola (Mãe- Família 3).

Tem muita participação, tanto que eu participo do grupo de whatsapp na escola, eles fazem reunião frequentemente, tem um grupo de pais lá, eu não estou vinculada a isso mas ouço falar que é pra olhar estas questões de escola mesmo, esta ligação entre a escola e os pais, eles fazem um meio de campo pra isso mas é muito boa, pelo grupo de whatsapp eu fico sabendo de tudo e funciona muito bem, são os pais e uma professora eu acho que faz esta ligação entre os pais e a escola, igual dúvida se vai ter aula, que horário que a criança sai, quando vai ter atividade fora eles passam pra gente no grupo, se a gente tem alguma dúvida é só mandar no grupo que eles responde (Mãe- Família 5).

Sim tem, é uma escola que é diferenciada também por isso ela tem uma participação dos pais dos alunos que eu considero acima da média por ser de escola pública (Pai- Família 7).

Vou em todas as reuniões e acho que há participação dos pais sim, igual na hora da reunião eles contam o que eles estão pretendendo fazer, como vai ser, aí se você tiver alguma dúvida ou tipo assim eu não concordo você fala aí eles vão e te explicam direitinho e pergunta se mais alguém não concorda, porque tudo lá é no consenso, que nem ficou de greve lá né, aí na reunião eles explicaram, não é simplesmente entrar de greve e pronto acabou, eles explicam porque está entrando de greve, quando volta também eles conversam com a gente, a reposição vai ser assim, dia de sábado está tudo bem pra vocês, agente já está sabendo de tudo, e vai bastante pais (Mãe- Família 8).

Os discursos acima apontaram como forma de participação das famílias não só os contatos individuais ou a frequência às reuniões organizadas pela escola, mas também os contatos que ocorrem por meio das redes sociais, por telefone ou por aqueles contatos formais, por meio da representação no colegiado. O pai da família sete, que era professor em outra escola pública da cidade, reforçou que um dos pontos que diferenciavam esta escola dos demais estabelecimento de ensino da rede pública era a boa participação dos pais.

Contrários aos que percebiam uma boa participação das famílias no contexto

escolar, as famílias 4 e 6 discordaram do consenso sobre a regularidade de uma boa participação familiar e relataram que os professores também compartilhavam dessa opinião, pois segundo a mãe da família 6, ela já presenciara alguns professores reclamarem da falta de participação das famílias na vida escolar dos filhos.

Toda vez que tem alguma tem uma boa participação, tem alguns que deixam a desejar, eu vejo as professoras reclamarem mas a gente não sabe da situação como que é, então a gente não pode falar se é ou não é porque cada um sabe de si, da vida de cada um né, eles que sabem da vida deles, das condições, as vezes os horários não batem entendeu, mas eu vejo que toda vez que tem alguma coisa na escola na escola tem bastante pais lá, se não é pai é vó, se não é vó é mãe, ou até os dois o casal, ou até a mãe, vó pai, tudo ali junto, então depende muito do dia, do horário, então eu não posso falar que não tem participação, né (Mãe- Família 6).

Não é boa não, eu vou ser sincera com você, eu só acho que até hoje eu faltei uma reunião, e das vezes que fui observei que é a minoria que vai na escola, não é porque os pais não preocupam com seus filhos, se preocupam sim, mas as vezes são os horários que não encaixam nos horários, porque os pais trabalham, entendeu, então assim, numa escola tem ai umas seiscentos alunos que vai na reunião ali mais ou menos uns cem, então uma minoria muito grande, o que não quer dizer que os outros pais não preocupam, é claro que preocupam mas as vezes é porque os horários não batem com o horário de serviço isso é fato, têm pais ai que trabalham a noite, como que vão a reunião. Em questão disso eu acho a escola também muito boa, é uma família ali né, mas acho que os horários não batem com o horário de todos os pais, e eu estou dizendo da reunião do turno da tarde não sei do turno da manhã, só pra esclarecer o que eu estou falando (Mãe- Família 4).

Sobre o tipo de contato que as famílias mantinham com a escola, fica evidente que as formas mais comumente usadas eram os bilhetes, os telefonemas, a agenda dos alunos, e os contatos presenciais, principalmente, em dias de reunião, e as comunicações feitas pelas redes sociais.

É mais na parte de bilhete, reuniões quando tem reuniões de pais, festa da família, aí tem algum evento que no caso pra gente estar participando, esta parte mesmo dos eventos e reuniões sabe (Mãe-Família 1).

A gente tem aqueles contatos que hoje é por meio da agenda né, e telefone, que aliás a gente resolve bem fácil as coisas por telefone que eu acho ótimo, e assim sempre que eu preciso eu vou a escola, chego lá e resolvo (Mãe- Família 2).

A mãe da família 3 admitiu que participava minimamente das atividades da escola e que somente ia à escola quando solicitada: “não é muito não, é pouco, é o básico”. Em outro extremo está a família 4, em que a mãe relatou ir todos os dias à escola:

Eu mantenho todos os dias, se eu venho na rua de segunda a sexta, de segunda a sexta eu passo na escola pra ver como meu filho está, passo mesmo, e se alguém falar você tem tempo eu respondo tenho, até na hora que eu estou descendo pra trabalhar eu pergunto pra diretora como meu filho está indo, pra

professora também, e falo qualquer coisinha pode estar me ligando eu sou enjoada mesmo, porque se os pais não vão à escola pra ver como que o menino está quem vai se preocupar (Mãe-Família 4).

A família 4 chama a atenção em virtude da forma de contato estreito e presencial que mantinha com a escola, sendo que este comportamento se difere do encontrado nas demais famílias, em que os contatos face a face existiam, mas eram esporádicos, e se resumiam, na maioria das vezes, aos convites ou convocações feitas pela escola. De um modo geral, a comunicação entre pais e escola se davam, segundo os relatos, por meio de bilhetes e do telefone (ligações e redes sociais).

Eu tenho o whatsapp da professora qualquer dúvida eu pergunto a professora, o caderno de bilhete que funciona muito, tudo o que eu mando, eles sempre me dão um retorno rápido. Em relação a ligar eu nunca precisei, a não ser quando minha filha tem um probleminha de saúde eu tive que entrar em contato com eles, mas meu contato é direto com a professora. Agora ir à escola eu vou quando tem reunião, quando ela ficou doente, quando tenho que buscar ela aí eu vou, mas eu nunca precisei porque ela é uma aluna muito boa sabe (Mãe-Família 5).

Como eu já estou lá dentro eu estou por dentro de tudo que acontece (Mãe-Família 6).

Meu contato é via telefone, bilhete, cada aluno tem sua agenda para comunicar com o professor, comunicar com a direção, e quando tem os eventos da escola agente vai (Pai- Família 7).

No caso quando eu vou nas reuniões, mas caso contrário se acontecer alguma coisa eles ligam (Mãe- Família 8).

É possível perceber a adesão das famílias ao projeto escolar e o empenho em criar uma boa relação com a escola, tomando a iniciativa do contato principalmente para tirar dúvidas sobre algum bilhete que não ficou bem entendido, ou sobre as dificuldades em entender o dever de casa. De acordo com Dessen e Polonia (2005), a manutenção de uma boa relação entre a família e a escola pode maximizar a aprendizagem e o desenvolvimento da prole, embora estes estudos ainda sejam insuficientes para explicar as nuances desse efeito no desempenho das crianças. Ainda assim, temos estudos que indicam o potencial dos contatos frequentes que algumas famílias estabelecem com a escola, relacionando-os à aquisição de informações “quentes” (VAN-ZANTEN, 2010) e conhecimentos diversos sobre o universo escolar (NOGUEIRA, 2011) por parte dos pais e mães que favorecem certamente o percurso escolar dos filhos.

Eu vou sim, as vezes alguma informação que não vem no bilhete, mas que eu preciso saber, aí eu preciso conversar diretamente com a secretaria ou com a diretora, aí eu procuro sim. Aí é mais questão de alguma dúvida que eu tenho relação a algum evento, data, alguma dúvida que eu tenho de algum bilhete que vai, aí eu procuro (Mãe-Família 1).

A eu entro em contato todas as vezes que eu tenho dúvida e não consigo resolver, mas por vários motivos, tirar dúvidas , relação ao professor, tirar dúvidas em relação a atividades, com relação a forma que eu posso contribuir quando eles solicitam, então assim eu não tenho problema não em chegar e procurar a escola eu tenho sempre está abertura sabe, tanto pra beneficiar meu filho, quanto pra contribuir coma a escola (Mãe-Família 2).

Só quanto estamos com dúvida, ou em reuniões (Mãe- Família 3).

Não, a frequência é só quando eu necessito, eu não sou este tipo de pai que fica na escola o tempo todo não, quando eu necessito eu vou (Pai- Família 7).

Algumas famílias faziam questão de estarem sempre em contato com a escola, se preocupando-se em obter informações não somente sobre o desempenho escolar, mas também sobre o comportamento dos filhos, e outras só entram em contato quando surgiam uma necessidade ou uma dificuldade dos filhos.

Chama a atenção a postura menos interventiva adotada pelo pai da família 7 (relato abaixo), que exerce a profissão de professor, porque pesquisas têm mostrado recentemente que, em geral, os pais que são professores são os mais interventores na escola dos filhos (NOGUEIRA, 2011; 2017). No entanto, o comportamento mais constrangido desse pai professor (família 7) também foi verificado por Oliveira (2018) em sua pesquisa sobre as práticas educativas dos pais professores homens, e, possivelmente, possa ser explicado por um certo pudor e pela preocupação em não querer ser visto pelos pares (outros professores e a direção da escola) como invasivo ou como quem cobra e controla o trabalho dos colegas professores, em virtude da profissão que ocupa.

Os relatos abaixo também mostram como as famílias investigadas se preocupavam em manter um contato estreito e frequente com a escola.

Eu tomo a iniciativa sempre, só a escola , a escola não tem como se preocupar, eu também tenho que preocupar com o ensino da escola, a escola ajuda os pais e os pais ajudam a escola, eu passo lá e pergunto mesmo, como o meu filho está indo, tudo bem com meu filho, eu tenho aquele interesse em ir à escola pra saber, meu marido não é muito de ir porque ele trabalha, então os horários não batem, mas eu sou interessada em perguntar mesmo, quando não dá pra mim ir meu marido passa, olha pra mim, mas quem vai mesmo sou eu (Mãe-Família 4).

Igual eu disse eu tenho contato direto com a professora, igual a gente viaja muito e ela tem algum trabalho pra entregar na segunda feira, aí eu mandei um whatsapp pra professora avisando que íamos viajar e se podia entregar na terça , porque eu crio esta coisa pra ela porque ela tem que ter responsabilidade, graças a Deus ela tem, ai sempre que a gente vai viajar e não dá pra entregar um trabalho eu entro em contato pra isso, ou então pergunto como está a minha filha, as vezes a criança chega chorando e a gente não sabe porque, são estes o tipo de contato que eu tenho com ela (Mãe- Família 5).

Mesmo estando lá dentro eu estou sempre em contato com a diretora e a

professora, e meu contato ocorre com mais frequência pela dificuldade dele, pois ele é um menino de dez anos e ainda não tem desenvolvimento pra ler, igual eu te falei ele é acompanhado por psicólogo, neurologista, porque isso vem desde que ele estava no cempa, a dificuldade dele de progredir, progride, regride, ele oscila, ele esquece. Ele já até passou por ressonância e não deu nada, totalmente perfeito, é déficit de atenção, mas não tem nada, acho que é com o tempo. Isso que me leva a procurar a professora, no entanto a professora este ano trabalhou muito este lado dele, eu falo que ela foi mais que uma professora para ele, ele não conseguiu alcançar eu acho que um pouco foi por falta de interesse dele, ele fala que não gosta de estudar, na hora de copiar arde o dedo dele, dói, um monte de coisa, na hora de mexer nas coisas não dói sabe, eu não vejo ele falar, mas o maior motivo mesmo é a dificuldade que ele tem lá dentro, a dificuldade de ler que ele tem, de desenvolver, por isso vou na professora (Mãe- Família 6).

Pelo fato de o filho da família 6 apresentar dificuldade de aprendizagem, a mãe relatou ter uma relação bastante próxima e um frequente contato com a professora, em decorrência do trabalho diferenciado que a docente realiza com o filho. A comunicação entre família e escola era agilizada e facilitada pelo fato de a escola pesquisada ser o local de trabalho da mãe.

Quando eu pergunto ele as coisas e ele não me responde direito, eu pergunto como ele está na sala de aula, se está fazendo bagunça e ele fica meio assim pra responder quando eu vou na rua eu aproveito pra perguntar como ele está, porque lá está aberto pra gente a qualquer hora, pra conversar lá (Mãe- Família 8).

Ao se dirigirem à escola para resolver assuntos que se relacionavam à vida escolar da prole, as famílias alegavam ser bem recebidas e atendidas atenciosamente pela diretora, pelas professoras e pela pedagoga, que são as profissionais mais procuradas pelas famílias na instituição. Essa escola reconhece a importância da colaboração (mais ou menos visível) dos pais na história e no projeto escolar dos alunos e auxilia as famílias a exercerem o seu papel na educação, na evolução e no sucesso escolar dos filhos. De acordo com Soares e Colares (2006), o primeiro passo para a aproximação e integração das duas instituições é a abertura e a acolhida por parte da escola, que tem o papel primordial de criar mecanismos de aproximação com as famílias.

Sempre bem recebidos, graças a Deus, e normalmente é com diretora. E quando precisa ela chama alguém para auxiliar ela na parte pedagógica, alguma dúvida que aparece as vezes com a prova, com algum item que eu preciso de verificar, aí chama a pedagoga, nessa questão sabe eu sou muito preocupada, então eu olho tudo o que está acontecendo no caderno dele sabe, as vezes tem alguma prova e eu vejo porque foi esta nota, ele não teve bom desempenho porque que foi, aí eu estou sempre lá, e as vezes eu pergunto e as vezes é com ela e as vezes ela pede auxílio para pedagoga, ou alguém é parte e função de outra pessoa, aí dá tudo certo (Mãe-Família 1).

Com a diretora, e somos bem recebidos (Mãe- Família 3).

Eu costumo conversar mais com a diretora e a professora, elas me recebem muito bem, nunca fui mal atendida ou com pouco caso (Mãe-Família 4).

Eles sempre foram muito receptivos, igual o contado maior foi quando ela ficou doente, que aí eles me procuraram aí eu consegui fazer uma reunião com eles, com a diretora, vice, com a professora da minha filha pra conversar sobre, e eles foram muito receptivos (Mãe- Família 5).

De acordo com os relatos, dentro do possível, a demanda apresentada pelas famílias era resolvida pela escola, de forma atenciosa, e esse relacionamento acontecia na base do diálogo.

Sempre resolvem os problemas e são bem atenciosos com estas questões, eles ouvem e aí eu percebo resultado quando converso com meu filho sabe, aí eu vejo caderno, prova, alguma coisa assim eu vejo que valeu a pena procurar, reivindicar alguma coisa nesse sentido (Mãe-Família 1).

Consegue, eu não posso reclamar não, todas as vezes que eu solicitei, que agente precisou foram poucas graças a Deus, não ficou nada assim sem ser resolvido (Mãe-Família 2).

Na medida do possível eles resolvem sim, eles se interessam muito, eu costumo eles procuram resolver da melhor maneira possível, não tenho o que reclamar não (Pai- Família 7).

Na base da conversa, todas as vezes é resolvido, entra num consenso né, a gente olha o que pode fazer, eles olham o que podem fazer e é resolvido, entra num acordo todas as vezes (Mãe- Família 8).

É visível nos resultados da pesquisa que há uma forte aproximação da escola pesquisada com as famílias entrevistadas. Nogueira (2006, p. 164) reforça que “a escola e a família intensificaram suas relações de modo nunca antes conhecido. A presença dos pais no recinto escolar e sua maior participação em determinadas atividades tornam-se mais comuns”. Este cenário foi presenciado na relação construída entre as oito famílias pesquisadas, porém em graus diferentes, pois algumas estavam sempre na escola, buscando saber como o filho estava se comportando, outras iam apenas quando solicitadas ou precisavam tirar alguma dúvida, algumas preferiam contatos diretos e mais interventores na escola, enquanto outras se comunicavam via telefone, redes sociais ou bilhetes. Contudo todas as famílias entrevistadas pareciam corresponder ao “ideal de família” relatado pela diretora da escola, que valorizava a participação parental na vida escolar dos filhos como um dos elementos influenciadores da boa reputação da escola no município.

3.3.2.2 O acompanhamento das tarefas escolares e extraescolares

A interação entre família e escola envolve uma série de dispositivos nos quais se enquadram as reuniões de pais, os cadernos de bilhetes, os telefonemas, atualmente as redes sociais e outros. Porém dentre este conjunto de dispositivos de interação e comunicação, o dever de casa se torna essencial e mais importante pelo fato de ser uma atividade frequentemente enviada pelo professor ao aluno e que deve ser realizada no contexto extraescolar, ou seja, no ambiente familiar e de preferência sob a supervisão das famílias.

Sobre a quantidade e a qualidade do dever de casa oferecido e exigido pela escola e também sobre outras tarefas que devem ser feitas no contexto extraescolar, algumas famílias se mostraram satisfeitas e outras relataram haver pouca frequência e quantidade de atividades.

Eu acho que a quantidade e a qualidade são satisfatórias (Mãe- Família 1).

Tem bastante tarefa, a qualidade é boa, e quantidade é satisfatória (Mãe-Família 3).

A quantidade é tranquila pois eles dão sempre um dever por dia, no final de semana eles costumam mandar livro, é uma quantidade boa, não está sobrecarregando não e a qualidade é boa, tem dever que puxa muito que eu acho que é difícil pra idade dela, até pra gente poder explicar fica difícil mas é raramente, vamos supor de dez deveres um é muito difícil sabe, é bem bacana (Mãe- Família 5).

No meu caso eu acho que está muito bom, igual na outra escola mandava uma vez por semana só, chegava assim e ele não sabia nada, ai eu tinha que explicar tudo, agora ele chega e fala que não precisa ensinar que a tia já leu, e já ensinou a gente como que vai fazer, ai ele já começa a fazer sozinho e fala que o que ele não souber ele pergunta pois a tia já explicou como é que faz, ela lê com eles, explica direitinho como é que faz, ai quando chega em casa eles já sabem. Às vezes eu vou ler pra ler pra ele e ele fala a tia já falou (Mãe- Família 8).

Para as famílias 1,3,5 e 8, as atividades eram de boa qualidade e quantidade, porém a mãe da família 5 afirmou que algumas das tarefas apresentavam dificuldade tanto para criança quanto para os pais, destacando que essas atividades consideradas difíceis não são enviadas com frequência. E a mãe da família 8 comparou o “para casa” da escola pesquisada com o desenvolvido na escola em que o filho estudou anteriormente, esclarecendo que a escola anterior só enviava dever de casa uma vez por semana e se tratava de atividades desconectadas do que havia sido ensinado em sala de aula, situação contrária ao que acontecia atualmente, pois o filho chegava em casa e conseguia fazer as exercícios sozinho.

Todos os dias tem para casa né, todos os dias tem para casa, normal acho que que tá no quadro, eu acho que meu filho, a professora este ano, eu falo assim que ele foi premiado com ela, Deus sabe de todas as coisas, como a dificuldade dele no caso ela estava dando assim, tipo assim, eu quero alfabetizar não o seu filho porque ele ainda não alfabetizou, no quarto ano, não vou dizer que as outras professoras não interessou, porque a situação dele apareceu no cempa, já com a idade indo pra seis anos, porque quando ele teve na creche eu questionei muito elas e elas não viam algo de diferente nele, eu como mãe via e elas como professoras não viam, eu perguntava se elas não tinham nada pra me falar do meu filho, e elas respondiam que estava tudo normal, e eu fui deixando pra lá, com o tempo elas me chamaram lá. Então a professora estava fazendo assim, ela estava dando dever pra ele diferencial, começando desde lá onde ele parou pra ver se ele pegava, você precisa de ver o trabalho mais interessante dela com ele, ela me chamou lá na sala, a parede era tudo exclusiva para meninos que tinham dificuldade principalmente o meu filho porque não era só ele, tem outros lá, mas ela trabalhou muito pra este lado com ele, então quer dizer o dever dele dava pra altura dele o que ele conseguia fazer o que eu conseguia acompanhar com ele, porque eu falei pra ela que eu não estudei que eu tinha muita dificuldade, tive problema psicológico, isso aconteceu desde o meu nascimento desde que eu estava na barriga da minha mãe, os estou explicado porque meu filho teve dificuldade demais e está tendo dificuldade e ela empenhou dentro dessa dificuldade dele aí, então eu posso te dizer que foi assim, o dever de casa dele foi o que eu estava esperando pra situação dele, então eu concordei com tudo ali porque ela é uma professora assim que trabalhou o ano todo pra este lado aí com meu filho, então eu acho que ele alcançou a meta aí, nesse lado aí, entendeu, o para casa dele pra mim, eu não estou sabendo falar direito, tá dando pra entender (Mãe- Família 6).

A família 6 se sentia satisfeita com as atividades de casa e revelou que a professora fazia um trabalho diferenciado com o filho devido à sua dificuldade de aprendizagem, personalizando inclusive o dever de casa de acordo com seu desenvolvimento. Já as famílias 2 e 7, cujos pais tinham familiaridade com o contexto escolar, relataram serem poucos os deveres de casa e o pai da família 7 ainda completou que a qualidade é razoável, porém achava que poderia aumentar a quantidade de dever de casa.

Isso aí é um problema, porque quase não tem, muito pouco, eu falo baseando nas escolas que ele estudou antes, sabe, inclusive eu já até levantei isso na reunião sabe, na escola, porque e nossa dos pais a obrigação de em casa cobrar mandar, marcar o tempo de estudo, isso é muito importante. Mas se a criança não leva não traz pra casa sabe, igual eu até sugeri que seja uma coisa assim uma parceria mesmo de a criança só vai entrar por exemplo quando ela tiver com aquilo ali tudo pronto, só vai, enfim, uma forma de se cobrar tanto em casa, pois vem pra casa alguma coisa, a criança só vai entra também se o pai for, tiver presente com ele, e enfim, eu falo em relação a atividades né, eu acho que é muito pouco, eu acho pouco (Mãe- Família 2).

Eu acho a quantidade muito boa, acho até que deveria passar mais, com exceção da sexta todos os dias tem dever de casa, na sexta eles dão aquele intervalinho para as crianças relaxar a mente, os deveres são bons, de boa qualidade, cada dever que a professora manda faz meu menino entender e ter mais ainda o entendimento nas atividades (Mãe- Família 4).

Pouco, pouco dever de casa, a qualidade razoável, mas a quantidade e pouco dever de casa (Pai- Família 7).

Como pode ser constatado, no geral, as oito famílias entrevistadas acompanhavam de algum modo as tarefas escolares dos filhos e as utilizavam como dispositivo para avaliação da escola. Agindo assim, os pais adquiriam condições de avaliar o trabalho desenvolvido pela escola e pelos professores, além de criarem parâmetros para uma comparação entre os diferentes estabelecimentos de ensino do município.

As distintas famílias lidavam com os deveres de casa de formas variadas, pois segundo Resende (2013, p.212), “é notória a desigualdade de condições familiares para realização de deveres de casa no âmbito do lar, considerando desde o grau de escolaridade dos pais até seu tempo disponível para ajudar os filhos ou, ainda, as características do ambiente doméstico”. Sendo assim, veremos como as oito famílias se comportavam cotidianamente frente às atividades escolares dos filhos.

Algumas tarefas são mais fáceis, outras são mais difíceis, tipo assim, as vezes igual eu mudei pra cá eu não morava aqui, ai pede uma entrevista pra procurar e entrevistar o presidente de bairro, eu não sei quem que é o presidente de bairro, ai eles falam assim comigo à é o fulano ai eu pergunto mas quem que é o fulano, ai tipo assim eu conheço muita gente mas ai eu não sei algumas pessoas, quem mora a mais tempo no bairro eu conheço todo mundo, o pessoal que veio da minha terra pra cá, tem muita gente mais ai nessa questão sabe, ai fica a desejar (Mãe- Família 1).

Eu ajudo mas eu tenho muita dificuldade né, eu não estudei né, eu tenho muita dificuldade também, eu sou muito lenta igual eu falo isso ai acarretou muito o meu desenvolvimento, inclusive eu sou muito lenta assim pra pegar as coisas, pelo fato de quando eu nasci, problema que minha mãe teve, então acarretou muito (Mãe- Família 6).

As mães das famílias 1 e 6 foram as únicas que demonstraram uma certa angústia em relação ao dever de casa. Segundo essas famílias, em alguns momentos, a tarefa de casa acabava se tornando um obstáculo por demandarem conhecimentos que os pais não possuíam, configurando assim, entre as famílias, uma situação de diferença que pode se converter em desigualdade face ao dever de casa e à escolarização. Isso porque, ao exigir dos pais o mesmo comportamento em relação ao dever de casa, sem levar em conta os recursos culturais de cada família, a escola acaba reproduzindo a desigualdade já imposta pelas condições socioeconômicas. No entanto, tudo indica que as famílias entrevistadas, mesmo aquelas que não dispunham de fartos recursos materiais e culturais, se empenhavam em acompanhar os filhos e lhes proporcionar o melhor acompanhamento possível.

Nós ajudamos nas tarefas de casa, principalmente nas atividades de matemática, pois ele está meio fraco nessa matéria, dessa forma temos que cobrar, tiramos da escolinha de futebol, pois é uma coisa que ele gosta pra ver

se melhora (Mãe- Família 3).

Para a família 3, o dever de casa era visto como reforço ou complemento do que era realizado em aula, pois através dessas atividades, os pais perceberam a dificuldade que o filho tinha em matemática e procuraram ajuda-lo para que ele pudesse superá-la. Outras famílias também demonstraram em seus relatos uma forte preocupação com o desempenho escolar dos filhos e com o acompanhamento e o cumprimento das atividades escolares.

Eu ajudo, quando ele não entende o dever ele mesmo já fala, hoje você pode deixar que eu faço meu dever sozinho, eu deixo ele fazer o dever sozinho , ai no tempo que ele está fazendo uma coisa eu pego o caderno só mesmo pra corrigir, só pra ver se é aquilo mesmo que ele fez, mas quando ele não entende, como por exemplo quando tem trabalho eu ajudo ele fazer, pra pesquisar e quando o dever é um pouco difícil eu ajudo a fazer, mas eu não ajudo a fazer, eu só fico perto pra ele vai lendo e eu vou tentando traduzir de um jeito que ele consiga entender o dever e ele acaba fazendo até então sozinho (Mãe-Família 4).

Eu sento com ela, todos os dias eu não a deixo fazer sozinha e pretendo acompanhar isso, eu dou pra ela a liberdade dela fazer o dever e eu corrigir, mas estou sempre do lado dela sempre sento e pra fazer o dever (Mãe- Família 5).

Eu peço para que ele resolva e normalmente ele resolve sozinho sem ajuda, dificilmente precisa de ajuda (Pai- Família 7).

Como ele faz sozinho eu não fico do lado dele não, porque ele sempre fala que já está sabendo ai eu não fico e ele faz, ai quando ele acaba ele traz pra mim ver , ai eu falo a não aqui não está certo, esta letra está feia, deste jeito a tia não vai aceitar não, ai ele faz de novo , mas ele mesmo faz, eu não faço pra ele não. Eu que acompanho todos os dias (Mãe- Família 8).

Como os relatos acima indicam, além de valorizar e acompanhar as tarefas escolares, uma parte dos pais se preocupava em desenvolver nos filhos hábitos de estudo e de autonomia. Porém esta autonomia era controlada, pois os pais conferiam se as atividades estavam corretas, se a letra estava legível, dentre outras formas de controle. Com base nos relatos, é possível dizer que o dever de casa pode ser percebido como um pesadelo, como no caso das famílias 1 e, 6, provavelmente devido aos poucos recursos culturais dos pais, ou, ao contrário, ser compreendido pelas famílias como algo positivo, como um elo, ou seja, uma colaboração entre escola e família.

Em quatro famílias (1, 5, 6 e 8), o acompanhamento era feito inteiramente pelas mães, porém elas se diferenciavam quanto ao tempo disponível para acompanhar a educação escolar dos filhos e ao grau escolaridade. Dessas famílias, apenas uma mãe (família 8), não desempenhava ocupações fora de casa, sendo que as demais precisavam

conciliar trabalho profissional, e cuidados com a casa e com os filhos.

Eu que acompanho, aí eu cobro mesmo sabe, se tem uma prova de português amanhã ele vai ter que estudar o caderno todo, aí matemática a mesma coisa eu combro mesmo sabe. No caso eu vou passando algumas atividades que foram corrigidas que ele errou que ele não conseguiu fazer, eu vou repassando com ele tudo de novo, vou dar um jeito dele estar fazendo de novo pra reforçar pra ele fazer, porque eu acho que avaliação é conhecimento e a avaliação do que a criança aprendeu, se ela não conseguiu uma boa nota é porque ela não aprendeu aquilo ali que foi passado em sala de aula, que foi apresentado na atividade. Ai alguma atividade que ele fez tocada eu faço ele fazer de novo, vai fazer direito, combro capricho sabe (Mãe- Família 1).

Quando tem que acompanhar sou sempre eu (Mãe- Família 5).

sou eu (Mãe- Família 6).

Eu que acompanho todos os dias (Mãe- Família 8).

Nas outras três famílias (2,3,4 e 7), o acompanhamento escolar era feito em conjunto, tanto pelo pai quanto pela mãe. A família 7 chama a atenção porque, embora o pai seja professor, ele delega o acompanhamento do dever de casa, na maioria das vezes, para a mãe, que tem mais tempo livre. No entanto, ele relatou acompanhar tudo o que acontece com os filhos e ser bastante exigente com o desempenho escolar. Esse comportamento parental aparece também no trabalho de Oliveira (2018) sobre os pais professores homens. A autora afirma que, no caso dos pais professores homens por ela estudados, devido a uma extensa carga horária de trabalho, eles delegavam às mães grande parte do acompanhamento diário do dever de casa, entretanto, ficavam nos “bastidores” acompanhando e controlando todo o processo.

Eu, ou o pai, inclusive esta questão que a gente está falando da quantidade e da frequência dos deveres, ele antes tinha o horário de estudar, hoje em dia pra te ser sincera é até difícil de fazer, se não tem o que fazer, a gente sabe que tem que ele teve aula hoje ele tem o que estudar, mas fica difícil pra mim saber porque a gente sabe que não funciona exatamente assim, mas se ele tem um dever um para casa mesmo tradicional, ele vai fazer, ele vai ter que sentar com ainda mais atenção, é necessário que se faça isso, e aqui em casa hoje eu fico meio sem horário fixo pra ser sincera, mas ele estuda, normalmente ele gosta de fazer sempre que chega da escola (Mãe- Família 2).

Quanto ao acompanhamento tanto eu quanto o pai e o irmão ajudamos e cobramos e colocamos horário para as tarefas, inclusive a professora pediu para dar pelo menos quinze minutos para ele estudar fora as atividades de casa (Mãe- Família 3).

Quem acompanha nas tarefas de casa somos eu e meu marido, tem vez que eu não estou em casa aí quem ajuda é ele (Mãe- Família 4).

Quando precisa de acompanhamento ou o pai ou a mãe, quem estiver disponível. Eu pego mais no pé, mas a mãe por ter mais tempo livre ajuda mais nas atividades escolares, mas eu pego mais no pé (Pai- Família 7).

Além dos deveres de casa, as famílias colocaram os filhos para fazerem outras atividades (como esportes, aula de inglês e reforço escolar), ou relataram o desejo de fazê-lo, com exceção das famílias 1 e 6. No caso das duas últimas, o motivo de os pais não colocarem os filhos em outras atividades estava relacionado à falta de condições financeiras das famílias.

Não faz não, apenas as atividades da escola mesmo (Mãe- Família 1).

Ele faz inglês e faz esporte igual eu te falei (Mãe- Família 2).

Só esporte mesmo, mas só que vai chegar um tempo que vai ter que colocar. Mas estamos esperando-o ficar mais velho pra colocar em um curso, acho que agora ele está muito novinho (Mãe- Família 3).

Esporte meu menino faz é aula de futebol, e faz aula de reforço todos os anos, pois a aula de reforço ajuda a reforçar o que ele aprendeu na sala (Mãe- Família 4).

Eu estou pra colocar ela no ano que vem no curso de línguas, mas não, fora isso não, ela gosta muito de ler então eu costumo comprar livros pra ela (Mãe- Família 5).

Não ele não faz nada mais (Mãe- Família 6).

É o Taekwondo, a catequese, e os eventos culturais que tem na cidade, a gente costuma participar, agente, vai a fera dia de sábado, vai ao SESI (Mãe- Família 7).

Só mesmo o taekwondo por enquanto (Mãe- Família 8).

O desenvolvimento de atividades extraescolares aliadas ao dever de casa são fatores que aumentam as chances de um bom desempenho escolar, porém a manutenção dos filhos nestas atividades e a forma na qual o acompanhamento do dever de casa acontece, variam de acordo com as condições econômicas e culturais de cada família.

3.3.2.3 Desempenho e trajetória escolar

No que se refere ao desempenho escolar dos filhos, de maneira similar, eles nunca foram reprovados e são caracterizados pelos pais como bons alunos e com notas boas.

O desempenho dele é bom eu considero que é mais do que bom sabe, as notas dele são muito boas, hoje mesmo eu estava lendo um texto que ele fez, não falei com ele não sabe só pensei nem acredito que ele fez esse texto, falando sobre cometa, da lua lá assim, é uma coisa meio assim sabe, e ai ele disse a mãe você gostou do meu texto, ai eu fiquei parada assim e falei assim, você copiou de algum lugar, não, ai os desenhos dele o jeito dele desenhar, eu fico bem surpresa com as coisas dele sabe, o desempenho dele é muito bom em todas as matérias (Mãe-Família 1).

Não, graças a Deus ele não apresenta dificuldade não, tem um bom

desempenho também, as notas são boas, as avaliações dele são sempre boas (Mãe-Família 2).

Ótimo, ele não tem aquela dificuldade em aprender não, até então assim que ele é muito espesso, ele não fica quieto de jeito nenhum, mas ele capta muito no ar, ele é uma criança muito inteligente, assim ele deve ter alguns erros em sala de aula, mas ele é uma criança inteligente, ele não tem aquela dificuldade que tenha que ter aquele reforço maior por parte da professora. Ele já está no terceiro ano, então assim não repete, as notas são boas, quando faz prova as vezes ele não tira total, tira nove, nove e meio, oito, oito e meio, valendo dez, mas não é uma nota ruim, só notas acima de sete (Mãe-Família 4).

Não, graças a deus não, em relação a desempenho ela é muito tranquila. Agora no primeiro ano no (nome da escola) ela teve em relação ao convívio sabe, as crianças mais velha é uma espécie de bullying mas não era tão grave assim, mas chegou num momento que eu tive que ir à escola porque ela reclamou que os meninos jogavam a merenda dela no chão, aí eu tive que procurar, mas aí ela aprendeu a se defender, porque na escola partícula é diferente né, tem todo o cuidado ali, e lá não o recreio é separado, depois que eu fiquei sabendo mas sempre tinha algum contato com os mais velhos, mas agora ela aprendeu a se defender, então eu não tive problema nenhum em relação a isso professora (Mãe-Família 5).

Que eu identifiquei até o momento não, o desempenho dele é muito bom (Pai-Família 7).

Eu vejo com bons olhos, eu acho que ele terá um bom futuro (Pai-Família 7). Não, o desempenho dele é muito bom, as melhores notas, eu também cobro só “A”, aqui não em menino “B”, só menino “A”, só “A” graças a Deus (Mãe-Família 8).

Apesar da similaridade, dois pais apontaram que, embora tivessem bons resultados, os filhos apresentavam dificuldade em alguma matéria, ou dificuldade de aprendizagem. A mãe da família 3 relatou que a dificuldade surgiu recentemente e a mãe da família 6, apesar de descrever a dificuldade do filho em português, fez questão de ressaltar seu ótimo desempenho em matemática, que ela denominou como “expert, uma calculadora”.

Só em matemática, é a matéria que ele tem um grau de dificuldade, e esta dificuldade começou foi agora (Mãe-Família 3).

Sim, em matemática ele é expert, uma calculadora, eu fico assim impressionada porque eu a minha dificuldade foi mais em matemática e ele minha filha aquele ali ele faz, o jeito que ele faz, em matemática ele é ótimo ele é uma calculadora ele resolve tudo assim, é incrível, ele só tem mais dificuldade mais é em leitura, português estas coisas, mas matemática minha filha ele é ótimo, esqueci disso, de falar dessa facilidade dele, a dificuldade mais é em leitura mesmo, de guardar as coisas (Mãe-Família 6).

O fato de algumas das famílias entrevistadas declararem não ter detectado nos filhos alguma dificuldade escolar ou de aprendizagem ou até mesmo os que apontaram haver alguma dificuldade, evidenciou a preocupação delas em relação aos conteúdos escolares, e se os filhos estavam de fato aprendendo. Assim, eles se esforçavam para

oferecer condições propícias de aprendizagem e apoio aos deveres de casa. Essas famílias, de modo geral, demonstraram esforços e intensa dedicação ao acompanhamento da escolarização dos filhos, prontificando-se a fazer o que fosse possível, dentro das margens de condicionamentos financeiros e culturais (aula de reforço, apoio moral, dedicação de tempo) para ajudar os filhos e favorecer o seu percurso escolar.

Algumas vezes que eu já observei em relação quando ele traz as tarefas por exemplo de casa, aí eu tento passar pra ele, eu fico sempre muito atenta para ver o que, observando o que, é se foi ensinado na sala, quando é ensinado na sala a gente fica tranquilo e tenta reforçar, ensinar de novo, vê o que precisa pegar mais, mas é dessa forma, é ajudando mesmo, e tem também casos igual eu estou te falando por exemplo, chega aqui com alguma coisa e pergunta, mãe o que que é isso, e eu falo, como assim o que é isso, você aprendeu isso na escola, aí eu vou recorrer ao caderno, cadê, pra ver se realmente foi aprendido, foi dado, e é dessa forma que eu tento acompanhar (Mãe-Família 2).

É ajudar né, o que temos pra fazer é ajudar, não deixar só pra professora né (Mãe-Família 3).

Então assim é uma criança que não tem muita dificuldade, eu digo hoje porque eu não sei se pra frente ele vai ter esta dificuldade, mas se ele tiver também eu vou estar aqui pra ajudar, vou pagar uma aula de reforço pra ajudar ele a desenvolver mais, mas hoje desde que ele entro no (nome da escola) o desenvolvimento do meu filho é outro, outra coisa, esta escola ajudou meu filho muito não só na disciplina mas como no entendimento nas matéria, meu menino ama matemática, eu acho que nunca vi uma criança que gosta tanto de matemática professora (Mãe-Família 4).

Em relação a escola eu procuro a escola, igual eu te falei eu converso direto com a professora, então se tem algum problema no dever de casa eu mando pra professora perguntando como é que faz, eu procuro a professora (Mãe-Família 5).

Por causa da dificuldade de aprendizado e ele teve um momento muito difícil dele de autoestima muito baixo, por causa disso aí, mas hoje não eu estou trabalhando este lado eu converso muito com ele, ele faz tratamento no psicólogo, tem minhas orações também né, meu dobrar de joelhos porque eu tenho muita fé no criador pois ele é tudo né, Deus é tudo na vida da gente, eu falo com ele você é inteligente meu filho, inteligentíssimo, coisas que você faz aí que mamãe nem conseguiu entender. Hoje ele interage mais na escola, antes não interagia, brinca e antes só ficava sentado, ficava ali me olhando o tempo todo, não interagia com ninguém. Hoje não ele brinca, ele corre na escola, ele até dançou, participou da dança, da última apresentação que teve, isso tudo são minhas orações e eu sempre com ele dando força, dando apoio, e é isso aí (Mãe-Família 6).

Procuro orienta-lo e por ser professor também eu ajudo, explico, procuro me inteirar do assunto para ajudar (Pai-Família 7).

Até no momento como ele não apresentou eu não sei, mas eu acho que quando acontecer eu vou conversar com ele, ver onde está o problema né, mas por enquanto está tudo bem (Mãe-Família 8).

O bom desempenho dos alunos influencia significativamente no investimento na escolarização da prole, principalmente nas camadas populares, pois Barbosa e Randall

(2004, p.300), em seus estudos observaram que “as maiores expectativas da mãe correspondem às crianças que têm efetivamente melhor desempenho na escola”. Isso porque quanto maiores as chances de êxito dos filhos, mais segurança os pais terão em investir os poucos recursos econômicos na prole, esperando um retorno certo, visto que, ao contrário, o baixo rendimento do aluno faz com que o investimento se torne arriscado e inseguro.

Muito boa, sempre foi assim (Mãe-Família 1).

Minha filha sempre estudou em escola particular, ela saiu bem também, tem as vantagens que a gente vê claramente , e hoje já está na faculdade, e meu filho estudou em escola publicam particular, mas sinceramente eu não vejo diferença de falar, nossa ela tinha mais facilidade ou ela sabia mais , eu vejo que é tudo parecido pra te ser sincera (Mãe-Família 2).

É ótima, eles nunca deram problema, nunca repetiram de ano, são ótimos filhos (Mãe-Família 3).

Ela desenvolveu muito, ela está desenvolvendo muito, agora ela está na fase de letra cursiva, ela tem um pouco de dificuldade mas é dela mesmo, mas o desenvolvimento dela é muito bom, tanto que ela veio com total desde o primeiro ano, nunca perdeu nenhum ponto, só tira total, tomara que continue assim (Mãe-Família 5).

Boa, sempre foi excelente (Pai- Família 7).

Muito boa, só evoluindo, acho que ele está evoluindo muito (Mãe- Família 8).

De acordo com Nogueira (2013), as famílias se mobilizam e concentram investimentos (em tempo, dinheiro, energia) quando visualizam chances objetivas de que o investimento seja rentável e tenha retorno material ou simbólico. Segundo Soares e Collares (2006, p.627), “a família pode criar as condições adequadas a ser bem-sucedida na correta motivação do aluno, mas é ele quem adquire ou não o conhecimento, medido na escala de proficiência.” Da mesma forma as expectativas familiares criadas em torno da trajetória escolar e profissional dos filhos são indispensáveis para a continuidade, pois quanto mais altas as expectativas, melhor o desempenho da criança.

Eu acredito que ele vai fazer faculdade, eu pelo menos incentivo ele sabe, vou incentivar ele. Eu acredito que na parte da leitura , da escrita ajuda, mas na parte de relacionamento humano como pessoa eu acho que ajuda demais, pra criança não desanimar sabe, porque a gente, eu pelo menos quando estudei as vezes , não sei se a pessoa fazia por mau, mas uma crítica, aqueles bilhetes no caderno, muita coisa me desanimava, ai eu presto muita atenção pra que isso não aconteça com meu filho. Tipo assim, eu não tinha muita vontade de estudar por isso sabe, por causa da forma que era conduzido assim (Mãe-Família 1).

Eu pretendo que ela chegue até o superior, agora se ela pretender fazer a pós aí já é com ela, mas o superior eu quero que ela faça se for da vontade dela, pois tem muita profissão que você não precisa de curso superior , vai partir dela se

ela achar que é importante pra ela (Mãe-Família 5).

Não vou falar nem na minha opinião não, mas no meu desejo ele vai continuar a estudar até ele fazer uma faculdade, e a escola prepara pra isso, tanto que eu coloquei meu filho mais velho lá por isso mesmo pois minha amiga disse que eu podia meu filho nesta escola confiante pois todo mundo que estudou aqui hoje presta vestibular e está passando, é uma escola que realmente vai dar futuro pro meu filho (Mãe-Família 6).

Eu pretendo que ele faça pelo menos o ensino superior, ou alguma coisa, depender de mim ele vai só estudando. Eu acho que pelo ensino ser melhor e de qualidade de uma certa forma você está preparando e também quando é um ensino atrativo e não chato eu acho também que ajuda muito a preparar, que nem mostrou até um esqueleto lá, aí mostrou para as crianças sabe, isso eu acho que atrai porque ficar lá só vendo dever no quadro eu acho muito chato, eu acho que isso incentiva a querer mais, a gostar. No médio eu espero que ele faça o CEFET, que aí ele faz um técnico no médio, e se Deus quiser que ele passe em uma UFOP da vida, e que ele faça o que ele quiser o curso que ele quiser (Mãe-Família 8).

Os excertos acima expostos demonstram as altas expectativas que as famílias têm em relação ao nível de ensino que os filhos alcançarão, sinalizando que pretendem incentivar e apoiar os filhos para que prossigam até o ensino superior, dispondo-se a acompanhá-los e a contribuir da melhor forma possível para que este objetivo seja alcançado. Fica evidente também a consciência de que o fato de estarem em uma escola pública de prestígio os coloca em situação privilegiada e abre possibilidades que eles não encontrariam em outras escolas da rede pública.

A gente sempre quer ver os filhos formados, eu até falo muito isso sabe, que eu espero não só vê-los formados, eu espero vê-los felizes, então esta felicidade ela não está no diploma, o preparo assim da escola é o ensino, o técnico mesmo é o que tem que ser aprendido na escola e eu acho que na verdade esta formação é mesmo o diferencial que o futuro, o fim, a essência dessa pergunta é essa: este preparo pra que ele se torne uma pessoa bem profissionalmente, uma pessoa bem preparada pra vida, ele é vem também da família, a família vai junto com o que ele ainda tem que aprender na escola, porque afinal de contas o diploma é importante, mas eu acho que o aprendizado ele é mais do que as quatro horas de aula, e quando você consegue fazer este paralelo, eu acho que é fácil, pra te ser sincera se a é escola pública se é uma escola particular, se você consegue trabalhar junto eu acho que a criança chega mesmo aonde a gente espera, que não é nem o diploma é ser feliz (Mãe-Família 2).

A mãe da família 2 vislumbra um próspero futuro acadêmico para os filhos, porém ela se diferencia das demais famílias por preconizar não só o diploma em si, ou um bom futuro acadêmico e profissional, ela preza também pelo bem-estar psicológico e pessoal dos filhos, ou seja, esta mãe tem um visão menos utilitária da escolarização. Apesar de ter consciência da importância do diploma, para esta mãe, estudar é bem mais que receber certificações e sim saber colocar em prática, de forma consciente e prazerosa, os conhecimentos adquiridos. Mesmo sendo de classe média, essa atitude pode ser

comparada às estratégias identitárias (PAIXÃO, 2007), semelhantes às desenvolvidas pela elite, que podem ser mais diletantes em relação à escolarização podendo se preocupar com o bem-estar psicológico da criança, “unem o útil ao agradável”.

Aí depende deles, igual eu quero que eles estudam, nós queremos que eles estudem. Igual o pai deles fala, preocupar com serviço agora não, simplesmente dentro de casa, ajudar a trabalhar dentro de casa, e estudar, é o que eles têm pra fazer agora. Portanto o que tá rapaz, o que está com dezessete anos, ano que vem ele já tira ensino médio, igual meu marido fala o que ele tem que fazer é só aqui dentro de casa. E com certeza vamos incentivar a continuar a estudar. No caso do que estuda no (nome da escola), a escola prepara sim para avançar nos estudos. Espero que meus filhos sejam ótimas pessoas, espero que através dos estudos que eles cheguem lá né, arrumem um bom emprego, e comecem a fazer a vida deles (Mãe-Família 3).

hoje o meu menino está com oito anos, daqui a alguns anos eu vejo que ele formou o ensino médio, daqui mais três anos eu vejo ele formando o terceiro ano, e depois disso um cursinho, eu falo que eu vendo a mim mesma pra dar tudo de bom pro meu filho, que é o que eu não tive, sabe não é porque meu pai e minha mãe não podia pagar não porque eu mesma não mostrei interesse em querer alguma coisa, por isso que hoje em dia eu forço meu filho a estudar mesmo, a você está errada por forçar ele a estudar tanto, não eu não forço ele a estudar tanto, eu forço ele a simplesmente estudar o necessário, aquele certo que tem que estudar na hora de uma prova, um teste, tem que estudar pra fazer uma prova boa, um teste bom, falo pra ele fazer um cursinho, ele até está doido pra fazer inglês vamos estar dando uma olhada ano que vem se vai dar pra pagar uma aula de inglês que eu já estou vendo que é um pouco cara, eu estou vendo que não é igual uma aula de futebol né, é como o pai deles mesmo diz, pelos meus filhos eu trabalho dobrado, e meu marido vende algodão doce fim de semana, e não é fácil porque ele vende em Ouro Preto que tem muito morro e é pesado pra carregar suporte, mas meu marido trabalha dobrado pra dar de melhor para os nossos filhos. Com certeza, o ensino de lá é muito bom, porque lá é até quinto ano só, então não tem como eu falar que vai preparar para o futuro, mas acho que ali já é o começo do futuro, porque dali já vai encaminhar lá para o Soares Ferreira, e aí vai. Acho que desde o momento que a criança entra no primeiro ano naquela escola já está encaminhada para o futuro, só não encaminha quem não que, porque a escola leva a criança, ele dá aquele empurrãozinho na disciplina pois pra tudo na vida você tem que ter disciplina, eu acho que a escola encaminha sim pro futuro profissional (Mãe-Família 4).

Já as famílias 3 e 4 não fazem grandes planos como o ingresso dos filhos em uma faculdade. Contudo a mãe da família 4 pretende investir em curso de inglês para o filho e vê-lo fazendo um cursinho. E a mãe da família 3 não expressa até que nível de ensino ela espera que o filho alcance. Algo que chama a atenção no relato da mãe da família 4 é o empenho e o sacrifício laboral do pai, e como a família trabalha para dar ao filho algo que eles próprios não tiveram.

Sinceridade, se ele manter do jeito que ele está eu acho que ele vai até o máximo que ele puder, um doutor, até um pós- doutor. Quanto a preparar para avançar não é o foco dela, essa pergunta eu não achei pertinente, não é o foco da escola né, ela dá um suporte bom, não mais do que isso porque em termo de conteúdos ela deixa a desejar sim, com certeza (Pai- Família 7).

Já o pai da família 7 tem plena convicção de que seu filho estudará até o “máximo que ele puder”, contudo demonstra que não é por meio desta escola que ele alcançará êxito, pois ele deixa claro que, na sua percepção, não é função da escola preparar o aluno para avançar. Esse comportamento é típico das elites econômicas, que não precisam do capital escolar para alcançar êxito, pois já é algo garantido. O fato de ser professor, ter condições econômicas para garantir apoio extraescolar e acompanhar de perto a escolarização do filho podem ser fatores que ele considere responsáveis para este sucesso escolar.

Quanto ao futuro acadêmico e profissional dos filhos, as famílias o enxergam de forma positiva, com base no desempenho escolar dos filhos.

Eu acho que tem tudo pra ser bom, igual eu sempre me preocupo em colocar em uma boa escola, ensinar ele só não, eu sei que ele tem notas boas, mas como pessoa, tipo assim respeitar colegas, as pessoas que está ali comandando, nunca tive reclamação dele não. E as vezes ele fala alguma coisa assim, que eu considero que não é bom, ai eu falo não filho isso não pode, e mostro pra ele outro, mas ai ele fala que o coleguinha fala, coleguinha que eu digo assim, que as vezes ouvi na rua, porque lá na escola eu não vejo ele falar que ouviu eu nunca tive problema, e nem eu nem o pai dele não temos o habito de falar gírias, ficar falando palavrão (Mãe-Família 1).

Então eu vejo que eles vão ter mesmo e é necessário como eu disse ter um diploma na mão, e junto disso eles vão ter o preparo pra aplicar, que eles estão aprendendo hoje na escola (Mãe-Família 2).

Agente que é mãe espera que eles vão se sair bem, como minha mãe sempre fala e meu pai também falava aquilo que a mãe abre a boca e fala né. Espero que eles sejam bem, igual eu falo, eu planto aqui hoje boas sementes para depois meus filhos colherem bons frutos (Mãe-Família 3).

Ele vai longe, ele fala que vai estudar porque quer ser jogador de futebol, eu estou até pagando aula de futebol pra ele, e ele gosta, e eu vou ajudar ele, se é futebol então vamos lá, vamos tentar, igual eu falei com ele, o sonho é você quem faz, se você quer ser vamos lá, eu ajudo mas pra mim te ajudar, tu também tem que ajudar, ai ele pergunta mas como, e eu repondo, estudando, nada nesse mundo vai sem estudo, tudo tem que ter estudo. E na escola ele vai formar o ensino médio, eu quero ter orgulho de pra isso, eu quero que meu filho faça uma faculdade, mesmo sabendo que ele gosta de futebol eu queria que ele fizesse uma medicina, mas a escolha é dele e não minha, ele vai fazer o que ele achar cabível pra ele, se ele gosta de futebol eu vou tentar ajudar ele a alcançar o sonho dele professora (Mãe-Família 4).

Eu Acho que ela vai se dar muito bem sabe, ela é muito responsável tanto que ela chega da escola, ela estuda a tarde, a primeira coisa que ela fala é vamos fazer dever ela já chega no pique da escola e tem que fazer o dever sabe, ela não deixa pra depois (Mãe-Família 5).

Isso depende muito deles né, depende muito deles, o meu mais velho tinha as dificuldades dele né, igual eu faço os dois que são os filhos que eu tenho, a outra que era uma menina morreu está no céu, eles nunca mostraram aquela coisa pra estudo não, mas igual eu te falei o mais velho depois que começou a trabalhar e envolver com outras pessoas com a cabeça mais aberta em relação

aos estudos ele está interessado mais agora em voltar a estudar, e progredir mais nos estudos, agora quanto ao mais novo ele tem as dificuldades dele por ele não gostar, ele não tem muito interesse não, mas eu acredito que com o passar do tempo igual o mais velho está vendo as coisas com mais clareza hoje pois sem os estudos a dificuldade é maior, eu acredito que o mais novo também ele vai desenvolver e se interessar mais para os estudos e até manter uma profissão melhor, igual eu falo mamãe não estudou eu nem falo para eles que eu não gosto de estudar, você está vendo a vida de mamãe, eu tenho muito orgulho do que eu faço, sou uma auxiliar de serviços gerais na escola e eu tenho muito orgulho do que eu faço entendeu, não tenho vergonha de falar com ninguém mas igual eu falo pra ele eu preferiria ter estudado mais e ter tido uma profissão melhor, até inclusive em questão de salário, não vou falar que eu ganho mal mas não ganho tão bem também não, porque se tipo assim eu não souber balancear eu só como se bobear, pra não ficar na dívida (Mãe-Família 6).

Eu vejo com bons olhos, eu acho que ele terá um bom futuro (Pai- Família 7).

Eu o vejo como um grande profissional, e o que ele precisar eu vou estar aqui pra ajudar (Mãe- Família 8).

Por fim, as famílias pesquisadas expressaram boas expectativas em relação a escolarização dos filhos, apesar de haver famílias mais convictas desse objetivo em relação a outras. De acordo com Soares e Collares (2006, p.637), “a família deve expressar expectativas altas, mas não irreais, sobre o desempenho acadêmico de seus filhos na escola e em suas carreiras futuras”. Verificou-se, que todas as famílias se mobilizaram para matricular os filhos na escola que julgaram ser de melhor qualidade e reputação e desenvolveram estratégias que visassem ao sucesso escolar da prole. O apoio, o acompanhamento da escolarização, mesmo que em graus diferentes, são fatores que apareceram nas entrevistas e que impactam a trajetória escolar dos filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento do trabalho teórico e do que a empiria permitiu observar, tendo como base as discussões realizadas no campo da sociologia da educação e, principalmente, os estudos sobre a relação família e escola, destacam-se algumas reflexões relevantes que não se esgotam, porém, com esta pesquisa. Dessa forma, nos propusemos, como objetivo geral, analisar os critérios utilizados por famílias de diferentes grupos sociais na escolha de um determinado estabelecimento de ensino básico público, e para tanto, foram traçados também quatro objetivos específicos: O primeiro buscou identificar o perfil socioeconômico e cultural dos alunos matriculados na escola, a fim de verificar a possível influência desse fator na escolha do estabelecimento de ensino e nas práticas familiares de acompanhamento escolar. O segundo consistiu em pesquisar as expectativas escolares das famílias usuárias de uma escola pública de prestígio no município do interior de Minas Gerais. No terceiro investigou-se a forma de acesso dos alunos a uma escola pública de prestígio, assim como as estratégias utilizadas pelas famílias para garantir este acesso. E por fim, o quarto objetivou compreender outras práticas familiares de acompanhamento escolar em famílias que escolhem uma escola pública básica bem reputada.

Embora as famílias pesquisadas pertençam às camadas populares ou aos estratos inferiores das camadas médias, foi possível verificar, por meio das repostas extraídas do questionário aplicado a 436 famílias e das entrevistas feitas com oito dessas famílias, que elas se distinguem do que é tradicionalmente característico dessas camadas sociais por possuírem alguns elementos na formação de seu perfil, que lhes garantem condições de vida mais estáveis. O fato de grande parte das famílias serem biparentais, ou seja, terem a presença de pai e de mãe no ambiente familiar, e morarem em casa própria, lhes conferem uma certa estabilidade financeira e simbólica. Outro aspecto a ser considerado é o número de filhos que varia entre um e dois na maioria dos casos, tornando-se um fator importante, pois o controle da fecundidade (BOURDIEU, 2008) influencia na forma e no grau de investimento na escolarização da prole, tendo em vista que as famílias podem concentrar os recursos financeiros disponíveis na educação de um menor número de filhos. Somando a estas variáveis, a escolaridade dos progenitores também contribui para esta distinção, pois a maioria dos pais e mães possui ao menos o ensino médio completo e exercem uma ocupação profissional (estão empregados). Parece então que estes

aspectos desempenham um efeito positivo na forma que estas famílias percebem a escolarização dos filhos e lidam com ela.

As entrevistas com as oito famílias permitiram elucidar questões que estavam presentes no processo de escolha de uma escola pública bem reputada. Sendo assim, foi possível caracterizar essas famílias como um grupo de indivíduos bastante ativos que busca propiciar melhor escolarização para os filhos, apesar de haver algumas diferenças referentes à posse de capital cultural, econômico e social, dada à heterogeneidade da amostra. Por isso, é importante considerar o peso das condições objetivas de existência sobre o processo de escolarização dos filhos, como também, de forma minuciosa, as atitudes e comportamentos práticos das famílias.

As práticas escolares das oito famílias estão voltadas para a realização de um objetivo: o de que os filhos estudem em uma escola pública de “boa qualidade e reputação”, e que este percurso escolar se mantenha até alcançar o nível de escolarização por elas desejado. Todo o esforço familiar está em criar estratégias - mesmo que isso ocorra, por vezes, de forma inconsciente e nem sempre totalmente racionalizada - para conseguir vaga em uma escola que atenda suas expectativas, mesmo diante da inevitabilidade de escolarizar os filhos na rede pública de ensino. O percurso escolar “virtuoso”, descrito por Costa e Koslinski (2012), se iniciou na educação infantil (algumas, na rede particular de ensino), aumentando as chances dessas famílias acessarem escolas disputadas e de boa qualidade, cenário percebido tanto nos dados mais gerais (N=436) quanto nos resultados obtidos pela entrevista com as oito famílias.

No que diz respeito à forma de acesso das famílias à escola pesquisada, pelo relato da diretora da escola, foi possível identificar três formas: o primeiro é pelo cadastro escolar, o segundo é pela procura direta na escola para as famílias que perderam o prazo do cadastro escolar, porém moram nos bairros que fazem parte da área de zoneamento da escola e a terceira é por meio da candidatura a um sorteio, podendo se somar a este processo as vagas ociosas que surgem ao longo do ano. Os dados coletados no questionário aplicado às 436 famílias demonstraram que a forma mais comumente utilizada para acessar as vagas desta escola foi a matrícula pelo cadastro escolar, pressupondo dessa forma que estas famílias deveriam morar na área territorial onde está localizada a escola ou em seus arredores. De acordo com esse resultado, poderíamos supor que as famílias apenas seguiram a indicação do cadastro sem demonstrar nenhum tipo de ação ativa na escolha da escola, pois teriam seguido o cadastro de forma passiva. Porém este resultado foi refutado pelos dados obtidos por meio da entrevista com a

diretora que explicou não haver um número representativo de crianças moradoras do centro ou nos arredores da escola, indicando que a maioria das famílias moravam em bairros distantes, contrariando o que foi declarado nos questionários, ou seja a obediência ao cadastro escolar.

Esta constatação aliada aos documentos fornecidos pela prefeitura municipal e pela secretaria da escola e cedidos à pesquisadora pela diretora, sendo um deles a lista de alunos que se matricularam por meio do cadastro escolar, e a lista dos alunos que entraram na escola pelo sorteio também contradizem os resultados declarados pelas famílias. Os dados apontam que a maioria das vagas foram preenchidas por meio dos sorteios e não pelo cadastro escolar, demonstrando dessa forma o papel ativo das famílias que não seguiram o cadastro. Podemos levantar duas hipóteses: elas podem ter “burlado” o cadastro escolar, através da apresentação de comprovante de endereço de algum conhecido que more no entorno da escola pesquisada ou, em suas respostas ao questionário, confundiram o cadastro com a matrícula feita diretamente na escola, como pode ser constatado nas entrevistas com as oito famílias. As entrevistas indicaram que todas as oito famílias demonstraram papel ativo ao não seguir a indicação do cadastro escolar e desenvolverem estratégias visando ao acesso à escola preferida.

Quanto aos motivos para a escolha do estabelecimento de ensino, este processo se deu dentro do limite de um restrito campo de possibilidades demarcado pelas condições socioeconômicas, pois grande parte das 436 famílias pertenciam às camadas populares e declararam ter renda familiar entre um e dois salários mínimos, sendo impedidos dessa forma de cogitarem matricular os filhos em uma escola particular. Contudo, as famílias demonstraram estar satisfeitas com o ensino ofertado pela escola, apontando-a como uma boa instituição que oferece um ensino bastante semelhante ao que é ofertado pelas escolas particulares da cidade. Um dos critérios utilizados para a escolha dessa escola se mostrou associado ao capital informacional dessas famílias, que consideraram as indicações de vizinhos e amigos cujos filhos estudavam ou estudaram anteriormente na instituição, como também a indicação de algum funcionário que trabalhava na escola pesquisada. Outros motivos que surgiram tanto nos questionários quanto nas entrevistas dizem respeito ao clima escolar, a forma com a qual os funcionários lidam com os alunos, a organização, o regramento escolar, o convívio sem violência e o público atendido pela escola, que se igualam entre si, fenômeno este denominado por Zanten (2010) de “efeito de pares”. Observou-se também que as escolhas da grande maioria das famílias não tiveram motivações de cunho pedagógico ou voltado para o ensino ou conteúdo. Esse

comportamento se repetiu também nas oito famílias entrevistadas, sendo a única exceção um pai, que exercia a profissão docente, que demonstrou ter conhecimento das questões pedagógicas e preocupação com o ensino ofertado, dado este que pode ser associado ao seu status de professor que lhe assegura informações privilegiadas sobre o mundo escolar.

Em relação aos pontos negativos do estabelecimento de ensino, as famílias e a diretora da escola foram unânimes em apontar a precária infraestrutura da escola, fator que incomoda a todos os integrantes do espaço escolar. Contudo, as famílias ainda procuram esta escola para escolarizar seus filhos e relatam que pretendem mantê-los no estabelecimento até concluírem o quinto ano do ensino fundamental, pelo fato de a escola oferecer apenas esta etapa do ensino. Após se mobilizarem para conquistar a vaga, as famílias precisaram se adequar às normas da escola, aderindo a um projeto escolar imposto por meio de regras e normas às quais os alunos e as famílias devem se adaptar, caracterizando-se como um “quase-mercado oculto”. Ciente de sua posição privilegiada em relação aos outros estabelecimentos públicos de ensino, a escola impõe regras a fim de homogeneizar e selecionar seu alunado, constringendo aqueles que não aderem a este projeto e acabam se mudando para outra escola por não se adaptarem às regras e exigências escolares.

Em relação às práticas socializadoras e educativas das oito famílias entrevistadas, apesar de os pais e mães se preocuparem em realizar com os filhos atividades de lazer e cultura e lhes propiciarem atividades extraescolares, o grau e a frequência dessas atividades se distinguem entre as famílias, devido às condições financeiras para arcar com os custos desse investimento. Destaca-se que as três famílias pertencentes às camadas médias desfrutavam de um maior número de atividades culturais e de lazer, bem como proporcionavam mais atividades extraescolares para os filhos, quando comparados às cinco famílias de camadas populares. Assim, essa diferença, certamente, se explica porque, dispondo de mais recursos econômicos e uma maior estabilidade financeira e social, essas famílias podem investir mais tempo e energia em outras atividades que propiciem o bem-estar e o lazer familiar, além de ofertar um número maior de atividades extraescolares que influenciam no desempenho escolar do aluno, demonstrando que as condições objetivas e socioeconômicas incidem fortemente sobre a escolarização dos filhos.

Fica evidente também nesse estudo que no conjunto das oito famílias, tanto de camadas médias quanto de camadas populares, a uma ordem moral doméstica que privilegia certo controle e disciplina sobre a ida diária dos filhos e a autoridade parental

negociada estão presentes, porém o grau do controle exercido pelos pais varia de uma família para outra quanto ao exercício da autoridade parental mais ou menos negociado, mais ou menos autoritário, independentemente das condições socioeconômicas das famílias. Este tipo de educação influencia para que seus filhos sejam autônomos e disciplinados, valores que convergem com os princípios da escola.

A respeito do acompanhamento e da mobilização familiar dos filhos, as famílias se diferenciam em alguns pontos por apresentarem dificuldades de natureza cultural (baixa escolaridade) ou socioeconômica (excesso de trabalho, falta de tempo, e de condições objetivas mínimas). Porém, mesmo ocorrendo de formas e graus variados, as famílias se mostraram mobilizadas e envolvidas na vida escolar dos filhos, não se restringindo apenas à escolha de estabelecimento de ensino. Sendo assim, foi possível identificar relação entre o grau de mobilização na escolha da escola e o grau de mobilização mais geral dos pais no processo de escolarização e no modo de se relacionarem cotidianamente com a escolarização dos filhos

A participação familiar no contexto escolar foi bem avaliada tanto pelas famílias quanto pela direção da escola, denotando a existência de uma estreita aproximação entre as duas instituições. O mesmo se observa nos dados relativos ao acompanhamento das tarefas escolares e extraescolares. As famílias se preocupam com as atividades desenvolvidas pelos filhos, é nítida a importância atribuída pelos pais às atividades escolares e extraescolares, que expressam a necessidade de acompanhar e dar suporte aos filhos nestas tarefas. Porém os resultados dessa pesquisa apresentam duas facetas desse acompanhamento e uma heterogeneidade das suas condições e modos. Por um lado, relatos evidenciam as angústias de alguns pais que não têm condições culturais (baixa escolaridade), nem socioeconômicas (recurso financeiro para pagar aula de reforço, por exemplo) para acompanhar e ajudar a prole nos deveres de casa e em outras tarefas. Por outro, famílias com maior capital cultural e socioeconômico utilizam estas atividades como forma de avaliar a escola e a aprendizagem dos filhos, e consideram as tarefas extraescolares como um reforço do que foi ensinado em sala de aula. Dessa forma, as distintas famílias lidam com este fator de forma diferente, merecendo assim, atenção sociológica diferenciada, adentrando os contextos familiares e observando as nuances.

No tocante ao desempenho e à trajetória escolar, de forma geral, as famílias apresentam altas expectativas em relação aos filhos, esforçando-se e desenvolvendo estratégias que visem ao êxito escolar da prole. Contudo o investimento de tempo, de energia e de recursos financeiros estão estritamente relacionados com as condições

socioeconômicas, culturais e as chances objetivas, que variam de acordo com a obtenção ou não desses bens.

Nesse contexto, chamamos, por último, a atenção para o fato de que pensar sobre a “escolha” e as formas de acompanhamento da escolarização da prole constitui-se uma importante perspectiva de estudo acerca da relação entre família e escola. Nesse caso, ressaltamos o papel ativo das famílias no seu processo de busca e escolha pelo estabelecimento que elas julgam atender suas expectativas, e a forma de investimento na escolarização dos filhos. Esses processos se modificam em alguns aspectos devido à obtenção/detenção ou não de determinados capitais (cultural, econômico), que contribuem para a manutenção ou ascensão social, bem como para a repartição desigual desses capitais na sociedade. Dessa forma, uma única motivação seria insuficiente para definir o que levou as famílias a escolherem a escola em foco, uma vez que este processo de escolha envolve tanto as particularidades de cada grupo familiar e as complexas combinações em torno das expectativas individuais de cada família, quanto também o tipo e a distribuição da oferta escolar disponível a essas famílias em um determinado território.

Algumas limitações devem ser observadas neste estudo com o intuito de serem trabalhadas e aperfeiçoadas em pesquisas futuras. Uma delas seria a análise mais profunda do contexto e das dinâmicas familiares, por meio de uma observação atenta das práticas e estratégias desenvolvidas no interior das diferentes famílias.

O que foi realizado nesta pesquisa são análises e reflexões que contribuem e abrem outras possibilidades analíticas sobre o tema, as quais ainda estão longe de serem esgotadas; ao contrário, revelam novos caminhos para entendermos diferentes facetas da relação família escola.

REFERÊNCIAS

ANGELUCCI, Carla Biancha, KALMUS, Jaqueline; PAPARELLI, Renata; PATTO, Maria Helena Souza. **O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar.** Educação e pesquisa, v. 30, n. 1, p. 51-72, 2004.

BARBOSA, Maria; RANDALL, Laura. **Desigualdades sociais e a formação de expectativas familiares e de professores.** Caderno CRH, Salvador v. 17, n. 41, p.299-308, 2004.

BARROSO, João; VISEU, Sofia. **A emergência de um mercado educativo no planejamento da rede escolar:** de uma regulação pela oferta a uma regulação pela procura. Educação & Sociedade. Revista de Ciências da Educação, p. 897-921, 2003.

BONAMINO, Alicia; ALVES, Fátima; FRANCO, Creso. **Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar:** um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 45, 2010.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **Les héritiers: les étudiants et la culture.** Paris: Minit, 1964.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **La reproduction. Eléments pour une théorie du système d'enseignement.** Paris: Éditions de Minit, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas.** Editora Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura.** Escritos de educação, v. 9, p. 41-64, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Editora Zouk, 2008.

BRUEL, ANA LORENA; LISBOA BARTHOLO, TIAGO. **Desigualdade de oportunidades educacionais na rede pública municipal do Rio de Janeiro:** transição entre os segmentos do ensino fundamental. Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 50, 2012.

CAMPOS, Maria Malta et al. **A contribuição da educação infantil de qualidade e seus impactos no início do ensino fundamental.** Educação e Pesquisa, v. 37, n. 1, p. 15-33, 2011.

CONTI, Celso Luiz Aparecido. MARCATO, Célio Tiago. **Justiça e igualdade na escola:** a falácia da meritocracia. Devir Educação, v.1, n.1, p. 66-74, 2017.

COSTA, Marcio da; KOSLINSKI, Mariane Campelo. **Entre o mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro.** Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 31, p. 133-201, 2006.

COSTA, Marcio da. **Prestígio e hierarquia escolar:** estudo de caso sobre diferenças entre escolas em uma rede municipal. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 39, 2008.

COSTA, Márcio da. *Famílias e acesso diferenciado a escolas públicas prestigiadas: um estudo de caso*. Educ. rev, v. 26, n. 2, p. 227-247, 2010.

COSTA, Marcio da; KOSLINSKI, Mariane Campelo. **Quase-mercado oculto**: disputa por escolas “comuns” no Rio de Janeiro. Cadernos de Pesquisa, v. 41, n. 142, p. 246-266, 2011.

COSTA, Marcio da; KOSLINSKI, M. **Escolha, estratégia e competição por escolas públicas**. Pro-Posições, Campinas, v. 23, p. 195 - 213, 2012.

COSTA, Marcio da; ALVES, Maria Teresa Gonzaga; MOREIRA, Amanda Morganna; SÁ, Thaila Cristina Dopazzo. Oportunidades escolares: Famílias e escolas em um sistema escolar desigual. In: ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir. **Família e escola**: novas perspectivas de análise. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 131-164.

CRAHAY, Marcel. **Poderá a escola ser justa e eficaz**. Da igualdade das oportunidades à igualdade dos conhecimentos. Lisboa: Instituto Piaget, p.9-91, 2002.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. *Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola*. Psicologia escolar e educacional, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005.

DIOGO, Ana Matias. **Dinâmicas familiares e investimento na escola à saída do ensino obrigatório**. Interações, v. 2, n. 2, p. 87- 112 2006.

DIOGO, Ana Matias. **Do envolvimento dos pais ao sucesso escolar dos filhos**: mitos, críticas e evidências. Revista Luso-Brasileira de Sociologia da Educação, v. 1, n. 1, 2010.

ÉRNICA, Maurício; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **A escola, a metrópole e a vizinhança vulnerável**. 2012.

Gil, António Carlos (2008) **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. Editora Atlas S.A. São Paulo. Brasil.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2017** / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2016** / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>

KOSLINSKI, Mariane Capelo; ALVES, Fatima. **Novos olhares para as desigualdades**

de oportunidades educacionais: a segregação residencial e a relação favela-asfalto no contexto carioca. *Educação & Sociedade*, v. 33, n. 120, 2012.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares.** As razões do improvável. Editora Ática, 2007.

LAREAU, Annete. **A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias brancas e negras.** *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 46, p. 04-71, 2007.

LELIS, Isabel. **O significado da experiência escolar para segmentos das camadas médias.** *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 125, p. 137-160, 2005.

MACKEY, Letícia; REGANHAN, Simone Gonçalves. **A importância da educação infantil no processo de escolarização.** *Revista Ensaios & Diálogos*, v. 13, p. 64, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento, e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretações de dados. 7.ed, São Paula, 2009.

MARTELETO, Letícia J. **O papel do tamanho da família na escolaridade dos jovens.** *Revista Brasileira de Estudos da População*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 159-177, 2002.

MEDEIROS, Camila de S. Lanes; **Escolha, Redes Sociais E Oportunidades Escolares Em Angra Dos Reis.** Educação Pública no Rio de Janeiro, 2015. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Relação família-escola:** novo objeto na sociologia da educação. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 8, n. 14/15, p. 91-103, 1998.

NOGUEIRA, Maria Alice. **A relação família-escola na contemporaneidade:** fenômeno social/interrogações sociológicas. *Revista Análise Social*, vol. XL (176), p.563-578, 2005.

NOGUEIRA, Maria. **Família e escola na contemporaneidade:** os meandros de uma relação. *Educação & Realidade*, v. 31, n. 2, 2006.

NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e. **Pais professores e a escolarização dos filhos.** 2011. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

NOGUEIRA, Cláudio M. Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. *Bourdieu & a educação.* Autêntica, 2006.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Teses e dissertações sobre a relação família-escola no Brasil (1997-2011):** um estado do conhecimento. In: 37 Reunião Nacional da ANPED, 2015, Florianópolis - SC. Anais da 37 reunião Científica da ANPED. Florianópolis - SC: ANPED, v. 1. p. 1-21, 2015.

NOGUEIRA, Maria Alice; ABREU, Ramon Correa. **Famílias populares e escola**

pública: uma relação dissonante. Educação em revista, Belo Horizonte, v.39, p. 41-60. Jul. 2004.

NOGUEIRA, Maria Alice. No fio da navalha: a (nova) classe média brasileira e sua opção pela escola particular. In: ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir. **Família e escola:** novas perspectivas de análise. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 109-130.

NOGUEIRA, Cláudio M. Martins; RESENDE, Tânia de Freitas; VIANA, Maria José Braga. **Escolha do estabelecimento de ensino, mobilização familiar e desempenho escolar.** Revista Brasileira de Educação, v. 20, n. 62, 2015.

NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e; NOGUEIRA, Maria Alice. **Quando os professores escolarizam os filhos na rede pública de ensino:** da inevitabilidade à colonização. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 33, p. 1-26, 2017.

OLIVEIRA, Rosilane Katia de. **Entre a casa e a escola:** práticas educativas familiares de pais professores homens. 2018.

OLIVEIRA, Leonardo Rodrigues de. **Dinâmicas Locais e atos parentais de escolha de estabelecimentos de ensino público estaduais reputados em Viçosa (MG).** Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Viçosa, 2015.

OLIVEIRA, Romualdo Portela; DE ARAUJO, Gilda Cardoso. **Qualidade do ensino:** uma nova dimensão da luta pelo direito à educação. Red Revista Brasileira de Educação, n.28, p.5-23, 2005.

PAIXÃO, Lea Pinheiro. **Escolarização: estratégias instrumentais e identitárias.** Atos de pesquisa em educação, v. 2, n. 1, p. 23-51, 2007.

PASTORE, J. e VALLE SILVA, N. **Mobilidade social no Brasil.** São Paulo: Makron Books, 2000.

PATTO, Maria HS. **A produção do fracasso escolar.** São Paulo: TA Queiroz, 1993.

PATTO, Maria Helena Souza. **O fracasso escolar como objeto de estudo:** anotações sobre as características de um discurso. Cadernos de pesquisa, v. 65, p. 72-77, Maio 1988.

PAULA, Gustavo Bruno de. **A influência do território sobre as escolhas escolares das famílias:** um estudo em uma região da periferia de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

PEREIRA, Aline Juliana De Souza. **Três Famílias de camadas populares e a escolarização dos filhos:** entre estabelecimentos de ensino públicos e privados. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Viçosa, 2016.

PINTO, Juliana. **A escolha de escolas Waldorf por famílias das camadas médias.** Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

RESENDE, Tânia de Freitas. “Coragem para a luta”: desafios e potencialidades da relação escola-famílias. Cadernos CENPEC, v. 4, n. 6, 2009.

RESENDE, Tânia de Freitas; NOGUEIRA, CLÁUDIO M. Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares.** Educação & Sociedade, v. 32, n. 117, 2011.

RESENDE, Tânia de Freitas. Pela “janela” do dever de casa, o que se vê das relações entre escolas e famílias? In: ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir. **Família e escola novas perspectivas de análise.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 199-215.

RIBEIRO, Vanda Mendes; VÓVIO, Cláudia Lemos. **Desigualdade escolar e vulnerabilidade social no território.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2, p. 71-87, set. 2017.

ROMANELLI, Geraldo. Levantamento crítico sobre as relações entre família e escola. In: ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir. **Família e escola: novas perspectivas de análise.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 29-60.

SANFELICE, José Luís; SIQUELLI, Sônia Aparecida. **Desafios à democratização da educação no Brasil contemporâneo.** Uberlândia: Navegando Publicações, 2016.

SCALON, M.C. **Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências.** Rio de Janeiro: Revan, 1999.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade.** Educação & Sociedade, v. 26, n. 90, p.77-105, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** Cortez editora, 2007.

SINGLY, François de. **"Sociologia da família contemporânea."** *Sociologia da família contemporânea.* Rio de Janeiro :FGV, 2007.

SOARES, José Francisco; COLLARES, Ana Cristina Murta. **Recursos familiares e o desempenho cognitivo dos alunos do ensino básico brasileiro.** Dados-Revista de Ciências Sociais, v. 49, n. 3, 2006.

SOUZA, Fernanda de lima. **A escolha de um estabelecimento de ensino católico por algumas famílias moradoras do méier: a pluralidade do ato de escolher** Rio de 2012. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SZYMANSKI, Heloisa. **Entrevista reflexiva; um olhar psicológico para entrevista em pesquisa.** Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, n. 10/11, 2000.

TEIXEIRA, Inês. Da condição docente: primeiras Aproximações teóricas, in: Educação e Sociologia. Campinas, vol. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007.

THIN, Daniel. **Para uma análise das relações entre famílias ara uma análise das**

relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, p. 211, 2006.

TORRES, Haroldo da Gama et al. **Educação na Periferia de São Paulo:** ou como pensar as desigualdades educacionais? A cidade contra a escola? Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina, p. 59 ci 90, 2008.

VALLE, Ione Ribeiro; RUSCHEL, Elizete. **A meritocracia na política educacional brasileira (1930-2000).** *Revista Portuguesa de educação*, v. 22, n. 1, p. 179-206, 2009.

VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: Algumas condições de possibilidades. In NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. **Família e escola:** trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2011, 45-60.

ZAGO, Nadir. **Relação escola-família: elemento de reflexão sobre um objeto de estudo em construção.** *Revista de Ciências Humanas, Florianópolis*, v. 12, n. 16, p. 11-25, 1994.

ZAGO, Nadir. **Quando os dados contrariam as previsões estatísticas:** os casos de êxito escolar nas camadas socialmente desfavorecidas. *Paidéia*, v. 10, n. 18, 2000.

ZAGO, Nadir. Processo de escolarização nos meios populares: As contradições da obrigatoriedade. In NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. **Família e escola:** trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2011, 17-44.

ZANTER, H.-VAN A. **Stratégies utilitaristes et stratégies identitaires des parents vis-à-vis de l' école.** n.35,p.125-135, Printemps, 1996.

VAN-ZANTEN, Agnès. A escolha dos outros: julgamentos, estratégias e segregações escolares. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 409-434, dez. 2010.

APÊNDICE 1:QUESTIONÁRIO PARA AS FAMÍLIAS**Dados socioeconômicos e demográficos:**

1.Qual o seu grau de parentesco com o/a aluno/a que estuda na escola pesquisada?

- pai
 mãe
 avó
 avô
 outro _____

2) Qual o seu grau de escolaridade?

- Ensino fundamental incompleto
 Ensino fundamental completo
 Ensino médio incompleto
 Ensino médio completo
 Ensino superior incompleto
 Ensino superior completo
 Pós graduação
 Sem escolaridade

3) Qual a sua ocupação Profissional?

4) Qual o Grau de escolaridade do seu cônjuge ou companheiro(a)?

- Ensino fundamental incompleto
 Ensino fundamental completo
 Ensino médio incompleto
 Ensino médio completo
 Ensino superior incompleto
 Ensino superior completo
 Pós graduação
 sem escolaridade

5) Qual a ocupação profissional do cônjuge ou companheiro/a?

6) Qual a renda familiar? (incluindo todos os provimentos de todos os membros da família que residem na mesma moradia):

- 1 a 2 salários mínimo (954,00 a 1.908,00)
 2 a 3 salários mínimo (1.908,00 a 2.862,00)
 3 a 4 salários mínimo (2.862,00 a 3.816,00)
 4 a 5 salários mínimo (3.816,00 a 4.770,00)
 5 salários mínimo ou mais (4.770,00 ou mais)

7) Número de pessoas que moram na casa:

8) Há presença de pai e mãe no ambiente familiar:

- Sim Não

9) Número de filhos:

10) Para cada um dos filhos (as) forneça as seguintes informações:

	Sexo	Idade	Está na escola?	Está cursando qual série?	Tipo de estabelecimento de ensino
1	() F () M		() Sim () Não		() Público () Particular
2	() F () M		() Sim () Não		() Público () Particular
3	() F () M		() Sim () Não		() Público () Particular
4	() F () M		() Sim () Não		() Público () Particular
5	() F () M		() Sim () Não		() Público () Particular
6	() F () M		() Sim () Não		() Público () Particular
7	() F () M		() Sim () Não		() Público () Particular
8	() F () M		() Sim () Não		() Público () Particular

11) A que distancia da sua casa, aproximadamente, fica a escola pesquisada?

- () Na mesma rua
 () No mesmo bairro
 () Em outro bairro. Qual? _____
 () Em outra cidade. Qual? _____

12) Tipo de Moradia:

- () Aluguel () Casa Própria () Casa cedida

13) Há quanto tempo mora no endereço atual:

Questões relacionadas à escolha da escola

14) Seu filho (a) fez educação infantil?

- () Sim () Não

15) Se fez, foi em escola:

- () Pública () Particular

16) Em qual série seu filho **começou a estudar** na Escola pesquisada?

- () Educação Infantil
 () 1º série
 () 2º série
 () 3ª série
 () 4ª série
 () 5ª série

17) Por que vocês escolheram a escola pesquisada para escolarizar seu(s) filho(s)? Marque os principais motivos que o levaram a escolher esta escola (motivos mais importantes).

- () Estudei na escola.
 () É uma escola bem falada na cidade.
 () Meu filho terá boas companhias.

- () Os alunos dessa escola sempre conseguem vagas em outras boas escolas.
 () A escola tem atenção especial com cada aluno.
 () A escola oferece ensino de boa qualidade.
 () A escola é aberta ao diálogo com os pais.
 () A escola exige muito do aluno.
 () A escola fica perto de casa.
 () A escola exige disciplina e bom comportamento dos alunos.
 () A escola oferece aulas de reforço quando o aluno precisa.
 () O espaço e as instalações da escola são muito bons.
 () A escola oferece boas opções de atividades extras.
 () Nessa escola eu ganho bolsa família.
 () A escola não faz greve.
 () Não faltam professores na escola.
 () Há segurança no ambiente escolar.
 () Havia um parente estudando na escola.
 () Um conhecido ou parente me falou bem da escola.

Outros motivos:

18) Quantos filhos estudam ou estudaram na Escola Estadual (nome da escola)?

- () um filho () dois filhos () três filhos () quatro filhos ou mais

19) A matrícula dos filhos na escola foi feita pelo cadastro escolar?

- () sim () não

Se a matrícula não foi feita pelo cadastro escolar, por quais meios foi realizada?

20) Vocês (pais e familiares) chegaram a cogitar em algum momento fazer a matrícula dos filhos em escola privada (particular) ?

- () sim () não

21) Se pensaram em fazer a matrícula em escola privada, porque não o fizeram?

22) Você gostaria que seu/sua filho/a continuasse a estudar nesta escola até o final do 5º ano?

- () sim () não

23) Você pensa em mudá-lo de escola antes do 5º ano?

- () sim () não

Por que?

Muito obrigada pelas informações.

Na segunda etapa da pesquisa, faremos entrevistas com alguns pais e mães. Se você puder e quiser contribuir com a pesquisa nos fornecendo uma entrevista, coloque abaixo o seu telefone de contato:

Telefone de Contato: _____

APÊNDICE 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A DIRETORA**Dados gerais:**

- 1) Qual é sua formação? Onde e quando se formou?
 - 2) Há quanto tempo está na direção da escola? Você já exerceu outros cargos/funções nesta escola? Quais?
 - 3) Quantos alunos a escola possui? Quantas turmas? Funciona em quantos turnos?
 - 4) Quantos professores e demais profissionais?
-

A escola e as famílias atendidas:

- 5) A escola atende alunos de quais regiões da cidade? De onde são essas famílias?
 - 6) Como você vê essas famílias que a escola atende?
 - 7) Em relação à participação das famílias na vida escolar dos filhos, como são as famílias atendidas pela escola? Qual o tipo de família que você considera mais participativa?
 - 8) Qual é a relação da escola com as famílias dos alunos? A escola desenvolve ações para interagir com as famílias? Que tipo de ações?
 - 9) Existem dificuldades no relacionamento da escola com as famílias? Quais são essas dificuldades?
-

O processo de matrícula dos alunos:

- 10) Esta escola está localizada no centro da cidade. Ela é muito procurada pelas famílias para matricular os seus filhos? Por que você acha que isso acontece?
- 11) De que forma são feitas as matrículas dos alunos? Explique como é feito o processo das matrículas nesta escola. (cadastro escolar, sorteio, ordem de chegada, etc.).
- 12) A escola sempre fez esse processo de matrícula do mesmo jeito? Já foi diferente? Como era antes? O que você considera que ainda precisa ser modificado nesse processo?
- 13) Quando há muita procura pelas vagas, há algum processo seletivo? Como ele é feito?
- 14) Que motivos você atribui a escolha desta escola pelas famílias? Por que eles matriculam seus filhos aqui?
- 15) Depois que a matrícula é realizada, há uma conversa com as famílias sobre a escola e seu funcionamento? Como isso é feito?

APÊNDICE 3: ROTEIRO- ENTREVISTA COM AS FAMILIAS

Roteiro de entrevista – Famílias

Entrevistado

() PAI

() MÃE

() OUTRO FAMILIAR RESPONSÁVEL

DADOS INICIAIS:

Nome do pai/ idade:

Nome da mãe/ idade:

Endereço:

Telefones para contato:

Casados? [] sim Há quanto tempo? _____ anos [] não

Número de filhos:

Quantos na Escola estadual pesquisada?

Nome/ Idade / Série

Quantos em outra escola?

Nome/ Idade / Série

Escolaridade do pai:

Atuação profissional atual do pai:

Escolaridade da mãe:

Atuação profissional atual:

Renda familiar mensal:

Sobre a escolha do estabelecimento escolar:

1- Conte sobre a sua escolarização: em que tipo de escola estudou (pública ou privada, seu porte), e como foi seu contato com essa(s) instituições, como você se saía na escola.

2- Como vocês conheceram a escola onde seu (s) filho (s) estuda (m)?

3- Antes de matricular seu filho nesta escola, o (s) senhor (es) tomaram alguma medida para conhecê-la melhor?

4- - Na época desta escolha, vocês pensavam na possibilidade de optar por outras escolas? Quais? Por que?

6- Quais fatores influenciaram a escolha pela escola em questão? Qual a principal razão?

7- A opção pela escola por esta foi consensual na família? Se não, quais os pontos de

conflito?

8- Quais pontos são considerados positivos sobre a escola pesquisada onde seu(s) filho(s) estuda(m)?

9- E quais os pontos negativos?

10- Planejam manter seu(s) filho(s) nesta escola no próximo ano? Por que?

11- Pensam sobre escola qual(is) escola(s) seu(s) filho(s) estudará(ão) após sair(em) dessa escola?

12- Para onde pensam encaminhar seu(s) filho(s)? Por que?

13- Nos casos em que a família possui filhos estudando em outra escola:

A) Dese que séries ele frequenta a atual escola?

B) Porque optaram por esta escola?

C) Vão mantê-lo no próximo ano? Por que?

Estilo de vida familiar

1. Quais atividades os filhos praticam regularmente fora do horário de aula?

2. Os pais desenvolvem alguma atividade além do trabalho (ex. aula de ginástica, cursos etc.)? Quais?

3. O que a família faz no seu tempo livre? E a(s) criança(s)?

4. O que a família costuma fazer os finais de semana? As crianças estão sempre junto? O que elas costumam fazer?

5. Sobre o uso do computador e televisão:

A) A família tem computador em casa?

B) As crianças utilizam o computador? Como e quando?

C) Têm televisão em casa?

D) Quais os horários e situações que as crianças assistem à televisão?

E) Quais os programas de preferência da família? E das crianças?

F) Os pais exercem algum outro tipo de controle sobre o uso do computador e da televisão (e celular)?

Acompanhamento e mobilização familiar:

1. Houve alguma mudança nos hábitos ou rotina familiares, ou seja, no dia a dia da família, após a entrada do(s) filho(s) na Escola pesquisada? Que tipo de mudanças aconteceram?

2 – Quem leva as crianças para a escola? Qual o meio mais comumente utilizado no transporte do(s) filho(s) para a escola?

3- O que pensa sobre a participação dos pais nessa escola de modo geral?

4. Que tipo(s) de contato os senhores mantêm com a escola de seu filho?
- C) Os senhores tomam iniciativa do contato? Com que frequência e por quais motivos?
 - D) Quando procuram a escola, como são recebidos? Com quem costumam conversar?
 - E) O que vocês pensam sobre os resultados que obtêm quando procuram a escola por algum motivo relacionado ao seu filho?
- 5.- Em relação às tarefas escolares de seu(s) filho(s):
- A) Qual a sua opinião quanto à quantidade e qualidade dos mesmos?
 - B) Qual é seu comportamento mais frequente frente às tarefas escolares de seu(s) filho(s)?
 - C) Quem acompanha as tarefas escolares? Como isso é feito?
 - D) Além das tarefas que a escola manda, seus filhos fazem algum outro tipo de atividade no dia a dia? (cursos de língua, esportes, aulas de música, reforço, aulas particulares, etc.)
 - E) Seu(s) filho(s) apresenta algum tipo de dificuldade na escola? Como é o desempenho dele nas matérias escolares?
 - F) Quando seu filho apresenta alguma dificuldade na escola, como vocês agem?
- 6- Na sua opinião, seu(s) filho(s) precisa(m) estudar até que nível de ensino? A escola pesquisada prepara para isso? Como?